**Universidade de São Paulo – USP
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais**

ANDRÉ FELIPE DE SOUSA ALMEIDA

***O Navio-Fábrica Caranguejeiro, de
Kobayashi Takiji: tradução e
considerações***

**São Paulo, SP
2016**

ANDRÉ FELIPE DE SOUSA ALMEIDA

***O Navio-Fábrica Caranguejeiro, de
Kobayashi Takiji: tradução e
considerações***

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Orientais
da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de
Mestre.

Área de concentração: Língua,
Literatura e Cultura Japonesa

Orientadora:

Prof.^a Dr^a Neide Hissae Nagae

**São Paulo, SP
2016**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

An Almeida, André Felipe de Sousa
O Navio-Fábrica Caranguejeiro, de Kobayashi
Takiiji: tradução e considerações / André Felipe de
Sousa Almeida ; orientadora Neide Hissae Nagae. -
São Paulo, 2016.
188 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. Kanikōsen. 2. Kobayashi Takiiji. 3.
Literatura Japonesa. 4. Literatura Proletária. 5.
Tradução. I. Nagae, Neide Hissae, orient. II. Título.

Nome: ALMEIDA, André Felipe de Sousa

Título: *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, de Kobayashi Takiji: tradução e considerações

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Neide Hissae Nagae, pela colaboração na produção deste trabalho e pelo apoio e incentivos de sempre.

Aos professores avaliadores por terem aceitado o convite para participar da banca deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Onishi Yasumitsu, da Universidade de Mie, pelas maravilhosas aulas e por me introduzir à literatura de Kobayashi Takiji.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio concedido.

Ao Centro de Estudos Japoneses da USP, pela contribuição dada a esta pesquisa, através do acesso aos acervos bibliográficos.

A meu chefe Prof. Dr. Luciano Maia, que gentilmente me concedeu férias para que eu concluísse esse trabalho e à querida colega Maria da Guia, pelas mensagens de incentivo.

A meus amados pais, Fernanda e Edvaldo pelo apoio incondicional a meus projetos.

RESUMO

ALMEIDA, André Felipe de. ***O Navio-Fábrica Caranguejeiro, de Kobayashi Takiji: tradução e considerações.*** 2016, 175 f. Dissertação (Mestrado em Língua Literatura e Cultura Japonesa) – Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A proposta do presente trabalho consiste na tradução para o português do romance *Kanikōsen* (*O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, 1929) de Kobayashi Takiji. Para chegar ao objetivo proposto, procedemos uma historização da vida e obra de Kobayashi Takiji, no sentido de compreendermos a trajetória literária do autor, seu envolvimento no movimento proletário e o contexto sócio-político em que o romance foi escrito. Visando introduzir *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* ao leitor deste trabalho, são feitos alguns apontamentos sobre o romance: uma apresentação de seu tema e narrativa, um breve levantamento histórico de seu surgimento, suas repercussões no Japão e no mundo, e um levantamento e comentário crítico da obra.

Palavras-chaves: *Kanikōsen*. Kobayashi Takiji. Literatura Japonesa. Literatura Proletária. Tradução.

ABSTRACT

ALMEIDA, André Felipe de. ***The Crab Cannery Ship, by Kobayashi Takiji: translation and considerations.*** 2016, 175 f. Dissertation (Master degree in Language, Literature and Japanese Culture) – Department of Oriental Letters, Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, Universidade de São Paulo (São Paulo University), São Paulo, 2016.

The purpose of this work is the translation of the novel *Kanikōsen* (The Crab Cannery Ship, 1929) by Kobayashi Takiji into Portuguese. To reach the proposed objective, we made a historical research about the life and work of Kobayashi Takiji, to understand the literary trajectory of the author, his involvement in the proletarian movement and the socio-political context in which the novel was written. In order to introduce *The Crab Cannery Ship* the reader of this work, we are made some observations about the novel: a presentation of its theme and narrative, a brief historical research of its appearance, its impact on Japan and around the world, and a survey and critical commentary about the work.

Keywords: *Kanikōsen*. Kobayashi Takiji. Japanese Literature. Proletarian Literature. Translation.

CONVENÇÕES

1) Os termos de origem japonesa são transcritos neste trabalho utilizando-se o Sistema Hepburn, o qual possibilita que a escrita japonesa seja representada em alfabeto latino. Tal sistema representa os sons da língua japonesa de acordo com a pronúncia inglesa, o que gera problemas de pronúncia com a língua portuguesa. Para que não haja confusões, citamos abaixo os esclarecimentos sobre esse sistema, conforme o Dicionário Michalis Japonês-Português (2003)¹:

- "r" pronuncia-se como consoante alveolar, como em "caro" em português.

- "h" é pronunciado como aspirado, como em "hungry" em inglês;

- "e" e "o" são pronunciados com som fechado, como nas palavras "poema" e "onde";

- "w" é uma semivogal e tem som equivalente ao "u" da palavra "mau";

- "y" é uma semivogal e tem som equivalente ao "i" da palavra "mais";

- "s" é pronunciado como sibilantes, como "ss" e "ç" em português;

- "sh" tem som de "x" ou "ch", como em "chá";

- "ge" e "gi" pronunciam-se como "gue" e "gui", respectivamente;

- "ō", "ū" e "ei" são pronunciados como vogais longas como "oo", "uu", e "ee" respectivamente.

- "ch" se lê como "tch" em "tia", e "j" como "dj" em "dia".

¹ **Michaelis: Dicionário Prático Japonês-Português**, Ed. Melhoramentos e Aliança Cultural Brasil-Japão, Coord. Katsunori Wakisaka, São Paulo, 2003.

- “kk”, “tt”, “pp”, “ss” indicam uma pausa brusca entre uma sílaba e outra.

2) Os nomes próprios japoneses são escritos na ordem original, isto é, o sobrenome precedendo o prenome.

3) Entende-se como tradução nossa as passagens traduzidas no corpo do texto, quando não assinaladas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. KOBAYASHI TAKIJI: VIDA E OBRA	15
1.1. Infância e juventude	15
1.2. Takiji e o movimento proletário	18
1.3. Perseguição e morte	27
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NAVIO-FÁBRICA CARANGUEJEIRO .	32
2.1. Apresentação da obra	32
2.2. As origens	38
2.3. Reverberações no Japão e no Mundo.....	41
2.4. Sob o olhar da Crítica.....	46
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
4. TRADUÇÃO DE O NAVIO-FÁBRICA CARANGUEJEIRO	55
Um — A gente vai é pro inferno!	55
Dois	68
Três	81
Quatro.....	99
Cinco.....	117
Seis	133
Sete	140
Oito.....	148
Nove	154
Dez	161
Apêndice.....	177
4.1. Notas da tradução	178
Mapas:	187

INTRODUÇÃO

Durante o Período Taishō (1912-1926) em decorrência da crescente demanda por uma arte de massas, observou-se o surgimento de importante corrente literária do Japão ² que ficou conhecido como movimento da literatura proletária (*proletaria bungaku*). A vertente era composto por diversos escritores e intelectuais japoneses esquerdistas que tinham como objetivo usar a literatura como um instrumento para promover uma reforma estrutural na sociedade, ou mesmo uma revolução, em respostas às injustiças sociais.

Durante a década de 1920, o movimento proletário extrapolou as esferas de grupos políticos de esquerda, e ganhou grande espaço nas discussões acerca de literatura no país em diversos meios. Já no início da década de 1930, praticamente metade dos artigos publicados nas principais revistas “burguesas” foram escritos por membros da escola proletária (KEENE, 1976).

Com as fortes repressões promovidas pelo governo, começadas em 1928, o movimento proletário entrou em processo extinção. O colapso se deu com a morte de um dos principais nomes, o escritor Kobayashi Takiji (1903-1933), preso e torturado pela polícia em 1933. Sua morte fez com os demais membros da escola proletária se

² No Brasil, um movimento semelhante, porém em menor proporção, ocorreu durante a era Vargas (1920-1945), inaugurado pelo romance *O Gororoba* (1931), de Lauro Palhano, e que teve a adesão de grandes personagens da literatura nacional, como Oswald de Andrade, Jorge Amado e Raquel de Queiroz. (DE CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno. **Romance proletário em Rachel de Queiroz ou Vendo o lado de fora pelo lado de dentro**. Disponível em < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19026>>. Acessado em 02 de maio de 2016.)

sentissem intimidados pelo governo e que renunciassem suas atividades no movimento³.

Poucas das obras produzidas pela escola proletária receberam apreço dos críticos literários, mas a preocupação pelas pessoas das classes inferiores da sociedade, historicamente negligenciadas pelos escritores tradicionais japoneses, deram uma especial significância para estas obras. Destas, a que conquistou maior notoriedade foi o romance *O Navio-Fábrica de Caranguejeiro* (*Kanikōsen*, 1929) de Kobayashi Takij, considerada a obra mais representativa da literatura proletária do Japão (TAKAOKA, 1939; TOGAWA, 2008).

O Navio-Fábrica de Caranguejeiro, publicado em 1929 na revista *Bandeira Vermelha* (*Senki*) retrata a história de homens que trabalham sob condições desumanas a bordo do *Hakukō-Maru*, um navio-fábrica destinado a pesca e processamento de caranguejo.

A narrativa se passa nos gélidos e desolados mares ao norte do Japão e sudoeste da Rússia. Além de enfrentar as adversidades dessa região hostil, a tripulação, composta por trabalhadores simples vindos de regiões pobres do Japão, era obrigada a conviver com os perigos de navegar em uma embarcação em estado decrépito, com as condições insalubres de suas instalações e com a mão-de-ferro do temível superintendente Asakawa.

Ao decorrer da jornada, os homens eram alertados diversas vezes que deviam suportar o trabalho em “prol do Império do Japão”, e que seu sacrifício era em nome da soberania de sua nação sobre as colônias e, principalmente, sobre a Rússia, arqui-inimiga do império. Após longo período de maus-tratos e serem constantemente forçados a trabalhar sob tortura – física e psicológica –, o grupo de proletários arma um motim com o objetivo de reverter a terrível situação. O incidente, contudo, é fortemente repreendido pela guarda imperial que fazia a escolta do navio, resultando no fracasso dos trabalhadores e na prisão de seus líderes.

³ Fenômeno conhecido como *tenkō* (conversão).

Considerada subversiva pelas autoridades, *O Navio-Fábrica de Caranguejeiro* foi censurado pelo governo do Japão, desde o primeiro ano sua primeira publicação, em 1929. A mesma somente voltou a circular em sua versão completa apenas no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

O romance ressurgiu inesperadamente décadas depois, no final dos anos 2000, entrando para as listas dos livros mais populares no Japão (FIELD, 2008) e ganhando adaptações para o cinema, *mangá*⁴ e teatro, e traduções em diversas partes do mundo. O ressurgimento de *O Navio-Fábrica de Caranguejeiro* está associado com acontecimentos sociais e econômicos. Apesar de nunca ter sido inteiramente esquecido e, ocupar uma posição segura na história moderna do Japão como o produto literário mais bem conhecido do movimento proletário (CIPRIS, 2013), *Kanikôsen* transformou-se numa obra de referência de protesto social.

Levando em consideração tal importância de *O Navio-Fábrica de Caranguejeiro*, o presente trabalho se dedicou a traduzir a obra para o português. O objetivo nuclear da presente pesquisa é divulgar *O Navio-Fábrica de Caranguejeiro*, tornando-o acessível a leitores falantes de português não familiarizados com a língua japonesa, abrindo, desta maneira, a possibilidade de futuros estudos nas área da literatura proletária, e dos estudos japoneses como um todo.

No primeiro capítulo deste trabalho, será feito um levantamento histórico da vida e da produção literária de Kobayashi Takiji, tendo em vista situar o leitor ao contexto em que *O Navio-Fábrica de Caranguejeiro* foi escrito. Através da descrição biográfica do autor serão apresentadas sua trajetória literária, seu envolvimento no movimento proletário e o panorama sócio-político no qual o romance foi escrito.

No segundo capítulo, será feita uma introdução de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* ao leitor deste trabalho, por meio de

⁴ Revista em quadrinhos.

considerações acerca do romance. Esta uma apresentação será realizada, através da exposição do tema e da narrativa concernentes ao romance; de um breve levantamento histórico de sua aparição; de suas repercussões no Japão e no mundo; e de uma síntese do pensamento críticos e pesquisadores acerca da obra.

No terceiro capítulo, serão feitas as considerações finais, sintetizando nossas conclusões.

No quarto e último capítulo será apresentada a tradução para o português *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, apensado de algumas considerações sobre o processo tradutório.

1. KOBAYASHI TAKIJI: VIDA E OBRA

Os detalhes biográficos de Kobayashi Takiji podem ser considerados em si mesmos comuns e coerentes, mas, cobram significados e interesses se forem analisados sob a ótica de uma sociedade que passava por profundas mudanças, e cujo surgimento da consciência das massas compunha o cenário social do Japão de sua época. Para tanto, “um relato de sua vida constitui, na realidade, uma história da profunda influência exercida pela Revolução Russa de 1917 na sociedade japonesa” (MOTOFUJI, 1973, p. 11)⁵. Além disso, pode-se dizer que os acontecimentos importantes que, com o tempo, conduziram à conversão de Takiji ao comunismo, e, por conseguinte, à adesão ao movimento da literatura proletária, necessariamente adquirem muita importância à compreensão de sua obra.

1.1. Infância e juventude

Kobayashi Takiji nasceu no seio de uma pobre família camponesa na prefeitura de Akita, no pequeno vilarejo agrícola de Shimokawazoi, Prefeitura de Akita, em 10 de outubro de 1903⁶. Quando sua família perdeu sua pequena propriedade e o pouco dinheiro que possuía, um tio, espécie de chefe nominal da família, partira para Hokkaido, a mais setentrional das quatro ilhas principais

⁵ MOTOFUJI, Frank. In: TAKIJI, Kobayashi. **The Factory Ship and The Absentee Landlord**. Trad. Frank Motofuji. Seattle: University of Washington Press, 1973. Introduction, p.7-43, 1973.

⁶ Os dados bibliográficos deste capítulo foram consultados em: KOBAYASHI, Takiji. **Kobayashi Takiji Zenshū** (Coletânea de Kobayashi Takiji). Vol. 15. Tóquio: Shin Nihon Shuppansha 1972, p. 175-201.

do Japão. Lá, instalou-se em Otaru, cidade portuária localizada ao noroeste de Hokkaido, onde abriu uma padaria e prosperou.

Em 1907, a família Kobayashi emigrou para Hokkaido com ajuda deste tio, que financiou os estudos de Takiji na nova cidade. Este processo de emigração para as colônias do império era comum no início do século XX, segundo Komori (2013, p.1), e se deu em um estágio do sistema capitalista japonês, no qual trabalhadores agrícolas independentes e pequenos proprietários de terras, que entravam em falência financeira, perdendo suas terras, eram levados às colônias para se tornarem trabalhadores assalariados em regiões em vias de industrialização.

Em 1916, quando Takiji ingressou na Escola Comercial de Otaru (*Otaru Shōgyō Gakkō*), a Primeira Guerra Mundial se encontrava em seu terceiro ano. O Japão havia se unido aos países Aliados (União Soviética, os Estados Unidos e o Império Britânico) contra a Alemanha e Áustria, fornecendo-lhes, na sua condição de potência naval regional, navios de carga e transporte. Tal acontecimento proporcionou um “embriagante período de prosperidade” (MOTOFUJI, 1973, p. 12) ao Império Japonês.

Em 1917, ao estalar da Revolução Russa, Otaru – que de pacata aldeia de pescadores com uma população de aproximadamente 2000 ainus⁷ no princípio da era Meiji (1867-1902), em um período de quarenta anos havia passado a ser um importante centro marítimo com mais de 90000 residentes – tornou-se um dos pontos de embarque para as tropas japonesas enviadas à Sibéria,

⁷ Em Yezo [Hokkaido] a mais setentrional ilha do Império japonês vive um remanescente de um povo peculiar, chamado *ainu*, que são comumente considerados serem os primeiros habitantes de todo arquipélago. [...] Quando as classes dominantes da atual população japonesa, que é provavelmente uma mistura de malaios e hindus, ou até mesmo siameses, conquistaram o país, os *ainu* foram impelidos de suas terras natais para as ilhas nortenhãs, onde hoje podem ser encontrados, contabilizando uma população de não mais que 5000 indivíduos. (CARUS, Paul. **The Ainus.** Disponível em <<http://opensiuc.lib.siu.edu/ocj/vol1905/iss3/5/>>. Acessado em 02 de maio de 2016.)

ostensivamente, em ajuda às forças checas que haviam se aliado à Rússia czarista, mas que se voltaram contra os bolcheviques depois da revolução. A verdadeira razão para o envio desses militares, segundo Motofuji (1973, p. 12) era “colocar o exército japonês na posição de controlar a Sibéria oriental contra o Exército Vermelho”.

Em Hokkaido, como em outras partes do Japão, os preços dos artigos de primeira necessidade foram elevados, mas não os salários pagos aos trabalhadores, fato este que fez eclodir inúmeras greves trabalhistas em todo o país:

O número de greves em favor de salários mais altos aumentou de sessenta e quatro em 1915 a quatrocentas e dezessete em 1918. A partir de 1915 estavam sendo produzidas pequenas greves ilícitas nas minas de carvão de Hokkaidō. Em 1917, na Siderurgia Japonesa de Muroran, em Hokkaidō, teve lugar uma massiva greve de 4000 homens, que serviu de estopim de outras greves em todo o país. Posteriormente, uma revolta por causa do arroz, iniciada em 3 de agosto de 1918 pelas armas da casa de uma pequena aldeia de pescadores em Toyama, prefeitura situada na costa do mar do Japão, provocou manifestações similares, que se propagaram a duzentas e trinta e sete cidades, povos e aldeias durante os cinquenta e sete dias seguintes desde o início da mesma. Em setenta localidades se fez uso de tropas, e foram detidas e encarceradas cerca de 7000 pessoas. Em Hokkaidō, no verão e outono de 1918, se produziram quatro greves grandes, mas a repreensão policial, seguida da grande circulação de arroz para ser vendido a preços reduzidos, impediu que se intensificassem. (MOTOFUJI, 1973, p.12, 13)

A agitação operária alcançou um ponto culminante em 1919. Em 1921 constituiu-se a Federação Geral do Trabalho do Japão (*Nihon Rōdō Sōdōmei*), fruto da Sociedade da Amizade (*Yūaikai*), organização formada em 1912, que seria mais uma sociedade de ajuda mútua que de sindicato dos trabalhadores⁸. Como seu objetivo fundamental era promover e manter uma relação harmoniosa entre trabalhadores e administração, nem a Sociedade da Amizade, nem,

⁸ LARGE, Stephen S. **Nishio Suehiro and the Japanese Social Democratic Movement, 1920–1940.** Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/pdf/2053841.pdf>> . Acessado em 02 de maio de 2016.

posteriormente, a Federação se viu obstaculizada pela interferência oficial. A Federação tinha um programa que defendia, em 1921, o direito à organização de sindicatos, salários mínimos, jornada máxima de trabalho, igual remuneração para homens e mulheres no mesmo emprego, oportunidades e tratamentos iguais para os trabalhadores nativos e não nativos (coreanos), melhorias de habitação, restrição do poder judicial e o sufrágio universal masculino.

Em 1917 foi suprimido o Partido Socialista do Japão (*Nihon Shakaitō*), organizado em 1906, que somente retomou suas atividades em 1920, em que, depois de uma organização conhecida como União dos Socialistas do Japão (*Nihon Shakaishūgi Dōmei*), se uniram todos os nuances do espectro da ideologia progressista: socialismo, comunismo, anarquismo e sindicalismo. Porém o governo ordenou de imediato a dissolução desta união.

Tais foram os acontecimentos políticos que predominaram durante os anos da infância e juventude de Takiji em Hokkaidō.

1.2. Takiji e o movimento proletário

Durante os anos de 1921 e 1924, período no qual Takiji frequentou a Escola Comercial Superior de Otaru (*Otaru Kōtō Shōgyō Gakkō*), os seguintes acontecimentos tiveram lugar: em 1921 se criou a Associação dos Jovens (*Shinjinkai*), e com isso estabeleceu-se uma organização para dar voz a diversos estudantes combativos que, desde os anos de guerra, não possuíam uma causa pela qual lutar até então. Em 1922 fundou-se, então, o Partido Comunista do Japão (*Nihon Kyōsantō*), ao qual se sucedeu ao ano da formação da Aliança Juvenil Comunista do Japão (*Nihon Kyōsan Seinen Dōmei*). Nesse mesmo ano ocorreu a primeira prisão em massa de esquerdistas neste país, e, durante as consequências deixadas pelo terremoto de

Tóquio e o incêndio de setembro de 1923⁹, outra prisão massiva de coreanos e elementos considerados radicais.

A primeira publicação que serviu de voz ao movimento da Literatura Proletária, a qual começou a ganhar impulso por volta de 1917, foi *Os Semeadores* (*Tanemaku Hito*), revista fundada em 1921 como órgão que propunha apoiar à Revolução Russa, ao internacionalismo e à posição antibelicista do movimento *Clarté*¹⁰, de Henri Barbusse (1873-1935), mas que de maneira gradual havia assumindo uma tendência literária:

De fato, desde que os historiadores japoneses traçam as origens da literatura proletária no Japão ao surgimento de *Tanemaku Hito* (*Os Semeadores*) em 1921 por Komaki Ōmi, depois de seu engajamento com o movimento internacionalista e antibelicista *Clarté* na França, pode-se argumentar que o internacionalismo antibelicista é um dos princípios fundamentais da literatura proletária do Japão. Escritores à direita e esquerda nesse período concordavam que a expansão capitalista estava explorando as massas de trabalhadores e agricultores. A

⁹ O Terremoto de Kantō de 1923 (magnitude 8.1) foi um dos mais devastadores terremotos da história, matando cerca de 140000 pessoas nos arredores de Tóquio e Yokohama. A maioria das mortes e 95% das perdas materiais são atribuídas aos incêndios subsequentes ao terremoto, apesar do extensivo tremor e o *tsunami*. (WALD, David J.; SOMERVILLE, Paul G. **Variable-slip rupture model of the great 1923 Kanto, Japan, earthquake: Geodetic and body-waveform analysis**. Disponível em <<http://www.bssaonline.org/content/85/1/159.full.pdf+html>>. Acessado em 02 de maio de 2016.)

¹⁰ A ideia da fundação de um movimento internacional de mobilização dos intelectuais para uma luta política partiu da militância de Romain Rolland contra a Guerra, entre 1916 e 1917. Nos anos seguintes, Raymond Lefebvre, Paul Vaillant Couturier e Henri Barbusse lançaram um chamado pela criação de uma "Internacional do Pensamento" e de uma revista internacional cujo objetivo era, entre outros, combater "os preconceitos, os erros muito habilmente preservados e, sobretudo, a ignorância que separam e isolam os homens e permitiram até aqui lançá-los cegamente uns contra os outros." O grupo, bastante heterogêneo, foi denominado *Clarté* – nome de um romance de Henri Barbusse publicado naquele ano; logo deu origem a um jornal (1919-1921) e depois a uma revista de mesmo nome que circulou entre os anos de 1921 e 1928. A carta de princípios – expressa no primeiro número de outubro de 1919 – previa que a revista colaborasse para promover uma "revolução nos espíritos". (DE OLIVEIRA, Ângela Meireles. **O longo resplendor: a revista Claridad argentina desde a internacionalização dos grupos Clarté à militância antifascista na década de 1930**. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312915383_ARQUIVO_Olongoresplendor_final.anais.pdf>. Acessado em 02 de maio de 2016.)

forma com que se diferem, no entanto, é na avaliação do que deveria ser feito sobre isso. Aqueles à direita abraçaram a nação como sua prerrogativa, enquanto aqueles à esquerda renunciaram ao nacionalismo como ideologia do imperialismo burguês. A diáspora capital-imperialista dos japoneses colonos e empresários na Ásia continental fez com que escritores da direita e esquerda reavaliassem comunidades imaginárias. [...] Por fim, o que todas essas obras [proletárias] manifestam é a ansiedade aguçada com que o capital reduz a tudo e a todos em troca de valor, e eles estão decididos a explorar a significância de comunidades imaginárias – a nação e o proletariado – como coletivos que prometem porto-seguro das reduções globalizantes do capitalismo. (BOWEN-STRUYK, 2006, p.399)

Outras revistas de inclinação similar foram *Bungaku Sekai* (Mundo Literário) e *Shinkō Bungaku* (Nova Literatura), as quais tiveram surgimento em 1922. As três revistas deixaram de ser publicadas depois que tiveram seus meios e instalações destruídos pelo abalo e incêndio provocados pelo terremoto de 1923, mas alguns ativistas da *Os Semeadores* conseguiram editar números especiais que protestavam contra a matança de 3000 coreanos vítimas da histeria coletiva, quando em Tóquio e Yokohama correram rumores de que estes estavam a ponto de tirar proveito da confusão existente em ambas as cidades para se levantar em uma revolta armada contra os japoneses¹¹. Também lançaram números de protesto contra o assassinato pelas mãos da polícia dos dirigentes da Aliança Juvenil Comunista e de sindicatos.

Não é difícil imaginar o fervor, se não revolucionário, ao menos liberal, que dominou a juventude japonesa desse tempo. Os estudantes da Escola Comercial de Otaru não eram exceção, especialmente quando o corpo docente dessa escola era extremamente progressista, ao passo em que o diretor não o era. É possível afirmar que a linha de ação assumida pelos estudantes em

¹¹ RYANG, Sonia. **The great Kanto earthquake and the massacre of Koreans in 1923: Notes on Japan's modern national sovereignty.** Disponível em < <https://muse.jhu.edu/article/48527/pdf>>. Acessado em 02 de maio de 2016.)

1925, ano posterior à graduação de Takiji, é significativa. Nesse ano, conjuntamente com a ratificação da lei do sufrágio universal para adultos homens, a que por tanto tempo se havia tentado conquistar, aprovou-se uma lei que fazia obrigatório o treinamento militar nas escolas secundárias e universidades (HUNTER, 2014)¹². Em todos os lugares do Japão ocorreram manifestações de protestos contra essa lei, provocadas pela objeção feitas pelos estudantes da Escola Comercial de Otaru a um problema militar maquinado pelos oficiais adjuntos desta escola. Os estudantes foram obrigados a cessar hipóteses de anarquistas e coreanos que se supunham ocorrer logo depois de um forte tremor de terra que houvera interrompido todas as funções normais da cidade. No manual falava-se destes rebeldes como “inimigos”. Era demasiado evidente que o problema tomava como antecedentes o pânico e desordem que se sucederam ao terremoto de 1923. Os sindicatos e as organizações coreanas de Otaru se uniram aos protestos dos estudantes. Ao não responderem às autoridades escolares, os estudantes enviaram convocações a escolas de todo Japão para que lhes prestassem apoio. Este foi o sinal para que se produzissem protestos similares em outros centros docentes, assim como entre organizações operárias e cooperativas agrárias. Em última análise, no entanto, a aplicação da Lei de Preservação da Segurança Pública (*Chian Iji Hō*)¹³ pôs um fim às

¹² HUNTER, Janet. **The emergence of modern Japan: an introductory history since 1853**. Londres: Routledge, 1989. p. 272..

¹³ A Lei de Preservação da Segurança Pública (*Chian Iji Hō*) de 1925 foi promulgada em 12 de maio daquele ano, sob a administração de Katō Takaaki, especialmente contra o socialismo, comunismo e anarquismo. Foi uma das mais significantes leis do Japão pré-guerra.

A Força principal por trás da lei foi o ministro da justiça (e futuro primeiro ministro) Hiranuma Kiichirō.

“Aquele que formar associação que subverta o *kokutai*, ou sistema privado de propriedade, e aquele que unir-se a uma associação que tenha plena consciência de seus objetivos, deverá ser encarcerado com ou sem trabalho forçado, por um período não excedente de dez anos.”

manifestações no solo de Otaru, bem como em outros lugares, e dezenas de dirigentes estudantis foram presos.

Em 1924, ano de sua graduação, Takiji conseguiu um emprego no Banco Colonial de Hokkaido (*Hokkaidō Taku Ginkō*) em Sapporo. De imediato lhe transferiram à filial do banco em Otaru.

Cerca de cinco anos antes, Takiji Havia cogitado a ideia de converter-se em pintor e havia se vinculado a um grupo de artistas que pintava ao estilo europeu. Quando a arte começou a afetar seus estudos, seu tio emitiu um ultimato: teria que abandonar a pintura. No conto *Ishi to suna* (*Pedras e Areia*), Takiji descreveu a cena em que seu tio dizia:

— Irá abrandar seu cérebro se se dedicar demasiado à arte. Veja o filho de K. Se mudou para Tóquio pela carreira, com a ideia de ser pintor, e justamente quando sua família se dispunha a se desentender com ele, regressara. Então ele pediu dez mil ienes para seu pai e se foi para a Europa. Tem agora trinta ou quarenta anos e nem sequer conseguiu uma esposa. Quer ser um idiota como ele? Se quiser ganhar sua vida com seu cérebro, vai estudar! Deixe a pintura!

O menino havia se mantido em silêncio até então, mas, ante a isto, levantou o olhar, sobressaltado:

— Está me dizendo para abandonar a pintura?

— Sim. Não necessita de pinturas. Mas como terá um colapso nervoso se estudar demasiado, de vez em quando vou deixar-lhe fazer um esboço.

— Mas eu... — O menino não encontrava palavras. Estava consternado diante da impassível obstinação de seu tio. O menino jamais poderia imaginar que teria que abandonar a pintura, sua gloriosa vocação. “Nada me deterá”, pensou, mas não era político discutir com seu tio sobre arte nesse momento, assim manteve um obstinado silêncio.

— Basta eu voltar as costas, para você se descuidar de seus estudos e se inflar todo com suas ideias fúteis!

O menino saiu sem tocar na metade de seu jantar. Levantou-se da mesa, recolheu seus livros, dirigiu-se ao aposento que lhe estava reservado e começou a trocar de

Usando-se o termo extremamente vago e subjetivo de *kokutai*, a lei tentava mesclar política e ética, mas o resultado foi que qualquer oposição política poderia ser rotulada como “subversão ao *kokutai*”. Dessa maneira o governo tinha carta branca para proibir qualquer forma de dissidência. (MCCLAIN, James L. **Japan, a modern history**. Nova Iorque: WW Norton & Company, 2002. p 390.)

roupa. Quando estava sozinho, lágrimas surgiram inesperadamente em seus olhos e correram pelas bochechas. Todas as emoções que o estavam dominando emergiram de um modo brusco, e deixou que as lágrimas fluíssem sem controle.¹⁴

Frustrada sua ambição em se converter em pintor, Takiji encontrou na literatura saída para suas energias criadoras. Em 1924, ano em que começou a trabalhar no banco, ele e seus amigos fundaram a revista *Clarté* nomeada conforme a novela de Barbusse e ao movimento fundado por este. Takiji escreveu vários contos para a revista antes da desapareição da mesma em 1926, época em que o jovem dirigia seus olhares para Tóquio: sua escrita para uma pequena revista local já não lhe era suficiente. *Bungei Sensen* (*Fronte Literária*), revista que se tornaria a mais famosa do movimento da literatura proletária, havia começado a ser publicada em 1924 como sucessora de *Os Semeadores* e atraía os principais escritores esquerdistas de seu tempo.

Em 1925, Takiji partiu em direção a Tóquio com o propósito de submeter-se em um exame de ingresso na Universidade de Comércio de Tóquio (*Tōkyō Shōka Daigaku*). Não informou sua família do plano, a fim de evitar a desilusão da mesma caso viesse a fracassar no teste. Quando assim ocorreu, Takiji, ao que parece, não se decepcionou muito pelo resultado; do contrário, pode-se dizer que sentira alívio:

Como filho e sobrinho obediente, havia abandonado a pintura e se convertido em um respeitado funcionário de banco e agora representava um crédito para sua família. Mas, seus interesses na literatura se acentuavam cada vez mais e é muito provável que sua vontade em ingressar em uma universidade foi somente um gesto morno com objetivo de acalmar sua consciência e demonstrar a seu tio que ele havia tentado se preparar para maiores empenhos, pagando-lhe, deste modo sua devida gratidão. (MOTOFUJI, p. 18)

Takiji regressou a Hokkaidō e ao banco, mas manteve um pé bem plantado no mundo literário. Trocou correspondências com Shiga

¹⁴ Citado por Tezuka Hidetaka em: **Kobayashi Takiji**. Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, 1963. p.38. O conto jamais foi publicado.

Naoya (1883-1971), um dos principais escritores da época, cujo estilo simples e extremamente polido Takiji admirava. O jovem havia começado a estudar o estilo de Shiga quando este último criticou com severidade alguns de seus trabalhos que o novo escritor havia enviado ao eminente autor. Durante sua estadia em Tóquio, Takiji também havia conversado com uma série de escritores proletários e manteve estreito contato com eles até sua partida definitiva para a capital em 1930.

Em 1926 e 1927, motivados pelo agravamento da depressão econômica, eclodiram-se disputas laborais e foram feitas grandes convocações para greves em diversos lugares do Japão. Em julho de 1927, a greve geral dos trabalhadores das docas de Otaru terminou com a satisfação de suas demandas. Takiji esteve diretamente envolvido nas greves dos arrendatários de Isono¹⁵, sua primeira experiência desta índole. Ofereceu, em caráter voluntário, sua habilidade artística para escrever e ilustrar cartazes de propaganda, e participou de aulas sobre classes com ativistas trabalhadores e agrários. Dado que foi somente em 1927 em que Takiji participou pela primeira vez ativamente em uma manifestação, conclui-se que, “seus ímpetos revolucionários que ardiam em seu interior, por algum

¹⁵ Três mil pessoas participaram da segunda celebração do Primeiro de Maio em Otaru, a maior depois da capital. O que ocasionou o surgimento desse movimento foi a greve de agricultores arrendatários, um sinal que mostrava as crescentes lutas na Hokkaido colonial. No ano anterior uma colheita desastrosa causada pelo clima frio levou a uma grave crise para os arrendatários de Hokkaidō. Uma depois de outra, várias greves demandando redução ou isenção dos aluguéis de arrendamento surgiram. Isono Susumo, que operava uma fazenda em Furano e foi presidente da câmara de comércio de Otaru e membro do conselho da cidade – um perfeito “arrendador ausente”, situado em um confortável refúgio das lutas de vida-ou-morte de seus arrendatários – não somente se recusou a abaixar os aluguéis, mas anunciou o aumento nos preços, e quando os arrendatários se recusaram a aceitar, ele iniciou uma ação judicial demandando a confiscação de sua propriedade e retorno de suas terras. Os arrendatários formaram um grupo de greve e se prepararam para agir. (KOMORI, Yōichi. In: KOBAYASHI, Takiji. **The Crab Cannery Ship, and Other Novels of Struggle**. Trad. Cipris Zeljko. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2013, Introduction, p.4)

tempo estiveram equilibrados pelo bom confucionista tradicional que nele existia lado a lado com o rebelde” (MOTOFUJI, p. 15)

Nesse mesmo ano, se uniu à Federação de Artistas Trabalhadores e Agrários (*Rōnō Geijutsuka Renmei*), uma das organizações – a outra era a Federação dos Artistas Proletários do Japão (*Nihon Puroretaria Geijutsu Renmei*) – integradas por escritores, poetas e pintores liberais. Quando o grupo se dividiu em duas facções, Takiji se uniu aos que se separaram. Este grupo assumiu o nome de Federação de Artistas de Vanguarda (*Zen’ei Geijutsuka Renmei*).

Em 15 de março de 1928, ocorreu uma perseguição massiva a esquerdistas ¹⁶. Cerca de quinhentas pessoas foram presas e condenadas como infratoras da Lei de Preservação da Segurança Pública. Em Otaru, interrogaram cerca de quinhentas pessoas e detiveram treze membros do Partido Comunista Japonês, cujas primeiras células haviam começado a se organizar em Hokkaidō aos finais de 1927. Takiji, cujos vários amigos íntimos haviam sido detidos, escreveu um de seus mais conhecidos trabalhos, o conto chamado *15 de Março de 1928* (*Sen Kyūhyaku Nijū Hachi Nen Sangatsu Jūgo Nichi*), no qual descrevia as atividades da clandestinidade e a prisão e tortura dos líderes. A obra foi publicada

¹⁶ Incidente de 15 de março (*San’ichigo Jiken*): Primeira prisão em massa de comunistas suspeitos sob a Lei de Preservação da Paz de 1925. Depois de uma longa investigação pelo Ministério da Justiça e um acentuado aumento das atividades do Partido Comunista do Japão no início de 1928, a decisão de repreensão foi tomada. Às 5:00 da manhã de 15 de março, milhares de agentes começaram uma incursão de 120 centros esquerdistas, incluindo sedes partidárias, escritórios de publicação e residências privadas, ao anoitecer, eles prenderam 1600 indivíduos e apreenderam milhares de documentos e listas de membros. Apesar de apenas um terço dos presos terem sido julgados, os encarceramentos resultaram em um endurecimento acentuado de controle de grupos esquerdistas. Várias organizações, incluindo o Partido dos Operários e Agrários (*Rōdō Nōmintō*), foram banidas; restrições educacionais foram aumentadas, promotores de pensamento (*shisō kenji*) foram atribuídos aos principais tribunais; uma provisão de pena de morte foi incluída à Lei de Preservação da Paz; e várias prisões em massa se sucederam, incluindo aquele em que 600 ou 700 suspeitos comunistas foram presos em abril de 1929. (HUFFMAN, James L. **Modern Japan: an encyclopedia of history, culture, and nationalism**. Routledge, p. 139, 2013.)

nos números de novembro e dezembro da revista *Senki* (Bandeira de Batalha), órgão da Federação dos Artistas Proletários do Japão. Ambos os números da revista tiveram oito mil exemplares vendidos e foram proibidos. A fama literária de Takiji cresceu graças ao sucesso dessa obra, mas também lhe causou dificuldades, já que passou a ser objeto de uma vigilância cada vez mais estreita por parte da polícia secreta.

No final de 1928, Takiji começou a escrever *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* (*Kanikōsen*). Obra objeto de estudo do presente trabalho, que será abordada com detalhes no capítulo seguinte.

Imediatamente após a publicação de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, Takiji firmou contrato com a renomada revista literária *Chūōkōron* (Opinião Central) para escrever outro romance, *Fuzai Jinushi* (*O Arrendador Ausente*), “indicando um aumento de sua figura como autor e do interesse geral do público pela literatura proletária” (KOMORI, p.5). A obra foi baseada nos incidentes das greves de Isono, ocorridos em 1926 e 1927. A obra retrata a vida miserável dos arrendatários de uma propriedade situada na zona central de Hokkaidō, e sua luta contra o proprietário, rico comerciante de grãos e produtos marinhos que vinham de Otaru.

Takiji escreveu ambos os relatos, *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* e *O Arrendador Ausente*, enquanto trabalhava no Banco Colonial de Hokkaidō. Logo depois da publicação do *O Arrendador Ausente*, que aumentou ainda mais sua fama literária, o banco, cuja participação no caso aparecia descrita no romance, o despediu sumariamente no final de 1929.

Os funcionários do banco e a polícia secreta conheciam suas atividades; é incomum que não fora despedido antes. É muito provável que a polícia haveria persuadido o banco a mantê-lo em seu emprego, a fim de mantê-los vigiados, ele e seus amigos, e evitar que sumissem na clandestinidade. (MOTOFUJI, p.30)

Despedido, Takiji compreendeu que nada havia que o impedia a mudar-se para Tóquio, salvo a tristeza que seu desemprego e partida

repentina causariam a seus familiares. Por muito tempo, Takiji manteve sua situação em segredo: fingia que nada havia se passado e simulava sair para o trabalho como de costume. Porém, em março de 1930 abandonou Hokkaidō rumo à capital. O bem-estar de sua família, particularmente de sua mãe, seria uma preocupação que o acompanharia até o fim de sua vida, e por isso enviava lhe uma parte do pagamento que recebia pelos contos que publicava.

1.3. Perseguição e morte

Em maio de 1930, Takiji saiu de Tóquio para realizar uma série de conferências em Osaka, e foi preso em uma incursão de esquerdistas. Cercaram-no, interrogaram-no e o torturaram pelo período de duas semanas e então o puseram em liberdade. Depois que retornou para Tóquio, foi detido novamente, acusado de lesa majestade sob a Lei de Preservação da Paz. Estava em discussão a passagem do *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* em que um operário diz ao outro, enquanto fecham uma caixa especial de latas de caranguejo destinadas à mesa do imperador, que não teria nada contra em mesclar uma pedrinha com o conteúdo da lata. Desta vez Takiji ficou encarcerado por seis meses.

Em 18 de setembro de 1931, ocorreu o incidente da Manchúria que sinalizou o começo da invasão japonesa ao continente asiático. Com o pretexto de que o exército chinês havia tentado explodir parte da linha férrea da Manchúria do Sul, controlado pelos japoneses, estes últimos ocuparam toda a Manchúria em poucos meses. Censurado pela Liga das Nações, o Japão se retirou dessa organização. Havia começado neste país a década do ultranacionalismo e o militarismo.

Em outubro de 1931, fundou-se a Federação Cultural Proletária do Japão (*Nihon Puroretaria Bunka Renmei*) integrada por escritores, dramaturgos, cineastas, músicos e fotógrafos. A pressão contra a

mesma aumentou inevitavelmente e no ano seguinte e com isso os líderes Kurahara Korehito e Nakano Shigeharu, principais figuras da organização, foram presos. Takiji, cujo nome se encontrava na lista da polícia secreta, foi forçado a viver na clandestinidade.

Durante esse período, Takiji apoiou uma campanha para revogar a demissão temporária de trabalhadores nas indústrias Fujikura em Gotanda, a qual se tornaria o pano de fundo para sua próxima obra *Vida de um Partidário* (*Tō Seikatsusha*) em 1932.

Perseguido pela polícia e obrigado a viver na clandestinidade, Takiji continuou escrevendo. As obras que produziu nos últimos três anos de sua vida estão entre as suas mais importantes; porém, a maioria delas terminou inconclusa. Depois de *O Arrendador Ausente*, Takiji escreveu *Kōjō Saibō* (*A Célula da Fábrica*) em 1930; *Orugu* (*O Organizador*), *Yasuko* e *Tenkeiki no Hitobito* (*Homens em Transição*) em 1931; *Numajiri Mura* (*A Aldeia Numajiri*) e a já mencionada *Tō Seikatsusha* (*Vida de um Partidário*) em 1932 e *Chiku no Hitobito* (*Homens do Distrito*), sua última obra, em 1933. Além das obras de ficção, produziu numerosos artigos sobre literatura proletária e problemas sociais.

Para se despistar da polícia, Takiji mudava de residência de um lugar a outro. A dissolução da assembleia convocada pela Federação Cultural Proletária do Japão em junho de 1932 é a prova do rigor do controle policial. Trezentos policiais rodearam o Pequeno Teatro Tsukuji, onde se havia programado realizar a assembleia, e submeteram mais de seiscentos representantes de organizações culturais de todo o Japão a um minucioso registro antes de permiti-los entrar no edifício. O presidente da reunião foi preso momentos antes da mesma, e poucos minutos depois de o novo presidente iniciar o pronunciamento de suas palavras de abertura, ordenaram suspender a sessão. Ao se proibir a assembleia, a polícia entrou no local e começaram um motim. O público foi retirado para a rua e dali marchou para a estação de polícia de Tsukiji para cobrar a libertação

dos que haviam sido detidos. Em diversos lugares de Tóquio eclodiram manifestações de protesto, e foram presas mais de duzentas pessoas.

No final de 1932, foi realizada outra importante prisão de duzentos dirigentes esquerdistas. A tentativa de destruir o partido dizimando sua liderança se encontrava agora em pleno curso.

O fim de Takiji chegou rapidamente. Na tarde de 20 de fevereiro de 1933, atraído para compromisso por um agente secreto da polícia infiltrado, caiu em uma cilada com o objetivo de prendê-lo. Tentou escapar assim que teve conhecimento da armadilha, mas foi capturado e conduzido à estação de polícia de Tsukiji. Ao negar-se a divulgar o que sabia das atividades do Partido Comunista, foi torturado e espancado pelos policiais até ser deixado inconsciente. Foi transferido a um hospital nas redondezas, onde morreu menos de seis horas depois de sua prisão.

Norma Field (2009)¹⁷ chama a atenção para o curto intervalo de tempo entre a prisão de Takiji e seu falecimento. Segundo a autora, se for levado em consideração que Takiji veio a morrer em poucas horas depois de preso, pode-se levantar a hipótese de que os policiais não estavam buscando informação de fato, do contrário teriam tomado cuidado para não torturar o prisioneiro tão rápido a ponto de levá-lo a morte. Ao mesmo tempo, não era seu objetivo simplesmente matá-lo, visto que se assim o desejassem o fariam com uma pistola. Para Field, os torturadores desejavam usar a morte de Takiji como exemplo, mostrando para outros membros de índole esquerdista o fim que podem tomar, caso desejassem seguir os passos do autor.

No entanto, ironicamente, a morte de Takiji resultou em um efeito reverso, trazendo para a defesa do autor até mesmo os opositores do movimento proletário:

¹⁷ Informação fornecida por Norma Field em Chicago, 2009, em conferencia apresentada pela America Society of Chicago.

O assassinato de Takiji não foi somente um ato de extrema brutalidade, mas de extrema estupidez: até mesmo pessoas antipáticas ao movimento, como o eminente Shiga Naoya, ficaram profundamente abaladas, e Kobayashi Takiji tornou-se um mártir para ser lembrado, senão emulado. (KEENE, Donald. **Japanese Literature and Politics in the 1930s**. Journal of Japanese Studies, v. 2, n. 2, p. 227, 1976.)

Quando no dia seguinte foi divulgada a notícia da morte de Takiji, a polícia identificou a causa do falecimento como um ataque cardíaco e, premeditadamente, não enviou o inquérito oficial sobre a disposição do cadáver a sua mãe, que residia em Tóquio, mas a parentes em Hokkaidō, fundamentando-se no tecnicismo de que este era seu domicílio.

A comoção provocada pelos membros de grupos progressistas não tardou. Os amigos de Takiji protestaram contra o tratamento insensível dado a seu corpo até que a polícia cedeu e permitiu que a família imediata de Takiji reclamasse o cadáver. Levaram-no a casa de sua mãe, onde se levantou a possibilidade de uma autópsia.

Figura 1: Corpo de Takiji velado por amigos e familiares¹⁸

¹⁸ Explicação da figura: Amigos de Takiji levaram seu corpo até sua casa em Mashi, em Tóquio em 22 de fevereiro de 1933. (KOBAYASHI, Takiji. *Kobayashi Takiji Zenshū* (Antologia de Kobayashi Takiji). Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, 1963, vol. 11)

Estava evidentemente pelas contusões, hematomas e escoriações que apresentava o corpo que a morte não havia sido natural. Contudo, jamais se efetuou autópsia, visto que as escolas de medicina da Universidade Imperial de Tóquio e da Universidade de Keiō rechaçaram abertamente as solicitações feitas a estas, e uma terceira universidade retirou sua anuência no último minuto. Acrescenta-se ainda que a assistência aos funerais foi limitada aos familiares; na entrada do cemitério fizeram voltar alguns dos enlutados.

Foi estabelecido que um velório aberto ao público seria realizado em 15 de março, aniversário das prisões em massa de 1928. A polícia, contudo, deteve os organizadores do evento, e quando diversos grupos tentaram se encontrar no Teatro de Tsukiji, onde haveriam de celebrar a cerimônia, os participantes foram dispersos, ou, quando persistiam, levados sob custódia. Em dezenas de cidades do Japão se celebraram cerimônias clandestinas em memória de Takiji, mas foi somente após o término da Segunda Guerra Mundial que foi permitido prestar homenagem abertamente em locais públicas ao destacado escritor proletário.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NAVIO-FÁBRICA CARANGUEJEIRO

2.1. Apresentação da obra

“Essa obra é uma página na história da invasão capitalista às colônias.” (Apêndice), com essas palavras Kobayashi Takiji resume *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* (*Kanikōsen*, 1929), seu romance mais significativo, que retrata a cruel vida de trabalhadores que pescam e processam carne de caranguejo à bordo de um navio-fábrica sob condições inumanas de trabalho.

A história se passa no mar de Okhotsk¹⁹, águas soviéticas ao norte do Japão, local considerado uma riqueza internacional da

¹⁹ Mar de Okhotsk: braço noroeste do Oceano Pacífico, delimitado a oeste e norte pela costa leste a Ásia, do Cabo de Lazarev à boca do Rio Penzhina, a leste e sudoeste pela Península de Kamchatka e Ilhas Kuril [Ilhas de Karafuto], a sul pela costa noroeste da ilha japonesa de Hokkaido, e a sudoeste pelas Ilhas Sakhalin. Exceto pela pequena área que toca Hokkaido, o mar é completamente delimitado por território russo. ("Sea of Okhotsk". Encyclopædia Britannica. Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc., 2016. Web. 25 abr. 2016 <<http://global.britannica.com/place/Sea-of-Okhotsk>>.)

indústria pesqueira no início do século XX²⁰, sendo a carne de caranguejo o principal produto. Aqui o tema do autor, a então chamada “invasão capitalista às colônias”, é incorporada em um navio-fábrica que produz conservas de caranguejo.

Antes da publicação de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, juntamente com o manuscrito da obra, Takiji enviou uma carta, datada de 31 de março de 1929, a Kurahara Korehito (1902-1991) – importante crítico literário marxista, e o qual Takiji considerava como seu mentor –, na qual dispunha uma discussão detalhada de alguns pontos concernentes à “intenção” de seu romance. Lê-se na carta:

Esta obra trata sobre a forma singular de trabalho que é realizada em barcos que processam caranguejo, mas não significa que realce uma descrição exaustiva de como é uma embarcação dessa índole. Na realidade, trato de demonstrar (a) que é um clássico de exemplo de exploração que se realiza nas colônias e nos novos territórios japoneses; (b) que, quando se sai das zonas industriais de Tóquio e Osaka se vê que as condições atuais de oitenta por cento dos trabalhadores em todo Japão são exatamente iguais às quais existem nos navios-fábricas, e (c) que é um método apropriado para exemplificar com clareza — quase que de forma transparente — o sistema entrelaçado da rede internacional formada por grupos militares e mercantis. Neste romance abordei o problema da classe trabalhadora não organizada. [...]

²⁰ Nos anos de 1920 e 1930, uma busca pela industrialização emergiu em Hokkaido através dos navios-fábrica que enlatavam caranguejo e salmão no mar de Okhotsk. Diferentemente das pequenas empresas capitalistas de Hokkaido, os navio-fábricas eram possuídos e operados por grandes e modernas corporações com bases em Hakodate e Tóquio.

[...] A força de trabalho foi importada de camponeses pobres sem instrução do norte de Honshu e de pescadores pobres e qualificados do sul de Hokkaido. Esses eram compostos por homens (e algumas mulheres) aos quais o declínio da pesca em Hokkaido já não lhes sustentava, então tiveram fazer uma pequena escolha para suportar as longas horas e árduas rotinas de seis meses de viagens em águas soviéticas. O pagamento era bom, ao menos comparado com o que tinham em suas terras, mas pouco compensava pelo perigo e indignação que os trabalhadores sofriam. (HOWELL, David L. **Proto-industrial origins of Japanese capitalism**. Disponível em <http://scholar.harvard.edu/files/dhowell/files/proto-industrial_origins_of_japanese_capitalism.pdf?m=1357588861>. Acessado em 02 de maio de 2015.)

O capitalismo, ao pretender que a classe trabalhadora se mantenha sem organização, ironicamente vem criando uma situação em que deu lugar que esta se organize de maneira quase espontânea. Nesta obra tratei de demonstrar quão inexoravelmente o capitalismo se infiltra nos novos territórios e colônias para realizar de fato uma exploração primitiva e, com respaldo dos poderes existentes e, as forças armadas no papel de guardas, vigilantes e violentos, comete uma interminável série de brutalidades. E com quanta rapidez triunfam os capitalistas em suas empreitadas![...]

As forças armadas imperiais, os *zaibatsu*²¹, as relações internacionais e os trabalhadores: estes quatro elementos devem se ver juntos, em suas verdadeiras relações. Para este objetivo, estimei que o navio-fábrica proporcionasse o cenário mais adequado.²²

O “clássico exemplo de exploração”, materializado sob a “forma singular de trabalho” no navio-fábrica e retratada na dura realidade que os trabalhadores enfrentariam naquela jornada, é caracterizado logo nas palavras que introduzem o romance: “A gente vai é pro inferno!”.

As condições que fazem a vida desses homens um verdadeiro purgatório, e as quais o autor denuncia ocorrer em praticamente todo o Japão, estão associadas a complicações da própria natureza do trabalho. No caso do navio-fábrica, espaço escolhido pelo autor como cenário da trama, os trabalhadores embarcados encontram-se fora do escopo das leis de navegação do país, na medida em que aquele se constitui, em si mesmo, uma fábrica e não uma embarcação. Além

²¹ *Zaibatsu* (literalmente, círculo financeiro) é qualquer grande companhia capitalista do Japão antes da Segunda Guerra Mundial, similar a cartéis ou trustes geralmente organizados no entorno de uma única família. Uma *zaibatsu* pode operar companhias em quase todas as áreas importantes da atividade econômica. A Mitsui, por exemplo, possuía grandes investimentos em empresas envolvidas com atividades de banco, comércio exterior, mineração, seguro, tecidos, açúcar, processamento de alimento, maquinaria e muitos outros campos. Todas as *zaibatsu* tinham bancos, os quais eles usavam como meio de levantar capital. (Encyclopædia Britannica Online, s. v. "zaibatsu", Abril 30, 2016, Disponível em <<http://global.britannica.com/topic/zaibatsu>> Acessado em 02 de maio de 2016.)

²² KOBAYASHI, Takiji. **Kobayashi Takiji Zenshū** (*Antologia de Kobayashi Takiji*). Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, 1963, vol. 12, p.48-51.

disso, a navio usado para este propósito — que de tão velho é praticamente incapaz de navegar — é isento das leis que se aplicam às fábricas, pois também é uma embarcação. Ou seja, os homens embarcados estão em um limbo onde as formas de exploração, realizadas sob a forma de longas horas de trabalho e de terríveis maus-tratos, são facilmente executadas pelos capitalistas, como observado na seguinte passagem:

O pesqueiro de caranguejo era um navio-fábrica (isto é, uma fábrica dentro de um navio) e não uma mera “embarcação”. Por esse motivo, as leis de navegação não se aplicavam a esse tipo de navio.[...]
[...] Além do mais, os pesqueiros de caranguejo não passavam de meras “fábricas”. Apesar de não se aplicarem, também, as leis válidas para as fábricas. Por esse motivo, não havia lugar mais conveniente para se fazer o que bem se entendesse. (Cap.2)

O navio-fábrica Hakukō-Maru carregava cerca de seis botes de pesca, estes usados de fato para a pesca dos caranguejos. Enquanto esse trabalho estava em progresso, a embarcação principal permanece ancorada em um lugar fixo e a produção de conservas de carne caranguejo é realizada na fábrica, localizada no interior do navio. Como as viagens de pesca se estendiam por período de vários meses, um navio de mantimentos navegava entre Hakodate e o navio-fábrica, trazendo cartas e outros materiais necessários e retornando com o produto finalizado.

Tais operações de trabalho são realizadas por diferentes grupos de homens à bordo do navio-fábrica: pescadores (*gyofu*), operários (*zatsufu*), foguistas (*kafu*), tripulantes (*suifu*). Os trabalhadores, compostos por homens e alguns adolescentes de quatorze e quinze anos eram provenientes de diferentes regiões do Japão, em sua maioria, agrários de regiões pobres do nordeste do país (*Tōhoku Chihō*), como Aomori, Akita e Iwate, e pescadores provenientes de Hokkaidō.

Essa heterogeneidade regional proporcionava ainda mais a exploração dos mesmos por parte dos capitalistas, visto que a

formação coesa de grupos era dificultada, como observado no seguinte trecho: “Assim, não havia nada mais conveniente para os empregadores que contratar esse grupo difuso sem nenhuma articulação.” (Cap. 1)

Antes de embarcarem no navio-fábrica, muitos dos homens já traziam consigo experiências brutais em empregos onde eram explorados sob o regime conhecido como *takobeya*²³, em trabalhos como em abertura de rodovias, obras de irrigação, construção de ferrovias e aterros, escavação de minas, cultivo de terras virgens, carregamento de mercadorias e pesca de arenque.

No navio-fábrica, esse sistema de exploração era reproduzido com semelhança: os homens eram recrutados para trabalhar a troco de um salário ínfimo, e, além disso, era-lhes descontado qualquer tipo de material consumido durante o serviço, configurando assim uma espécie de trabalho análogo à escravidão, no qual o trabalhador se encontra em uma eterna dívida com o empregador:

[...] Eram-lhes emprestados sessenta ienes de antemão. Desse valor, descontavam-se os custos da passagem de trem, da hospedagem, da coberta, do saco de dormir; além de uma comissão. No fim das contas, ao embarcarem no navio, restavam-lhes apenas sete ou oito ienes... em débito (!). (Cap. 3)

Com a justificativa de que deviam enfrentar todas as adversidades daquele brutal trabalho no Kamchatka pelo “bem da nação”, e que por isso estavam protegidos dos russos pela força naval do Japão, os homens eram ludibriados pelo superintendente Asakawa — espécie de chefe imediato dos trabalhadores e responsável pelas atrocidades acometidas a estes:

²³ Um grande número de trabalhadores, japoneses e coreanos, foram explorados em minas sob o sistema trabalhista de contrato *takobeya* (literalmente “sala de polvo”), o qual foi inicialmente criado para trabalho de prisioneiros em Hokkaidō. Em campos de *takobeya*, trabalhadores tinham que viver em barracos superlotados e trabalhar durante longas horas sem nenhum dia de descanso, e praticamente sem serem pagos, sendo cruelmente tratados por qualquer falta de comportamento, por menor que fosse. (PAICHADZE, Svetlana; SEATON, Philip A. (Ed.). **Voices from the Shifting Russo-Japanese Border: Karafuto/Sakhalin**. Londres: Routledge, 2015. p. 57)

temos o grande dever de solucionar os problemas da escassez de alimento, e o problema populacional, que já deixam o Japão num beco-sem-saída. Mesmo dizendo isso, talvez seja difícil que vocês compreendam. De qualquer forma, quero que vocês saibam que, pelo Império do Japão, daremos nossas vidas e enfrentaremos os mares revoltosos de Hokkaidō. Justamente por essa causa, aonde quer que partamos, estamos protegidos o tempo todo pelo contratorpedeiro enviado pelo Império... Se por algum motivo alguém imitar essas coisas dos *ruskis* que estão na moda e fizerem algo desnecessário, será considerado, sem mais nem menos, como traidor do Império do Japão. (cap. 1)

Nesta fala do superintendente Asakawa é possível observar o que o autor estabeleceu como “sistema entrelaçado da rede internacional formada por grupos militares e mercantis”. Isto é, um sistema em que as grandes companhias capitalistas que operavam os navios-fábricas, os *zaibatsu*, exerciam seu poder de influência econômica sobre o governo e as forças armadas para que seus planos de exploração se sucedessem em águas internacionais.

Além de serem doutrinados por seus superiores de que os russos eram “inimigos da nação” a serem combatidos e superados, no próprio navio-fábrica, pescadores e operários eram forçados a competirem entre si em produtividade. O superintendente oferecia prêmios para o lado vencedor, e ao mesmo tempo, punia os membros menos produtivos aplicando-lhes um ferro incandescente em seus corpos.

Ao decorrer da narrativa, são feitos relatos de vários incidentes que servem para intensificar a compreensão da brutalidade dos superiores, a citar: a morte do operário Miyaguchi, logo depois de ser espancado pelo superintendente Asakawa (Cap. 3); o castigo aplicado a outro operário jovem, que foi dependurado em um guindaste (Cap. 5); e a morte de um pescador em decorrência de beribéri que aparece retratada com dureza (Cap. 7).

Cada um destes incidentes, conjuntamente com o contato que estabelecem os pescadores — o grupo mais obstinadamente leal aos seus exploradores — com os russos no Kamchatka, quando aqueles

chegam à deriva em terra firme em um bote de pesca (Cap.3), serve para unir os homens contra seus superiores.

O descontentamento acumulado ao longo da narrativa culmina em uma greve encabeçada e conduzida por nove trabalhadores, que assumiram a liderança do movimento de maneira espontânea. Durante a paralisação dos trabalhadores, o grupo invade a sala do capitão e rende os superiores com a intensão de que se cessassem os abusos aos quais eram acometidos. Asakawa e os outros, no entanto, acionam o contratorpedeiro das forças armadas para que estes desmontem a greve.

A última ilusão alimentada pelos homens — que o contratorpedeiro que escolta o navio-fábrica se encontrava ali para protegê-los — se desvanece quando marinheiros armados invadem o navio-fábrica e conduzem os líderes da greve até o contratorpedeiro. Sentiram-se traídos: a força do estado que a princípio deveria ser usada para defendê-los estava sendo usada, na realidade, para oprimi-los:

“— E quanto àquela grande história, que o navio do Império iria apoiar o povo? São uns paus-mandados dos ricos, isso sim. Bem que estranhei! Que comam merda!” (Cap.10)

Este é o sinal para que os homens se unissem — pois, ao fim, compreenderam que sem unidade qualquer greve futura fracassaria da mesma forma — e para que organizassem novamente um levante: “E assim eles ergueram-se... mais uma vez!” (Cap.10).

2.2. As origens

As raízes originárias de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* germinam da relação de Takiji com um caso factual ocorrido três anos antes da publicação da obra: um incidente envolvendo trabalhadores de navios-fábricas de caranguejo de Hokkaidō. Em

setembro de 1926, foram publicados no Jornal de Otaru (*Otaru Shinbun*) relatos acerca do tratamento inumano infligido a trabalhadores de um navio-fábrica – cujo nome era, ironicamente, *Hakuai* (Amor Fraternal) *Maru*.²⁴ A esses homens, que haviam sido contratados para pescar e processar caranguejos no mar de Okhotsk, era paga uma diária que oscilava entre seis e dezoito *sen*.²⁵ O castigo por infringir as regras era severo. Os homens (alguns se encontravam nos primeiros anos da adolescência) eram linchados, marcados com ferros incandescentes e enforcados.

Quando o navio retornou ao porto de Hakodate, os trabalhadores apresentaram queixas contra o capitão, o superintendente e os capatazes, e informaram à imprensa dos incidentes ocorridos a bordo, o que fizera com que o caso recebesse ampla publicidade, resultando na condenação à prisão e pagamento de multa daqueles responsáveis pelos atos de brutalidade cometidos.

²⁴ KURATA, Minoru. Kanikōsen oyobi gyōfu zatsufu gyakutai jiken. (Casos de maus-tratos de operários e pescadores em navios-fábricas de caranguejo). **Shōgaku Tōkyū** (Investigação Comercial). Otaru: Universidade Comercial de Otaru, 2002. v. 53, n. 1, p. 1-31, 2002.

²⁵ 100 *sen* equivalem a 1 iene.

Figura 2: Jornal de Otaru (*Otaru Shinbun*) de 9 de setembro de 1926²⁶

Quando Takiji leu a revelação desses feitos, convenceu um amigo que investigava sobre as condições de trabalho dos operários industriais a ampliar sua pesquisa para incluir os trabalhadores dos navios-fábricas, e o próprio Takiji se deu a tarefa de escrever um romance sobre a vida em uma embarcação desse tipo, dando origem a *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*.

O Navio-Fábrica Caranguejeiro surgiu nos números de maio e junho de 1929 da *Bandeira de Batalha*. A obra obteve sucesso significativo e serviu para aumentar ainda mais a reputação que Takiji havia começado a criar desde a publicação de *15 de Março de 1928*. Posteriormente foi publicado o texto completo em forma de livro, conjuntamente com sua obra anterior, porém o mesmo foi proibido de imediato. Antes da medida proibitiva, no entanto, foram vendidos por volta de quinze mil exemplares da obra. A repercussão foi tamanha, que em julho do mesmo ano, foi apresentado um espetáculo baseado no *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, no Teatro Imperial (*Teikoku Gekijō*), em Tóquio. A adaptação, contudo, não

²⁶ Na manchete, lê-se: "Casos de maus-tratos no navio-fábrica Hakuai-Marui, um inferno na terra. Superintendente diabólico ridiculariza e dependura operário em guindaste" (tradução nossa).

agradou a então recém-criada Federação de Escritores Proletários do Japão (*Nihon Puroretaria Sakka Dōmei*), da qual Takiji era membro, que levantou um protesto contra o grupo teatral que a representava. Aos finais de 1929 surgiu outra edição do *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, que também foi proibida. Em 1930 se publicou uma versão rigorosamente abreviada que eliminava mais da metade do texto, e nesta forma circulou até 1948, quando voltou a ser publicada na versão completa.

2.3. Reverberações no Japão e no Mundo

Desde os primeiros anos de sua publicação, *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* ganhou traduções para o chinês, russo e inglês, sendo lida em diversas partes do mundo. Às primeiras traduções, inclui-se Aversão para a língua inglesa "*The Cannery Boat by Takiji Kobayashi and other Japanese short stories*" (*O Navio de Conservas por Takiji Kobayashi e outros contos Japoneses*), feita anonimamente pelo neozelandês William Maxwell Bickerton²⁷ e publicada em 1933, pela editora International Publisher, Nova Iorque. Essa versão, no entanto, continha apenas os cinco primeiro capítulos da obra e um resumo dos outros cinco capítulos remanescentes. Desde então, a obra somente

²⁷ Além de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, Bickerton traduziu diversas histórias da literatura proletária para o inglês. Em 1930, levou um manuscrito para a América, onde entrou em contato com uma editora especializada em livros de viés esquerdista nos EUA. Seus manuscritos foram aceitos para serem publicados pela International Publisher em Nova Iorque. O livro foi publicado em 1933 enquanto Bickerton ainda vivia no Japão. Continha onze contos de oito autores proletários, bem como um artigo de sua autoria "Takiji Kobayashi Murdered by Police". Essa foi a primeira aparição da literatura japonesa em uma tradução para o inglês. (KANO, FUJIO; **WARD, MAURICE. SOCIALISM IS A MISSION: MAX BICKERTON'S INVOLVEMENT WITH THE JAPANESE COMMUNIST PARTY AND TRANSLATION OF JAPANESE PROLETARIAN LITERATURE IN THE 1930S.** Disponível em <http://www.nzasia.org.nz/journal/jas_dec2014_kano_ward.pdf>. Acessado em 02 de maio de 2016.)

ganhou sua primeira tradução completa em 1973, pelo professor Frank Motofuji da Universidade da Califórnia: *The Factory ship and The Absentee Landlord* (*O Navio-Fábrica e o Arrendador Ausente*), publicada pela editora da Universidade de Washington no mesmo ano, e incluída na Coleção de Trabalhos Representativos da UNESCO (*UNESCO Collection of Representative Works*).

No Japão, a repercussão e difusão de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* sofreram oscilações de acordo com o desenrolar de acontecimentos históricos no país. A obra somente foi ressuscitada no pós-guerra, depois do longo período de repressão em que foi proibida pelo governo, e com o fim da ocupação dos Estados Unidos no Japão, recebendo uma adaptação cinematográfica pelo diretor Yamamura Sō em 1953²⁸.

Figura 3: *Kanikōsen* (1953) de Yamamura Sō²⁹

²⁸ Os filmes mais militantes com um ponto de vista esquerdista feitos durante esse período foram provavelmente aqueles que olharam para trás, para os tempos recentes, e examinaram aspectos da história japonesa em que cineastas foram anteriormente proibidos por causar ameaças, pelos censores japoneses dos períodos de 1930 e início de 1940, e posteriormente pela censura da ocupação americana. (BURCH, Noel. **To the distant observer: form and meaning in the Japanese cinema**. Califórnia: University of California Press, 1979, p. 282).

²⁹ Explicação da figura: Cena em que os trabalhadores invadem a sala do capitão. (KANIKŌSEN. Direção: Yamamura Sō. Tóquio: Gendai Productions, 112 min. Preto e branco, Formato: 35 mm)

No entanto, com o decorrer dos anos, *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* passa a ser “cada vez mais negligenciado por conta da despolitização da sociedade a partir de meados dos anos 1970” (KOMORI, p.9). Segundo Field (2009)³⁰ é conhecido que no Japão:

A “época da política” terminou no início dos anos de 1970, depois que a luta popular contra a renovação do Tratado de Segurança EUA-Japão em 1960 tinha sido exterminada e a luta dos estudantes de 1968-1970, na qual protestos inflamados contra a burocratizada, competitiva e consumista sociedade que havia seguido após o plano de “duplicação de renda” anunciado em 1960, havia sido amplamente derrotada. O que isso significou para o legado de um escritor como Kobayashi Takiji? [...] Intelectuais esquerdistas dos movimentos dos anos 1960 e 1970, que talvez tivessem aprendido a ter certa afinidade por ele, foram alienados pelo fato de sua participação em um partido [o Partido Comunista] que havia tentado controlá-los. Para outros, saturados na ideologia pós-moderna, um corpo de obras produzidas baseando-se em um movimento revolucionário de classes era simplesmente risível. Mas certamente havia mais hostilidade dos esquerdistas de meia-idade, do que nas afiliações partidárias ou no campo intelectual. O nome de Takiji despertou uma total, porém esquecida, reconciliação com um recuo da política. Ele registrou uma enfadonha e irritante reprovação. Para os jovens, ele era apenas uma entidade desconhecida, ou no máximo, um nome associado a um título em uma lista de escritores modernos do Japão.

Então, foi apenas no século XXI, que se deflagrou uma grande alavancada na popularidade de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, quando em 2008 tornou-se um “*best-seller*”, trazendo de volta o legado e a obra à grande mídia” (BOWEN-STRUYK, 2009)³¹. Tal fenômeno que, ficou conhecido como “*Kanikōsen Boom*” (FIELD, 2009; BOWEN-STRUYK, 2009; ONISHI, 2013)

³⁰ FIELD, Norma. **Commercial Appetite and Human Need: The Accidental and Fated Revival of Kobayashi Takiji's Cannery Ship**. Disponível em <<http://apjjf.org/-Norma-Field/3058/article.html>>. Acessado em 02 de maio de 2015.

³¹ BOWEN-STRUYK, Heather. **Why a Boom in Proletarian Literature in Japan? The Kobayashi Takiji Memorial and The Factory Ship**. Disponível em <<http://apjjf.org/-Heather-Bowen-Struyk/3180/article.html>> . Acesso em 02 de maio de 2015.

foi o resultado de uma convergência fortuita de medidas a longo prazo de ativistas e editores esquerdistas, da atenção sensacionalista da mídia, e a ressonância do romance em decorrência da demissão de empregados irregulares e trabalhadores contratados que totalizavam mais de um terço da mão de obra do Japão.(HAYASHI, 2011, p.180)³²

As origens deste fenômeno, segundo Komori (2013) estão associadas a acontecimentos nas esferas sociais e econômicas que começaram em meados da década de 1900, conhecida como a “década perdida” (*ushinawareta jūnen*), quando no Japão houve um dismantelamento sistemático das leis que regulam o emprego, ocasionado pelo fim do crescimento econômico do Japão; e culminou em 2008, ano de grande resseção econômica mundial, que causou o aumento significativo do desemprego e da pobreza no Japão. Para Cipris (2013) tais fatos

não explicam porque um feroz romance anticapitalista viesse à luz nesse momento particular, mas eles fornecem um *background* de frustração, ultraje, e latente rebelião altamente receptivo que deu calorosas boas-vindas a seus ímpetos para um clamor de uma ação unida e coletiva. De repente a atmosfera infernal de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* atingiu milhões como uma metáfora conveniente para seu próprio predicamento. (CIPRIS, 2013, p. x-xi)

De acordo com Norma Field (2009), professora da Universidade de Chicago e especialista sobre a obra e vida de Kobayashi Takiji, a necessidade de sentimento de “coletividade e ativismo em meio à solidão e cinismo produzidos pela insensibilidade neoliberal” foi o grande catalisador do aumento de vendas de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* no período da grande recessão econômica.

Estima-se que apenas em 2008 foram totalizadas mais de 500 mil cópias vendidas sem contar com adaptações para *mangá*³³ que devem ter atingido um número muito maior de pessoas. (BOWEN-

³² HAYASHI, Sharon. **Neoliberalism and Global Cinema: Capital, Culture, and Marxist Critique**. Nova Iorque: Routledge, 2011. p. 180.

³³ Histórias em quadrinhos japonesas.

STRUYK, 2009). Somente no período de quatro anos, *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* contou com quatro adaptações para *mangá*: *Sanjuppun de Yomeru... Daigakusei no tame no Manga Kanikōsen* (*Kanikōsen em Mangá para Estudantes Universitários para ser lido em 30 minutos*) pela editora Shirakaba Bungakukan Takiji Raiburarii, 2006³⁴; *Kanikōsen, Manga de Dokuha* (*Leia Kanikōsen em Mangá*), pela editora Iisuto Puresu, 2007; *Gekiga Kanikōsen, Haō no Fune* (*Kanikōsen em Romance Gráfico, O Senhor do Navio*) pela Takarajimasha, 2008; e *Kanikōsen*, pela editora Shinchōsha, 2009.

E em 2009, a obra ganhou uma nova adaptação cinematográfica dirigida e roteirizada por SABU (Tanaka Hiroyuki, 1964-).

Figura 4: Kanikōsen (2009) por SABU³⁵

Após o período da eclosão do *boom*, *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* também ganhou notoriedade internacional entre diversos pesquisadores e estudiosos, tornando-se uma obra mundialmente conhecida. A obra recebeu uma nova tradução para o

³⁴ Disponível gratuitamente pela Takiji Library em: <www.takiji-library.jp> (Acessado em abril de 2016)

³⁵ Explicação da Figura: Em destaque o superintendente Asakawa, interpretado por Nishijima Hidetoshi. (KANIKŌSEN. Direção: SABU, Tóquio: IMJ Entertainment Corp, 109 min. Color, Formato 35 mm)

inglês por Zeljko Cipris³⁶: *The Crab Cannery Ship, and Other Novels of Struggle* (*O Navio de Conservas e outras Histórias de Luta*), publicado pela University of Hawai'i Press, em 2013, e para diversas outras línguas como coreano, espanhol, italiano, português³⁷, alemão, francês, polonês e norueguês.³⁸

Em nosso entendimento, é possível afirmar que o reavivamento de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* — tanto nos anos do pós-guerra, como no século XXI —, sob as formas de adaptações para cinema e *mangá* e observada no aumento exponencial de exemplares vendidos; bem como a notoriedade que a obra conquistou no nível internacional, depois da grande crise financeira de 2008, ganhando pesquisas e traduções em diversas partes do mundo, atestam que questões sociais abordadas no romance persistem até a atualidade e que o romance tornou-se uma obra de referência para indivíduos e coletivos que desejam denunciar esses problemas. Em suma, esses fenômenos comprovam que “a teoria de Kobayashi Takiji de ações coletivas continuam válidas no século XXI”. (KOMORI, 2013, p. 10)

2.4. Sob o olhar da Crítica

Em sua própria descrição do *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, encontrada em notas enviadas ao crítico e editor Kurahara Korehito, Takiji faz um pequeno apontamento sobre sua própria obra:

Nesta obra não há protagonistas; não há personagens ou indivíduos principais como os que se encontrariam nos trabalhos que abordam as vidas de seres individuais. O

³⁶ Professor associado de Estudos Asiáticos e Língua Japonesa da Universidade do Pacífico em Stockton, Califórnia.

³⁷ A versão para o português europeu “*Kanikosen. O Navio dos Homens*” (Clube do Autor, 2010) é uma tradução indireta do espanhol “*Kanikosen. El pesqueiro*” (Ático de los Libros, 2010), por Jordi Juste e Shizuko Ono.

³⁸ CIPRIS, Zeljko. **To Hell With Capitalism: Snapshots from the Crab Cannery Ship**, Disponível em < <http://apjjf.org/2015/13/17/Zeljko-Cipris/4315.html>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

protagonista é coletivo, formado por um grupo de trabalhadores. Neste ponto, considero que tenho realizado certo progresso desde que escrevi *15 de Março de 1928*. Houve contos nos quais apresentei grupos, mas creio que esta é a primeira tentativa de fazê-lo em uma obra longa. De todos os pontos de vista, constituiu um risco e uma tarefa difícil. De todos os modos, considero que o tratamento do grupo é a baliza ao largo da qual se deve desenrolar a literatura proletária no futuro. Se meu trabalho servir para esse propósito, estarei satisfeito. Disto se desprende, por conseguinte, que tenho rechaçado toda tentativa de descrever os personagens ou aprofundar na psicologia dos mesmos como fiz em *15 de Março de 1928*. Da literatura proletária, se estão eliminando gradualmente as descrições detalhadas dos personagens e sua psicologia. Mas creio que tenho feito todo o possível para não aborrecer meus leitores, ao qual constitui com frequência o perigo de um empenho desta natureza. Atualmente, se está utilizando toda sorte de truques estilísticos na tentativa de popularizar a literatura proletária. Essas tentativas são importantes, mas há algo neles que cheiram ao “estilo intelectual” e os fazem parecer nada mais que engenhosas peças literárias. Carecem de uma força capaz de promover um profundo interesse público pelo mundo real da rotina diária. O público levará a mal de maneira subconsciente qualquer classe de enfoque “intelectual”. Considero que tenho encontrado a resposta para este problema (a) fazendo meus trabalhos esmagadoramente proletários em enfoque e conteúdo, e (b) tratando de impregnar meus trabalhos, tanto quanto possível, dessas qualidades. Também, me pergunto se o estilo ligeiro e o ritmo rápido que se encontram nas novas obras proletárias não tem, apesar das boas intenções, um sentido demasiado “moderno”. O *Navio-Fábrica Caranguejeiro* não possui nem ligeireza de estilo nem rapidez de ritmo que estão atualmente em voga. Nem tampouco tem alguns dos engenhosos toques “intelectuais” que mencionei anteriormente. Tratei que esta obra se sinta tão proletária quanto possível. Temo que ela não se ajuste às normas da *Bandeira de Batalha*.

39

Nesse trecho, o autor dá a impressão de haver aberto novos horizontes nesse campo que julgava suficientemente importante para mencioná-lo em primeiro lugar: seu tratamento dos trabalhadores no navio-fábrica como uma massa despersonalizada e não como indivíduos.

³⁹ KOBAYASHI, Takiji. **Kobayashi Takiji Zenshū** (*Antologia de Kobayashi Takiji*). Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, 1963. vol. 12, p.48-51.

A esse fim, Takiji somente deu apelidos aos personagens existentes na obra — tais como “o gago”, “o homem de Shibaura”, “o estudante”, o “não-se-ache”—, e não forneceu descrição alguma de traços físicos que ajudariam o leitor a imaginar cada homem. Observa-se, da mesma maneira, que o autor optou por não aprofundar as psicologias e personalidades individuais. Os únicos personagens, no entanto, a quem são atribuídos nomes próprios no romance são Asakawa e Miyaguchi. O primeiro é o terrível superintendente responsável pelas atrocidades acometidas aos operários e pescadores e pertencente à casta superior do navio, juntamente com o capitão, chefe dos operários e outros⁴⁰; o segundo, um jovem operário que se torna uma vítima fatal de Asakawa. É possível atestar que:

Os nomes próprios são concedidos apenas aos membros superiores e inferiores do estrato social, no qual a violência nua é exercida pelos fortes sobre os fracos. Os outros são indicados por atributos que os distinguem dos outros no grupo. (KOMORI, p. 9)

Segundo Motofuji (1973, p. 23), no entanto, esta técnica de apagamento das características pessoais dos personagens não era original de Takiji, pois existia um precedente em que tal recurso fora utilizado em um conto que o próprio Takiji havia lido e admirado:

Em 1922 Maedakō Hiroichirō havia publicado o conto *Santō Senkyaku* (*Passageiros de terceira classe*), no qual descrevia um grupo de japoneses emigrantes que, depois de haver fracassado na tentativa de se instalar na América, regressaram ao Japão em terceira classe. Alguns dos personagens tinham nomes, mas a maioria somente recebia apelidos como “o vesgo”, e “o homem do dialeto *kii*”. A diferença chave entre os grupos de *Passageiros de Terceira Classe* e *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, que se assemelham um ao outro em que estão integrados por homens provenientes das maiores profundidades da sociedade, estava na organização e radicalização finais dos trabalhadores do navio-fábrica que se opunham a irônica aceitação de sua situação por parte dos emigrantes.

⁴⁰ O narrador refere-se ao grupo, em algumas passagens, como “pessoal do superintendente” (*kantoku tachi*), denotando o protagonismo de Asakawa dentre os superiores.

(Na medida em que o barco destes últimos se aproxima de Yokohama, nos homens surgem associações sentimentais e patrióticas quando avistam o monte Fuji, e regozijam por retornar a uma pátria que lhes havia rechaçado.) (MOTOFUJI, p.23)

Embora Kurahara considerasse o romance de Takiji como a obra mais superior de seu tempo⁴¹, o mesmo não permite que a visão de Takiji sobre a representação da psicologia dos personagens mantenha-se imutável. A princípio Kurahara considera *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* como um ideal da literatura proletária. “Seu poderoso retrato de um grande grupo social, ele observa, contrasta com a obsessão burguesa com vida diária trivial e psicologia dos indivíduos.” (KARLSSON, 2008, p. 243).

Porém o crítico marxista também faz suas ressalvas apontando uma importante objeção, em contraposição à sua aprovação ao romance. Em junho de 1929, Kurahara escreve um artigo no Asahi Shinbun (Jornal Asahi) de Tóquio, alertando Takiji dos perigos de suplantar o indivíduo no grupo quando se concentra na descrição deste último:

É o escritor proletário justificado totalmente de enterrar o indivíduo em detrimento da representação de um grupo? Não. A visão materialista da história de forma alguma rejeita o papel do indivíduo na história e na sociedade [...] Além do mais, nós não levantamos o problema no qual a forma de um *indivíduo ou grupo*, porém na forma de *um indivíduo em um grupo*. Penso que se o escritor, tendo percebido tal fato com clareza, será capaz de retratar o caráter e a psicologia dos indivíduos em sua capacidade das representações de cada classe e estrato, então seu trabalho terá se tornado outra coisa ainda mais esplêndida. Não é a razão para a ocasional falta de uma imagem clara, cena por cena, a ser encontrada no fato que caráter e psicologia não são descritos.⁴²

⁴¹ KARLSSON, Mats et al. **Kurahara Korehito's road to proletarian realism**. Disponível em <<http://shinku.nichibun.ac.jp/jpub/pdf/jr/JN2008.pdf>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

⁴² KURAHARA, Korehito. **Kurahara Korehito hyōronshū** (Coletânea de Críticas de Kurahara Korehito). Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, vol. 1. 1968. p. 277.

De acordo com Keene (1984, p.618), à época em que *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* foi publicado pela primeira vez, a recepção dos críticos referente à obra, foi um tanto quanto previsível: por um lado os críticos de orientação marxista aclamaram o romance como uma obra monumental, um raro exemplo de ficção japonesa que tratava de um problema social ⁴³, e de outro lado os não marxistas manifestaram reservas quanto à obra.

Ainda segundo Keene, o renomado crítico literário Nakamura Murao (1886-1949), tinha a opinião de que o erro crucial em *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* consistia na atribuição do mal a apenas um indivíduo, ao invés de atribuí-lo à organização como um todo. Apesar de Takiji proferir em sua carta a Kurahara sua intenção de expor os males do sistema capitalista, para Nakamura, em sua narrativa faz-se parecer que o comportamento diabólico de apenas um homem, o superintendente Asakawa, é a causa do sofrimento de todos os trabalhadores a bordo do navio-fábrica. Essa crítica, vinda de um escritor de orientação conservadora, foi surpreendentemente próxima à linha dos marxistas mais ortodoxos. “Talvez Nakamura expressou-se nesse viés, ao invés de padrões literários mais comuns, porque ele percebeu a futilidade de se aplicar uma crítica “burguesa” à literatura proletária.” (KEENE, 1984, p.619)

Outras objeções literárias a *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* foram levantadas por Shiga Naoya em sua carta que enviou a Takiji, datada de 7 de agosto de 1931. Apesar de ter elogiado a narrativa, o proeminente autor apontou para o fato de que a obra literária deve tocar os leitores por si só e não por meio de convicções ideológicas que a mesma indiretamente veicula:

Nada sei sobre as teorias da arte proletária, mas acredito que elas enfraquecem uma obra em todos os sentidos se o escritor adota conscientemente uma ideologia. Isso deve

⁴³ Nas palavras de Kurahara Korehito (HIRANO, Ken. **Hirano Ken Sakka Ron Shū** (Coletânea de Teses Sobre Autores por Hirano Ken). Tóquio: Shinchōsha, p.488, 1971.)

ser evitado. Deixando de lado tais instâncias como quando uma ideologia se torna muito mais parte da carne e sangue do autor que ele exprime quase inconscientemente em seus trabalhos, acredito que como arte é estranho e pouco atraente quando um homem expõe uma filosofia particular em suas obras. Acredito que apenas quando a arte proletária se tornar completamente independente da consciência de representar um movimento, ela verdadeiramente se tornará arte proletária.⁴⁴

Endossamos a opinião defendida por Shiga e Nakamura no que se refere a um evidente ponto de vista tendencioso do autor presente na obra, sendo este um romance declaradamente denunciativo e escrito sob um viés ideológico. Observa-se que, em determinados momentos da trama, alguns personagens parecerem exercer o papel de porta-vozes do autor, principalmente em trechos nos quais a doutrina do Partido Comunista é mais abertamente estabelecida na obra, os quais, Keene (1984, p. 619) acredita serem os mais significativos para Takiji.

No entanto, em nosso entendimento, ao se analisar o romance apenas sob esse ponto de vista corre-se o risco de desqualificar, ou até mesmo de desconsiderar os outros atributos de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* em detrimento das intenções do autor, ou de seu posicionamento ideológico.

Keene (1984, p. 619), afirma que o sucesso de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* se estabelece não graças a sua mensagem ou a sua avaliação positiva do futuro, mas por causa dos vívidos e críveis detalhes da vida a bordo do navio-fábrica. Ele chama atenção para a maneira realista de como Takiji retrata os pescadores e operários presentes na obra.

Em *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* Takiji expõem de forma predominantemente realista a exploração dos trabalhadores através do processo de “desumanização” a que estes estão acometidos. Seu realismo é expresso tanto na brutalidade de Asakawa para com seus

⁴⁴ SHIGA, Naoya. **Kawa Bunko**. Tóquio: Zauhō Konkōtai, 1946. p.122.

subordinados, como na descrição dos próprios trabalhadores, representados muitas vezes como seres absolutamente insensíveis, capazes de denunciar seus próprios companheiros em troca de maços de cigarros ou abusar dos mais jovens para satisfazerem seus apetites sexuais.

Da mesma maneira, Shūichi Katō, renomado crítico literário, considera que as

“descrições em *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* são vívidas e através dos diálogos, o leitor se torna ciente dos poderes que apoiam a tirania do superintendente que a companhia do navio colocou a bordo; por trás dele há a companhia em si, o governo e as forças armadas.” (KATO, 1983, p.232)⁴⁵

A literatura de Kobayashi Takiji, apesar de tender a ser “sem adornos, dinâmica e cinemática, [...] não é excessivamente simplificada” (CIPRIS, 2013, p. xiii); é composta por um texto vigoroso, repleto de metáforas e descrições ricas que constroem no imaginário do leitor a terrível situação enfrentada pelos pescadores em *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*. Evidencia-se que Takiji realizou um profundo trabalho de investigação para escrever o romance, levando em consideração que as descrições dos alojamentos dos trabalhadores e suas condições laborais são minuciosamente detalhadas. Da mesma maneira, são elaboradas as evocações que o narrador faz do aspecto cruel e tempestuoso do mar, sob a forma das águas turbulentas do Kamchatka. Fato este que representa uma ruptura com a imagem benigna da natureza celebrada na poesia e ficção japonesa de sua época.

⁴⁵ KATO, Sguichi. **A History of Japanese Literature**. Trad. Don Sanderson. Tóquio: Kodansha, 1983.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho se propôs uma breve apresentação de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, de Kobayashi Takiji.

Fazendo-se uma síntese das considerações levantadas nos capítulos anteriores do presente trabalho, em *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, Takiji adota o microcosmo do navio-fábrica como uma das engrenagens de uma estrutura social pautada pelo regime capitalista. Na tentativa de demonstrar o que chama como “a invasão capitalista” nos novos territórios e colônias do império japonês, Takiji descreve de maneira nua e crua a exploração primitiva que as grandes corporações exerciam sobre os trabalhadores com respaldo dos poderes governamentais e das forças armadas.

Evidencia-se que, o autor, expressando seu desprezo às opressões acometidas aos trabalhadores de seu tempo, procurava, através da sua literatura, despertar os oprimidos para ação em suas lutas instintivas e sugerindo um futuro mais esperançoso, que pode ser alcançado por estes meios.

No objetivo de realizar tais feitos, ele concentra sua narrativa, no máximo possível, em movimento de grupos, sem destacar nenhum indivíduo em específico, e emprega uma técnica de mesclar a descrição das personagens individuais com esse ambiente, de tal forma a desumanizar os homens a bordo do navio-fábrica.

Ao mesmo tempo, Takiji não confina seu mundo ao navio-fábrica de caranguejo em questão, mas sempre assume um ponto de vista inclusivo, na qual engloba em seu universo um cenário de uma guerra capitalista internacional e faz investigações a todos os tipos de problemas de natureza política que se torna envolvida nos processos de produção.

Como este se trata, inevitavelmente, de um romance onde se é exprimido uma ideologia, não há como negar o fato de que uma ênfase um tanto tendenciosa pode ser encontrada no ponto de vista

do narrador de Takiji. No entanto, graças à sua habilidosa capacidade de retratar a realidade brutal encontrada naquele navio, de maneira profundamente vívida e tocante é, o que consideramos conferir a esta, a qualidade de uma obra de notável distinção.

Por fim, esperamos humildemente que o presente trabalho sirva para difundir de alguma maneira a obra de Kobayashi Takiji.

4. TRADUÇÃO DE O NAVIO-FÁBRICA CARANGUEJEIRO

O Navio-Fábrica Caranguejeiro

**Um
— A gente vai é pro inferno!**

Debruçados sobre o parapeito do convés, dois homens se esticavam como caramujos que se espreguiçam, e olhavam em direção à cidade de Hakodate, abraçada pelo mar. Um deles, um pescador, expeliu da boca, junto com um escarro, o cigarro que fumara até a ponta de seus dedos. A guimba rodopiou várias vezes, como de gracejo, e caiu pela alta lateral do navio. O homem inteiro fedia a saquê.

Navios a vapor que boiavam sobre suas imensas barrigas vermelhas; outros, que ainda estavam sendo carregados, tombavam com todas as forças para um lado, como se estivessem sendo puxados por uma de suas mangas para o fundo do mar; chaminés largas e amarelas; boias que lembravam enormes sinos; lanchas que costuravam por entre os navios como se fossem pulgas; uma fuligem gélida e murmurante; farelos de pão; frutas apodrecidas: tudo flutuava sobre as ondas, parecendo formar um distinto tapete... Devido às condições do vento, as ondas e o fumo agitavam-se e um cheiro asfixiante de carvão era lançado no ar. Por vezes, o gui-gui-gui do guincho ressoava através das ondas

Logo à frente do Hakukō-Maru, um navio fábrica destinado à pesca e processamento de caranguejo, havia um veleiro com a pintura descamada. As correntes de suas âncoras saíam de buracos

na proa que lembravam as fossas nasais de um touro. Avistavam-se dois estrangeiros que fumavam enormes cachimbos e percorriam o convés de um lado para o outro repetidamente, como se fossem bonecos de corda. Parecia se tratar de uma embarcação russa. Certamente, um patrulheiro destinado a espiar os “navios-fábrica” japoneses de pesca de caranguejo.

— Num tenho nem um centavo, que merda. Olha só. — Disse um dos pescadores, inclinando seu corpo.

Em seguida, agarrou a mão do outro, a trouxe para sua coxa, colocando-a dentro do bolso de sua calça aveludada que usava sob a jaqueta. No bolso, havia algo semelhante a uma caixa.

O outro se calou e fitou o rosto de seu companheiro.

— Hi, hi, hi... — pôs-se a rir. — É um baralho de *hanafuda*⁴⁶!

O capitão, com a postura de um “xogum”⁴⁷, vagava pelo convés enquanto fumava seu cigarro. O fumo do tabaco saía da ponta de seu nariz, partia-se num ângulo agudo e se dissipava no ar. Um tripulante, que arrastava suas sandálias com uma sola de madeira, entrava e saía apressadamente das cabines que ficavam na parte “frontal” do navio. Ele trazia vasilhas de comida. Os preparativos estavam todos prontos e agora estavam prestes a zarpar.

Espiando-se de cima da escotilha onde estavam os operários, avistava-se um alvoroço. Nos beliches que ficavam no escuro porão do navio, pessoas espichavam suas cabeças, como fazem os passarinhos em seus ninhos.

⁴⁶ Jogo de cartas de temas florais e animais. Cada um dos doze meses do ano é representado por quatro cartas distintas, totalizando assim, um baralho de quarenta e oito cartas. Esse baralho era utilizado para jogos de apostas.

⁴⁷ O termo xogum (*shōgun*) é usado para designar o um comandante do exército de alta patente.

Eram todos jovens de quatorze, quinze anos.

— De onde vocês são?

— Da vila X. — todos responderam o mesmo.

Eram crianças de uma zona paupérrima de Hakodate. Por esse motivo, formavam um bloco muito uniforme.

— E nesse beliche aí?

— De Nanbu.

— E esse aqui?

— De Akita.

Cada beliche dava uma resposta diferente.

— De que lugar de Akita?

— Do norte de Akita,⁴⁸ — respondeu o que estava com algo semelhante a pus escorrendo do nariz e cujo entorno dos olhos estava inflamado, como se fossem bordas avermelhadas.

— São camponeses?

— Aham.

O ar estava sufocante, sentia-se o odor azedo de frutas estragadas. Como na sala ao lado estavam armazenados dezenas de tonéis de pickles, os odores se mesclavam e fedia como “merda”.

— Dessa vez cê vai dormir abraçadinho com o papai aqui. — Um pescador soltou uma gargalhada estridente.

⁴⁸ O personagem usa o dialeto da região de Kazuno, norte de Akita.

Num canto escuro, vestindo um calção, uma jaqueta e um lenço triangular na cabeça, uma mãe, com o aspecto de uma diarista, descascava uma maçã e dava de comer a seu filho, que estava deitado de bruços. Enquanto o observava comer, a mãe mastigava a casca que tinha a forma de um anel espiralado. Ela dizia algo, e fazia e desfazia inúmeras vezes um pequeno embrulho que estava ao lado de seu filho. Havia umas sete ou oito mães como ela. Por vezes, as crianças vindas desacompanhadas do Japão ⁴⁹ lançavam olhares furtivos naquela direção.

Uma mulher com os cabelos e o corpo cobertos de pó de cimento distribuía caramelos para as crianças que estavam próximas a ela. Ela tirava o doce de uma caixa, dava dois quadradinhos para cada criança enquanto dizia:

— Trabalhem como amigos com meu Kenkichi, viu?

Suas mãos eram terrivelmente brutas e desformes como as raízes de uma árvore. Algumas mães assuavam os narizes de seus filhos, outras enxugavam seus rostos com uma toalha, outras diziam algo em um tom sussurrante.

— Seu filho tem um corpo bem forte, não é mesmo? — disse uma delas.

— Sim, um pouco.

— O meu é tão fraquinho. Não sei o que fazer...

— É assim em todo lugar, não é?

Aliviados, os dois pescadores retiraram seus rostos da escotilha de volta para convés.

Mal-humorados e calados, afastaram-se do buraco dos operários e retornaram às pressas para a proa do navio, onde ficava

⁴⁹ O termo original, *naichi* (内地), se refere às ilhas de Honshû, Shikoku e Kyûshû e faz oposição a Hokkaidô, Okinawa e as colônias do Império do Japão.

seu “ninho” de forma trapezoidal. Cada vez que as âncoras eram arriadas ou içadas, era como se fossem arremessados para dentro de um misturador de concreto: todos chacoalhavam e chocavam-se uns com os outros.

No meio da escuridão, os pescadores roncavam como porcos. Além disso, o cheiro que de lá emanava logo causava náuseas, exatamente como num chiqueiro.

— Que fedô horrível!

— Claro que fede, é a gente. A gente também tem esse cheiro podre!

Um pescador, cuja cabeça lembrava um pilão vermelho, botava saquê de uma garrafa para uma tigela com a borda lascada. Ele mastigava ruidosamente uma lula seca enquanto bebia. Ao seu lado, havia outro deitado de barriga para cima. Ele foleava uma revista de aventuras já com a capa muito gasta enquanto comia uma maçã.

Quatro homens sentaram-se em círculo para beber saquê. Outro que ainda não havia bebido o suficiente meteu-se no meio do grupo.

— Então é isso. Quatro meses no mar. E eu achava que não faria mais essas coisas...

Disse o homem de corpo robusto. Vez ou outra, lambia o fino lábio inferior e semicerrava os olhos, como um cacoete.

— ... E vejam só a minha carteira.

Brandia a altura dos olhos uma bolsinha tão fina quanto um caqui seco.

— Aquela puta é desse tamaninho, mas ela é muito boa no que faz!

— Ei, para com isso!

— Não, não, pode continuar.

Um deles desatou-se em gargalhada.

— Vejam só. Não é admirável? — com os olhos embriagados, fitou a parte inferior do beliche que ficava imediatamente a sua frente.

— Hm! — concordou outro com o queixo.

Um pescador estava entregando dinheiro a sua esposa.

— Vejam, vejam!

Ambos amontoavam notas amarrotadas e moedas prateadas sobre uma caixinha, onde contavam o valor. O homem lambia várias vezes a ponta de um lápis com o qual fazia anotações num caderninho.

— Vejam só!

— Eu também tenho mulher e filhos. — Disse o homem que falara sobre a puta, ficando irritado repentinamente.

Num beliche um pouco afastado dali, um jovem pescador com uma franja sobre a testa tinha a face esverdeada e inchada, dessas que se tem quando se está de ressaca.

— Eu também achava que dessa vez não viria para um navio...
— Disse em alto tom.

— A agência me empurrou para lá e para cá e eu acabei sem nenhum tostão... Agora estou eu de novo aqui, jogado para morrer aos poucos.

Um homem que parecia ter vindo do mesmo lugar que o rapaz, e do qual apenas se viam as costas, murmurou algo.

Um par de pernas arqueadas surgiu da escotilha. Um homem descia as escadas carregando uma enorme e antiquada sacola de pano nas costas. Quando pisou no chão, olhou distraidamente a sua volta, procurando um beliche. Assim que encontrou um vazio, pôs-se a subi-lo.

— Olá. — Disse para o homem ao lado, inclinando sua cabeça.

Sua cabeça estava negra e oleosa, como se tivesse sido pintada com algo.

— Vou me juntar a vocês, companheiros.

Foram saber depois que esse homem, antes de embarcar no navio, havia trabalhado por sete anos nas minas de carvão de Yubari. Depois de uma explosão de gás que acontecera pouco tempo atrás — da qual escapara da morte por um fio (já haviam ocorrido inúmeras situações como essas antes) —, tomou receio da profissão e abandonou as minas de carvão. No momento da explosão, ele trabalhava no interior daquela mina empurrando vagões. Tudo aconteceu quando o homem empurrava um deles cheio de carvão até um lugar onde outro o esperava para recebê-lo. Por um instante, achou que tivessem acendido cem tochas de magnésio bem diante de seus olhos. Então, num tempo menor que um piscar de olhos, sentiu seu próprio corpo ser arremessado como se fosse uma folha de papel. A pressão do gás era tamanha que vários vagões voaram pelo ar como se estes fossem mais leves que caixas de fósforo vazias. A partir daí, não se lembrava de mais nada. Não sabia quanto tempo havia se passado, e só abriu os olhos com o som do próprio gemido. O superintendente e os operários construía um muro na galeria para evitar que a explosão atingisse outros. Por de trás desse muro,

ouvia vozes de mineradores pedindo socorro desesperadamente. Escutara com “clareza” aquelas vozes que clamavam por socorro, a ponto de nunca mais conseguir esquece-las. Era como se elas houvessem sido costuradas em sua alma. Ele levantou de supetão, e, como um enlouquecido, pulou no meio de todos, gritando:

— É inútil! É inútil! (Já houve ocasiões em que ele construía aquele tipo de muro. Porém, nunca antes acontecera algo daquela proporção).

— Seu imbecil! Deixe o fogo chegar até aqui e a perda será ainda maior!

“Mas vocês não percebem que as vozes deles estão ficando cada vez mais fracas!?”, pensou, mas ao invés de dizê-lo, saiu correndo da mina aos trancos e barrancos, chacoalhando os braços e esperneando algo. Tropeçou diversas vezes e bateu com a testa na viga da mina. Seu corpo era todo lama e sangue. Quando corria, deu uma topada num dormente, caiu sobre os trilhos como se tivesse sido arremessado numa cambalhota e perdeu a consciência novamente.

— Bem, por aqui as coisas não são tão diferentes.... — disse um jovem pescador que ouvia a história.

Deitou um olhar fixo sobre os pescadores. Seus olhos eram daqueles típicos de um minerador: tinha um amarelado opaco, que parecia se ofuscar com a luz.

Dentre os “pescadores camponeses”, como eram conhecidos os que vinham de Akita, Aomori e Iwate, uns sentavam-se com as pernas amplamente cruzadas, com as mãos metidas nas axilas e expressão de desinteresse; outros se encostavam às pilastras, abraçavam seus joelhos e bebiam saquê despreocupadamente; havia também aqueles que falavam pelos cotovelos e aqueles que ouviam atentamente suas histórias. Eram homens que saíam para a roça

ainda no escuro da madrugada. Como não conseguiam dar de comer a suas famílias, vieram enxotados de suas terras. Deixavam suas famílias encarregadas aos primogênitos — ainda assim não conseguiam sobreviver —, as mulheres iam para as fábricas trabalhar como operárias e os filhos mais novos tinham de sair para trabalhar num lugar qualquer. Como feijões escolhidos numa panela, as pessoas que restavam rapidamente eram despachadas de suas terras e acabavam desembocando na cidade. Todos pretendiam “juntar dinheiro” e retornar para suas terras natais. Porém, assim que pisavam em solo firme, ficavam aprisionados em cidades como Hakodate e Otaru, como se fossem passarinhos que pisaram numa armadilha. E então, eram expelidos completamente pelados, uma situação não tão diferente de quando vieram ao mundo ao “nascer”. Dessa forma, já não conseguiam retornar para casa. Para “sobreviver durante o inverno” de Hokkaidō, onde não havia parentes, eram “obrigados a vender” seus próprios corpos ao preço de um escarro. Eles diziam aquilo repetidas vezes, mas como crianças malcriadas, retornavam a fazer as mesmas coisas com indiferença (?) no ano seguinte.

Entraram no aposento uma ambulante que carregava nas costas uma caixa de doces, uma vendedora de remédios e uma comerciante de utensílios do dia-a-dia. Cada uma espalhou suas respectivas mercadorias em lugares marcados, formando ilhas isoladas no centro do quarto. Nos quatro cantos do aposento, todos desciam de seus beliches. Retiravam seus corpos das camas superiores e inferiores, lançavam gracejos e contavam piadas.

— O que você tem de bom, meu docinho?

— Ei, faz cosquinha! — disse a ambulante num tom desconcertado após dar um salto.

— Não se passa mão na bunda dos outros assim, homem nojento!

O homem, que mascava ruidosamente um pedaço de doce, se envergonhou diante do olhar de todos e soltou uma gargalhada.

— Essa mulher aqui é uma gracinha!

Um bêbado que vinha do banheiro a passos cambaleantes se apoiava numa parede com uma das mãos. No caminho, apertou as bochechas enrubescidas da moça.

— O que você quer?

— Não se irrite. Eu só quero dormir abraçadinho com você.

Ao dizê-lo, o homem fez uma expressão jocosa para a moça. Todos se desataram a rir.

— Ei, você, quero seu *manjū*! — alguém berrou de um canto.

— Siiim.... — respondeu com uma voz feminina, clara e transparente, pouco usual naquele lugar.

— Quantos você deseja?

— Como assim “quantos”? Se tem mais de um deve ser uma aleijona. *Manjū*! Me dá seu *manjū*!⁵⁰ — de repente soltou uma risada ruidosa.

— Há um tempo atrás, o Takeda arrastou à força essa vendedora para um canto onde não havia ninguém. Não acha engraçado? Mas de qualquer forma, dizem que ele não conseguiu nada... — dizia um jovem pescador bêbado.

⁵⁰ Aa palavra *manjū*, doce tradicional japonês feito à base de feijão, era também usada para se referir à genitália feminina.

— ... porque ela usava ceroulas. O Takeda tentou arrancá-las com toda a sua força, mas não adiantava de nada, pois sempre havia outra por baixo. — Vestia até três ceroulas... — o rapaz encolheu o pescoço e soltou uma gargalhada.

No inverno, esse homem era operário de uma fábrica de galochas de borracha. Quando chegava a primavera, não havia mais trabalho e partia como *dekasegi*⁵¹ para o Kamchatka. Como ambos os empregos eram “sazonais” (em Hokkaidō, praticamente todos os trabalhos o eram), trabalhava também à noite sem sequer dar uma pausa.

— Ficarei feliz se conseguir sobreviver por mais três anos, — dizia. Sua pele tinha um tom mórbido, parecido com o de uma borracha artificial.

Dentre os pescadores, havia aqueles que eram vendidos como “polvos”⁵² para as plantações do interior de Hokkaidō ou para as agências que recrutam peões para trabalhar na estrada de ferro. Havia também os “andarilhos” que vagavam sem rumo pelos cantos, e outros que se contentavam apenas com saquê. Nesse meio, também havia aqueles que vinham das redondezas de Aomori, camponeses que de “nada sabiam” e os honestos como “raízes de uma árvore”, escolhidos a dedo pelos bem intencionados chefes de suas vilas. Assim, não havia nada mais conveniente para os empregadores que contratar esse grupo difuso sem nenhuma

⁵¹ Termo usado para designar os imigrantes japoneses que partiam para o exterior (em geral, para ilha de Hokkaidō — que, naquela época, não integrava os territórios administrativos do Japão —, região da Manchúria e para as Américas). Nos dias de hoje, a palavra tornou-se popular, porém, para se referir às pessoas que fazem o fluxo inverso, ou seja, que migram para o Japão.

⁵² Eram assim designados, pois o polvo, quando enjaulado, tem o hábito de comer os próprios tentáculos para não morrer de fome. Dessa forma, os trabalhadores levavam o nome do animal, pois eram condenados a um trabalho de semiescravidão, no qual acabavam “consumindo” seus próprios bens para se manterem vivos.

articulação. (Às vezes o sindicato dos operários de Hakodate infiltravam associados entre os pescadores que partiam para o Kamchatka e isso havia se tornado um grande aborrecimento. Temiam, acima de tudo, que eles tivessem contato com as associações de Aomori e Akita.)

Um criado que vestia um paletó branco e engomado, muito curto para sua estatura, entrava e saía apressadamente do salão da “amizade”, carregando copos com cerveja, frutas e bebidas ocidentais.

Estavam no salão as pessoas mais temíveis da companhia: o capitão, o superintendente, o comandante do contratorpedeiro responsável por patrulhar o navio no Kamchatka, o chefe da guarda-costeira e o pasta do sindicato dos marinheiros.

— Caralho, nunca vi encherem a cara desse jeito. — irritado, pensou o criado.

No “poção” dos pescadores, havia uma lâmpada que lembrava uma rosa japonesa. O fumo do tabaco e o suor das pessoas deixavam o ar denso e malcheiroso. O buraco inteiro era um verdadeiro “pote de merda”. Viam-se indivíduos esparramados em suas respectivas camas feito vermes a se rastejar. Encabeçados pelo superintendente, o capitão, o representante da companhia e o chefe dos operários desceram pela escotilha. Preocupado com seu bigode saliente, a todo o momento o capitão o abaixava passando um lenço em seu lábio superior. No corredor, estavam cascas de maçã e banana, meiões ensopados, chinelos de palha e uma fina casca cheia de grãos de arroz grudados. Era um cano de esgoto entupido. O superintendente lançou um olhar severo sobre aquilo tudo e cuspiu rudemente. Eles haviam descido com as faces enrubescidas; pareciam estar todos ébrios.

— Tenho uma coisinha a dizer para vocês. — o superintendente começou a discursar. Ele, que tinha o corpo rijo como a canela de um trabalhador, pôs um pé sobre uma das camas, mastigava um palito e às vezes cuspiu o que havia grudado entre os dentes.

— Provavelmente alguns de vocês já estão cansados de saber, mas devo dizer que o objetivo desse pesqueiro de caranguejos é muito claro, não é um trabalho que visa apenas o lucro. Trata-se de uma questão internacional de altíssima importância. Nós, cidadãos do Império do Japão, somos melhores ou são os *ruskis*? Essa é uma batalha mano-a-mano. Se por algum acaso... — é óbvio que isso jamais aconteceria —, mas, se por algum acaso, nós viermos a perder essa luta, nós, homens e rapazes japoneses que temos colhões, devemos todos cortar nossas barrigas e nos jogar no mar de Kamchatka. Só porque nossos corpos são menores, não quer dizer que iremos perder para aqueles *ruskis* imbecis.

— Além do mais, nossos pescadores do Kamchatka não enlatam apenas carne de caranguejo. Nossa produção de salmão e truta nos coloca num patamar privilegiado em relação a outros países. Sem contar que, temos o grande dever de solucionar os problemas da escassez de alimento, e o problema populacional, que já deixam o Japão num beco-sem-saída. Talvez não adiante dizer muita coisa, pois é difícil que vocês compreendam. De qualquer forma, quero que vocês saibam que, pelo Império do Japão, daremos nossas vidas e enfrentaremos os mares revoltosos de Hokkaidō. Justamente por essa causa, aonde quer que formos, estaremos protegidos o tempo todo pelo contratorpedeiro enviado pelo Império... Se por algum motivo alguém imitar essas coisas dos *ruskis* que estão na moda e fizerem algo desnecessário, será considerado, sem mais nem menos, como traidor do Império do Japão. Não há razões para que tal coisa aconteça, mas quero que vocês se lembrem bem disso...

O superintendente parecia se recuperar da embriagues e espirrava repetidas vezes.

O chefe do contratorpedeiro, que ainda estava embriagado, descia a rampa para a lancha que o esperava. Seus passos eram espasmódicos como os de um boneco de cordas. Os marinheiros que vinham acima e abaixo do chefe, o seguravam como se esse fosse um saco cheio de pedras. Quase não deram conta do peso. Ele chacoalhava os braços, travava os pés no chão, berrava a seu bel-prazer e diversas vezes “cuspiu” em cheio no rosto dos marinheiros.

— Na frente dos outros diz isso e aquilo, mas é só aparência. — disse em voz baixa um dos marinheiros, enquanto desamarrava a corda da rampa e olhava diretamente em direção ao chefe que acabara de embarcar na lancha.

— Vamos dar cabo dele?

Por um instante os dois prenderam a respiração, mas logo se desataram a rir em uníssono.

Dois

A cada vez que o farol de Shukutsu girava, via-se a estibordo uma luz intensa brilhar ao longe no meio de uma névoa que se mesclava à superfície do oceano cinzento. Quando o farol apontava para o lado oposto, miraculosamente sua ampla e prateada luz trazia para perto milhas adiante.

Nas proximidades do mar de Rumoi, começou a cair uma chuva fina feito um *spray*. As mãos dos pescadores estavam inchadas pelo frio e assemelhavam-se a garras de caranguejo. Eles as metiam dentro de seus bolsos ou formavam uma concha no entorno da boca e as sopravam. Só conseguiam trabalhar dessa maneira. A chuva parecia com fios formados por *nattō*⁵³ que não se partem. Ela caía sobre o mar que tinha a mesma cor opaca. Porém, conforme se aproximavam de Wakkanai, a chuva foi ficando cada vez mais grossa e a vasta superfície do mar ondulava feito uma bandeira. Então, voltava a chover fino novamente sem cessar. O vento chocava-se contra o mastro e provocava um somido sinistro. Uma parte do navio rangia estrondosamente, emitindo um som ríspido como se os rebites estivessem se afrouxando. Ao entrar no Estreito de Soya, o navio, que pesava quase três mil toneladas, começou a soluçar compulsivamente: Hic! Hic! Fazendo movimentos convulsivos, o navio era levantado por uma força extraordinária. Por alguns momentos, flutuava no ar. Mas em seguida, afundava num enorme estrondo, voltando a sua posição original. Sentia-se um desconforto muito desagradável, igual àquele sentido quando se está descendo de elevador e se tem vontade de urinar. Enjoados, os operários tinham a pele amarelada e os olhos semicerrados. Eles vomitavam ruidosamente.

Através da portinhola redonda embaçada pelo *spray* das ondas, avistava-se a linha rígida formada pela cadeia das enevoadas montanhas de Karafuto. Porém, as montanhas logo desapareciam do vidro, escondidas pelas ondas que se erguiam assustadoramente e pareciam os cumes alpinos. Entre as ondas, formavam-se vales gélidos e profundos. As ondas se aproximavam num piscar de olhos, chocavam subitamente contra as janelas, onde se quebravam e emitiam um som espumoso: Zah! E então, essa espuma ia em

⁵³ Soja fermentada que formam fios quando puxados.

direção aos fundos do navio, deslizando pelas janelas e fazendo um percurso panorâmico. Por vezes, o navio chacoalhava seu corpo como o faz uma criança. Ouviam-se o som de coisas caindo dos beliches, o som de algo se entortando e o som das ondas que flanqueavam o casco do navio. Somava-se ainda o som dos motores que vinha das salas das máquinas. Ele reverberava por vários objetos, trazendo consigo uma pequena vibração, curta e contínua. Às vezes, quando o navio subia a crista de uma onda, a hélice girava no ar, tapeando a superfície do mar com suas pás.

O vento ficava cada vez mais forte. Os dois mastros entortavam-se feito varas de pescar, emitindo um choro ruidoso. Com a facilidade de quem salta um tronco, as ondas invadiam o navio, como um grupo de bandidos, e escorria de um lado para o outro. Nesse momento, as escotilhas viravam verdadeiras cataratas.

Quando estava nos enormes e tenebrosos declives formados pelas montanhas d'água que se erguiam subitamente, o barquinho de brinquedo pendia levemente para um dos lados. Então, como se fosse tombar, o navio mergulhava em direção ao fundo do vale. Dessa vez irá afundar! Porém, imediatamente levantou-se outra colossal onda do fundo do vale arremessando o navio com um grande baque no casco. Assim que deixaram o Mar de Okhotsk, a água ficou completamente cinzenta. O frio penetrava nas roupas dos operários de forma impiedosa. Trabalhavam todos com os lábios arroxeados pelo frio. Conforme o frio aumentava, a neve, fina e seca como sal, chorava emitindo um somido agudo. Como pequeninos cacos de vidro, a neve se arrastava pelo convés e penetrava nas faces e nas mãos dos operários e pescadores que lá trabalhavam. As ondas lavavam o convés e logo congelavam, deixando o chão extremamente escorregadio. Todos se agarravam numa corda que ia de uma ponta a outra do convés, e, então, balançavam como fraudas estendidas num varal. Eram obrigados a trabalhar daquela maneira. O

superintendente vagava por lá segurando seu porrete para matar salmão e berrando algo.

Antes que alguém se desse conta, um outro pescueiro de caranguejos que havia zarpado de Hakodate junto deles acabara se afastando. No entanto, quando escalavam os cumes alpinos com todas suas forças, por vezes conseguiam avistar ao longe os dois mastros do navio, que se chacoalhavam para cima e para baixo, como fazem as mãos de uma pessoa que está se afogando. O fumo, que mais lembrava o de um cigarro, soprava raspando as ondas, dissipava-se e subia aos céus. Entre as ondulações e os gritos, podia-se ouvir em intervalos um zunido estridente. Certamente seria a sirene daquele navio. No entanto, nos momentos seguintes, como que agonizando, o de cá caía no fundo de um vale.

No pescueiro de caranguejo havia oito botes de pesca. Os marinheiros e pescadores arriscavam suas próprias vidas “como se nada valessem” para que esses botes não fossem arrastados pelas ondas, que mostravam suas presas brancas como se fossem milhares de leões marinhos.

— O que é perder um ou dois de vocês? Seria um prejuízo se eu perdesse um desses botes. — disse o superintendente em japonês claro.

“Como ousam chegar até aqui?”. O Mar de Kamchatka parecia pensar assim, enquanto esperava às espreitas pela chegada do navio. As ondas avançavam, rugindo como leões famintos. O navio, porém, era mais fraco que um coelho. Devido às condições do vento, o céu tempestuoso parecia ondular feito uma enorme bandeira branca. A noite se aproximava. No entanto, a tempestade parecia não cessar.

Assim que o trabalho terminava, todos retornavam em ordem para dentro do “pote de merda”. Suas mãos e pés estavam

congelados, parecendo nabos, insensíveis e atados aos seus corpos. Assim que todos se metiam em seus respectivos beliches, como se fossem bichos-da-seda, não se ouvia a voz de um só deles. Eles se arremessavam nas camas segurando o braço de ferro. O navio sacolejava violentamente o corpo, como o faz um cavalo para espantar as moscas que parasitam em suas costas. Alguns pescadores lançavam olhares vagos sobre o encardido teto de pintura branca; outros, sobre as janelas redondas de cor azul-marinho que estavam praticamente submersas no mar; dentre eles haviam aqueles que tinham as bocas semiabertas como se fossem retardados mentais. Ninguém pensava em nada. Um vago sentimento de angústia mantinham todos calados e de mal humor.

Com os rostos voltados para cima, bebiam, aos safanões, uísque direto do gargalo. Vez ou outra, a boca da garrafa brilhava sob a difusa e alaranjada lâmpada elétrica. Uma garrafa vazia de uísque foi arremessada com todas as forças para fora do beliche. Ela fez um ziguezague, chocando-se aqui e ali e parou no corredor. Todos viraram apenas a cabeça naquela direção e seguiram a garrafa com os olhos. De algum recôndito, alguém vociferou algo. Sua voz foi entrecortada pelo som da tempestade e soou como uma vozinha fina.

— Já nos afastamos do Japão. — disse esfregando uma janela arredondada com o cotovelo.

O aquecedor do “pote de merda” apenas lançava faíscas e fumo. Como se fossem trutas ou salmões jogados por engano numa “geladeira”, os seres humanos que lá “viviam” tremiam ruidosamente. As ondas corriam a passos longos sobre a lona que cobria a escotilha: Zah! Zah! Elas provocavam uma ressonância terrível nas paredes de ferro do “pote de merda”, que, naquele momento, mais parecia o interior de um tambor. Às vezes, ouvia-se um estrondo que vinha da sala logo ao lado onde dormiam os pescadores. Parecia que um

homem batia repetidas vezes com o ombro forte. Naquele estágio, o navio era exatamente como uma baleia agonizante, que debate seu corpo no meio do mar revolto.

— Hora do rango! — o cozinheiro botou apenas a metade de cima do troco para fora da porta e gritou, formando uma concha no entorno da boca com ambas as mãos.

— Por causa da tempestade, não vai ter sopa.

— O que tem, então?

— Peixe salgado podre! — e escondeu o rosto.

Levantaram-se um a um. Quando se tratava de comer, tinham todos o vigor de presidiários. Estavam famintos.

Comiam sentados, com o prato de peixe salgado entre as pernas, e, depois de soprar o vapor, enxiam as bochechas com o arroz quente e solto, passando-o de um lado para o outro e sobre o dorso da língua.

Como era a “primeira vez” que levavam algo quente para perto da ponta de seus narizes, destes começaram a escorrer um muco que ameaçava cair dentro de suas comidas.

Enquanto comiam, o superintendente entrou no aposento.

— Não devorem tudo feito mendigos famintos. Como ousam encher as panças desse jeito, justo num dia em que não trabalharam o suficiente?

Depois de examinar vagorosamente os beliches de cima a baixo, chacoalhou apenas o ombro esquerdo, apontando-o para frente, e saiu dali.

— Afinal, ele tem o direito de falar essas coisas pra gente? — resmungou um ex-estudante, que, devido ao enjoo causado pelo mar e ao trabalho contínuo, tinha a aparência magra de dar dó.

— O pescueiro trabalha pra ele ou ele trabalha pro pescueiro?

— O Imperador, nossa alteza, está acima das nuvens, e por isso, pra gente tanto faz. Mas acho que não se pode dizer o mesmo do Asa. — disseram em outra direção.

— É um mesquinho! Que diferença faz uma ou duas tigelas de arroz? Vamos dar uma sova nele! — disse um outro em tom irritado.

— Muito bem! Muito bem! Vai ser ainda melhor se disser isso na cara do Asa.

Eles não tinham escolha. Apesar de aborrecidos, desataram-se todos a rir.

À noite, depois de muito se passado, o superintendente, vestindo uma capa de chuva, adentrou no dormitório dos pescadores. Devido ao balançar do navio, agarrava-se nas bordas dos beliches para se apoiar. Enquanto caminhava entre os pescadores, iluminava cada qual com uma luminária. Movia violentamente suas cabeças, que se prostravam como abóboras, e apontava a luz para cada uma delas. Não acordariam mesmo se fossem pisoteados. Assim que averiguou todos, ficou parado por um momento e fez um estalo com a língua. Parecia pensar sobre o que fazer. Porém, logo em seguida dirigiu-se à sala de suprimentos que ficava ao lado. Conforme a luz azulada da lanterna oscilava semelhante a um leque, uma série de coisas cintilava e voltava à escuridão; dentre as quais: a parte de um beliche abarrotado, os longos canos de uma galocha a prova d'água, uma jaqueta dependurada num suporte, parte de uma mala... A luz vacilava pelo chão e se recolhia por alguns momentos. Então, refletiu-se, na porta da sala de suprimentos, um feixe de luz de

formato circular que fazia lembrar a luz de um projetor. Na manhã seguinte, deram-se conta de que um dos operários havia desaparecido.

Todos se recordaram do “árduo trabalho” do dia anterior, e logo concluíram: “Ah, ele foi engolido pelas ondas.” Sentiram-se desconfortáveis. Porém, como os pescadores deviam voltar ao trabalho logo pela manhazinha, não conseguiram falar entre si sobre o caso.

— Quem pularia de propósito nessa água gelada? Ele está escondido! Quando encontrá-lo, vou espancar aquele puto até a morte!

O superintendente, que girava sem parar seu porrete como se fosse um brinquedo, caminhava pelo navio a sua procura.

O pior da tempestade já havia passado. Apesar disso, durante seu percurso, o navio era invadido pelas ondas que se erguiam e percorriam a “superfície” do convés com a facilidade de quem entra em sua própria casa. Como se tivesse ferimentos graves por todo o corpo depois de lutar dia e noite, o navio seguia seu rumo, emitindo um som de quem estava manco. A névoa, rala como fumo, estava a uma altura que podia ser alcançada pelas mãos. Ao atingir o mastro, partia-se, emitia um som agudo e se desfazia. A chuva gelada ainda não cessara. Nos quatro cantos do navio, as ondas erguiam-se com violência. Era possível ver com clareza os riscos da chuva penetrarem no mar como flechas. Era uma sensação mais estranha que quando se está perdido numa mata virgem no meio da chuva.

A corda de linho a qual se agarravam estava extremamente gelada, como uma barra de ferro. Um ex-estudante, que atravessava o convés segurando-se à corda para não escorregar, encontrou o criado que subia os degraus da rampa aos saltos alternando os pés.

— Ei, espere um pouco, — o criado o puxou para um canto onde não havia vento.

— Tenho uma coisa interessante para te contar, — começou a falar.

— Aconteceu por volta das duas horas daquela manhã. As ondas pulavam sobre o convés do navio, emitindo um som intervalado, como o de uma cachoeira: Baja, baja, zah! No meio do breu da noite, as ondas escancaravam seus dentes e via-se uma luz branca azulada. Por conta da tempestade, todos estavam sem dormir. Foi naquele momento.

O radiotelegrafista entrou desesperado na cabine do capitão.

— Temos um problema, capitão. É um sinal de S.O.S.!

— S.O.S? — De que navio?

— Do Chichibu-Marú. Aquele que navegava junto do nosso.

— Esse barco é uma lata velha! — Asakawa vestia uma capa de chuva e sentava-se com as pernas escancaradas numa cadeira ao canto. Desatava-se a rir enquanto batia tolamente com a ponta de um de seus sapatos, fazendo um estalido repetitivo.

— Era de se esperar, afinal todos os barcos são latas velhas.

— Parece ser uma emergência.

— Sim, é uma pena.

O capitão levantou-se para ir à cabine do timão e saía sem mesmo por suas vestes. Contudo, no momento em que abria a porta, subitamente, Asakawa agarrou seu ombro direito.

— Quem te ordenou a fazer desvios desnecessários?

— Quem ordenou? Não sou o “capitão” ? — pensou, mas naquele momento o capitão permaneceu estarecido, feito uma estaca.

Porém, logo se recompôs.

— Como o capitão, ordeno que...

— Como capitããã?! — disse o superintendente em tom de insulto enquanto bloqueava sua passagem.

— Ei, afinal, a quem pertence esse barco? A companhia desembolsou dinheiro para alugar esse navio. Quem dita as coisas aqui é o Sr. Suda, representante da companhia, e eu. Você vem me dizer, todo cheio de si, que é o capitão, mas não vale mais que um papel higiênico cheio de merda. Entende o que eu digo? — Se nós nos preocuparmos com aquela lata-velha, perderemos uma semana. Não estou de brincadeira. Tente nos atrasar um dia só sequer! Além disso, o Chichibu-Maru tem um seguro mais alto do que aquele navio vale. É uma lata velha! Sairemos no lucro se afundar.

— Agora vai ter uma briga daquelas! — pensou o criado. Não havia motivos para as coisas terminarem daquele jeito. Contudo (!), o capitão permaneceu petrificado, como se houvessem enfiado algodão em sua garganta. O criado nunca vira o capitão daquele jeito.

— As coisas que o capitão diz não valem de nada? Parece tolice, mas isso está acontecendo! — o criado não compreendia por nada aquela situação.

— Se tiver compaixão, como vamos superar essa grande luta entre países? — contorceu com todas as forças seus lábios e soltou um cuspidor.

Na cabine de radiotelegrafia, o receptor trabalhava sem parar e às vezes soltava pequenas fagulhas azuladas semelhantes a fogos de artifício.

Dirigiram-se todos para lá para saber qual seria o desfecho.

— Vejam só como está batendo. Está cada vez mais rápido. — Explicou o telegrafista ao capitão e o superintendente, que olhavam por cima de seu ombro. Estavam todos calados, com os ombros e queixos rígidos e os olhos pregados nas pontas dos dedos do telegrafista, que deslizava sua mão habilmente pelos botões e interruptores de várias máquinas.

A cada vez que o navio estremecia, a luz elétrica — que mais parecia uma protuberância pregada na parede — tornava-se clara e depois apagava-se. Abafados pelas portas de ferro, ouviam-se os ruídos das ondas que flanqueavam o navio violentamente e do apito que, ininterruptamente, emitia um somido sinistro. Por causa das condições do vento, aquele barulho ora tornava-se distante, ora estava perto, acima de suas cabeças.

— Piiiiiii, piiiiiii, — o aparelho soltou uma faísca com uma longa calda. Então, subitamente parou de emitir som. Naquele instante todos sentiram um baque no peito. Desesperado, o operador apertou os interruptores, e o tempo todo ligava as máquinas. Mas não havia mais o que fazer. Não chegava mais nenhum sinal.

O operador inclinava o corpo e rodava em sua cadeira giratória.

— Naufragou!....

Tirou o aparelho da cabeça e disse em voz baixa:

— Tripulação de quatrocentos e vinte e cinco. É o fim. Não há esperanças de serem resgatados. “S.O.S, S.O.S”, enviaram duas ou três vezes esse sinal e então o sinal foi cortado.

Ao ouvi-lo, o capitão meteu a mão dentro do colarinho, sacudindo a cabeça como se estivesse se sufocando e passou a esticar o pescoço. Com um olhar perdido, passou a vista inquietamente por seu entorno e voltou seu corpo em direção à porta. Então, apertou o nó de sua gravata. Não suportavam mais ver o capitão daquele jeito.

...

— Então é isso mesmo? — perguntou o ex-estudante.

Aquela história o deixara exaltado. Porém, sentiu-se abatido em seguida e voltou os olhos para o mar. O mar ainda se revolia com as grandes ondas, que vinham uma atrás da outra. Por alguns breves instantes, a lâmina do mar parecia estar sob a sola de seus pés, mas logo em seguida, eram arrastados para o fundo de um vale, a ponto de o céu se encolher diante de seus olhos.

— Será que afundou mesmo? — indagou a si mesmo. Não conseguia deixar de pensar no ocorrido. Deu-se conta de que eles próprios também estavam embarcados numa lata velha como aquela que afundara.

Todos os navios-fábricas de caranguejo eram velharias. Os altos executivos – que naquele momento estavam no prédio Marubiru⁵⁴ – pouco se importavam se os operários morreriam no

⁵⁴ Luxuoso prédio comercial localizado em Tóquio.

norte de Okhotsk. Quando os lucros previstos pelo capitalismo se estagnavam, quando as taxas de juros abaixavam ou quando havia capital em excesso, eles faziam literalmente qualquer loucura e iriam a qualquer lugar para encontrar desesperadamente uma saída. Para piorar a situação, eles ganhavam astuciosamente centenas de milhares de ienes à custa de apenas um navio-fábrica. Desnecessário dizer como se entusiasmavam com aquilo tudo.

O pesqueiro de caranguejo era um navio-fábrica (isto é, uma fábrica dentro de um navio) e não uma mera “embarcação”. Por esse motivo, as leis de navegação não se aplicavam a esse tipo de navio. Eram mantidos amarrados por até vinte anos. Nada podia ser feito a esses barcos, semelhantes a “sifilíticos”, a não ser afundá-los. Aplicava-se lhes uma maquiagem sem vergonha apenas em sua lataria e eram trazidos para Hakodate. Aleijados “honrosamente” na guerra russo-japonesa, os navios-hospitais e cargueiros militares, abandonados como tripas de peixe, mostravam suas silhuetas mais esguias que um espectro. Se aumentasse um pouco mais o vapor, seus tubos se romperiam ao soprar. Quando aumentavam a velocidade ao serem perseguidos pelos patrulheiros russos (isso acontecia várias vezes), cada parte do navio rangia soltando um lamento, e parecia que ia partir-se ao meio a qualquer momento. Tremiam seus corpos feito enfermos que sofreram derrame vascular.

Mas nada disso interessava, pois naquele “momento oportuno” todos deveriam fazer o que for pelo Império do Japão. Além do mais, os pesqueiros de caranguejo não passavam de meras “fábricas”. Apesar de não se aplicarem, também, as leis válidas para as fábricas. Por esse motivo, não havia lugar mais conveniente para se fazer o que bem se entendesse.

Os brilhantes executivos atrelaram esse trabalho aos “interesses do Império do Japão”. Dessa forma, quantias

inacreditáveis iam parar todas em seus bolsos. Para transformar esse dinheiro em algo mais concreto, eles pensavam, enquanto dirigiam seus carros, em disputar um cargo de “representante do povo” no congresso. Porém, naquele exato momento, no escuro oceano a milhares de milhas ao norte, os operários do Chichibu-Marú encaravam ondas e os ventos, afiados como cacos de vidro, lutando contra a morte!

..... Pensava o ex-estudante enquanto descia a rampa em direção ao “pote de merda”.

— Esse é um problema nosso também.

Assim que desceu as escadas para o “pote de merda”, logo se deparou com um bilhete cheio de erros ortográficos:

Operários,

quem encontrar o Miyaguchi será
recompensado com 2 massos de *Bat*
e 1 toalha de mão.

Superintendente Asakawa

O papel com esses dizeres fora colado com grãos de arroz cozido ao invés de cola.

Três

A chuva fraca continuou por vários dias. A ofuscada costa do Kamchatka parecia uma enguia escorregadia a se esticar.

O Hakkō-Maru ancorou a quatro milhas náuticas da costa. Assim “decidiram”, pois a partir de três milhas estariam em águas russas e não poderiam entrar.

As redes estavam prontas, e foram feitos todos os preparos para que a pesca de caranguejos pudesse ser começada a qualquer momento. Como o sol nascia por volta das duas no Kamchatka, os pescadores tiravam seus cochilos dentro das caixas de pesca. Vestiam-se dos pés à cabeça e calçavam galochas que vinham até suas virilhas.

— Não era para ser dessa forma, — murmurava o ex-estudante de Tóquio que viera trapaceado pelos agenciadores.

— Eles me disseram que dormiríamos sozinhos, aqueles espertalhões!

— Não dormimos sozinhos mesmo. Isso aqui é só um cochilo.

Haviam embarcado uns dezessete ou dezoito estudantes. Eram-lhes emprestados sessenta ienes de antemão. Desse valor, descontavam-se os custos da passagem de trem, da hospedagem, da coberta, do saco de dormir; além de uma comissão. No fim das contas, ao embarcarem no navio, restavam-lhes apenas sete ou oito ienes... em débito (!). No momento em que se deram conta disso, ficaram mais atônitos que ficariam se o dinheiro que seguravam em suas mãos fossem folhas secas. No início, formaram seu próprio grupo no meio dos pescadores como corpos rodeados de demônios vermelhos e azuis.

A partir do quarto dia após zarparem de Hakodate, todos os estudantes começaram a passar mal em decorrência do arroz passado e da sopa costumeira. Após irem para cama, suspendiam seus joelhos e, ao mesmo tempo, apertavam seus tendões de Aquiles com os dedos. Repetiam esse movimento diversas vezes, alegrando-

se quando o dedo não deixava marcas na pele e entristecendo-se quando deixava⁵⁵. Dois ou três deles ficaram com suas cochas dormentes após esfregá-las, como se por elas passasse uma pequena corrente elétrica. Suspendiam as pernas na beira do beliche e aplicavam golpes na rótula com a lateral da mão para verificar se havia alguma reação. Para piorar a situação, ficavam até quatro ou cinco dias sem evacuar. Um estudante foi ao encontro do médico para receber um laxante. O mesmo retornou cabisbaixo e com a cara azulada:

— “Não temos esse remédio de luxo aqui”, ele disse.

— Hm, vocês esperavam alguma coisa de um médico de navio?
— disse um velho pescador que ouvia a conversa ao lado.

— Os médicos são todos iguais. Tinha um na minha empresa que era bem assim — disse um pescador que viera das minas.

Quando todos deitavam preguiçosamente em suas camas, o superintendente adentrou.

— Já estão todos dormindo? Escutem aqui... Chegou um telégrafo dizendo que o Chichibu-Marú afundou. Parece que não se sabe quantos morreram. — Contorceu seus lábios e soltou um escarro. Era um cacoete seu.

Um estudante logo se recordara de algo que o criado uma vez lhe dissera. Atirá-lo no mar seria pouco para esse sujeito, que fala com tanta calma sobre aqueles quatrocentos ou quinhentos trabalhadores, cujas vidas ele próprio desgraçou e ceifou. Todos ergueram suas cabeças desanimadamente. De repente, começaram a

⁵⁵ Fazia-se esse procedimento para se verificar se haviam contraído beribéri, doença nutricional causada pela falta de vitaminas no organismo. A marca na pele era sinal positivo da doença.

tagarelar ruidosamente. Asakawa, após dizer apenas aquilo, deu de ombros e saiu dali.

O operário que estava desaparecido fora capturado dois dias atrás, quando saía das caldeiras. Esteve escondido lá por dois dias, mas a fome era tão grande, tão grande, que já não conseguia mais suportar e tivera que deixar o local. Foi um pescador de meia idade quem o capturara. Um outro mais jovem, irado, dizia que iria espancar aquele pescador.

— Como esses putos são barulhentos! Nem sequer fumam, como vão saber como é o sabor do cigarro? — disse com soberba o pescador que recebera dois cigarros Bat.

O superintendente despiu o pescador, deixando-o apenas com uma camisa, arremessou-o para dentro de um dos dois banheiros que ali havia e trancou a porta. No início, todos detestavam ir ao banheiro. Não suportavam os berros desesperados que vinha do banheiro ao lado. No segundo dia, sua voz ficara rouca e ouvia-se apenas um gemido. Então, seus gemidos foram ficando cada vez mais intervalados. No fim daquele dia, os pescadores que haviam terminado o expediente correram ansiosos para o banheiro, mas já não conseguiam mais ouvir nenhum som vindo do interior da porta. Eles até tentaram chamar do lado de fora, mas não havia nenhuma resposta. Mais tarde, Miyaguchi foi retirado de lá. Ele estava jogado no chão, com uma das mãos caída dentro do urinol, e com a lata de papel higiênico metida na cabeça. Seus lábios, como se fossem pintados com tinta azul, estavam visivelmente necrosados.

A manhã estava fria. Eram apenas três horas e o dia já estava claro. Acordavam com suas mãos dormentes pelo frio metidas no bolso e suas costas com forma arredondada. O superintendente passava pelos aposentos dos operários, pescadores, marinheiros,

foguista; de quarto em quarto, arrastando todos de lá, até mesmo aqueles que estavam resfriados ou doentes.

Apesar de não haver vento, quando saíam para trabalhar no convés, os dedos das mãos e dos pés ficavam tão insensíveis quanto um pilão de madeira. O chefe dos operários praguejava aos berros para conduzir quatorze ou quinze operários em direção à fábrica. Havia uma tira de couro na ponta da vareta de bambu que segurava. Fora feita dessa forma para que ele conseguisse açoitar, mesmo quando estivesse do outro lado das máquinas, os operários ociosos na fábrica.

— O Miyaguchi mal foi libertado nessa madrugada sem poder falar nada, e desde manhã tá sendo forçado a trabalhar a pontapés.
— Fitando fixamente o rosto do chefe, disse um operário de corpo frágil que se juntara aos estudantes.

— Ele não consegue trabalhar de jeito nenhum; parece ter finalmente desistido.

O superintendente veio até o local empurrando com violência as costas de um operário, cujo corpo tremia feito vara verde. Como era forçado a trabalhar debaixo da chuva gelada, esse operário estava resfriado e com a pleura prejudicada. Até mesmo quando não estava frio, seu corpo tremia sem parar. Tinha rugas de velho entre as sobrancelhas, apesar de jovem; seus lábios, finos e pálidos, se contorciam numa maneira esquisita; e seu olhar era espasmodicamente inquieto. Ele fora encontrado vagando pela sala das fornalhas. Estava lá, pois já não conseguia suportar mais o frio.

Os pecadores que, com uma roldana, arriavam um bote para a pesca, seguiram os dois com o olhar sem nada dizer. Outro pescador na faixa dos quarenta, como se fosse impossível desviar o olhar,

virou o rosto, e duas ou três vezes maneou a cabeça vagarosamente, num movimento relutante.

— Não pagamos caro pra você ficar resfriado ou ficar dormindo mais do que precisa! Ei, imbecis, não percam o seu tempo olhando pra ele!

O superintendente bateu com seu porrete no chão do convés.

— Se isso aqui for pior que a prisão, eu não quero nem ver.

— Quando a gente voltar e contar essa história para nossos conterrâneos, ninguém vai acreditar.

— É verdade... Existe coisa pior que isso aqui?

Por causa da maresia, a roldana rangia ao girar. Os botes começaram a descer todos juntos, balançando seus corpos no vazio. Os marinheiros e foguistas eram obrigados a entrar no clima; cautelosamente, iam e vinham pelo convés escorregadio. O superintendente seguia-os com os olhos, como um galo de crista erguida.

Num intervalo do trabalho, um estudante sentou-se sob a sombra de umas bagagens para se proteger do vento. De repente, o pescador que viera das minas surgiu de uma esquina; ele formava uma concha com ambas as mãos no entorno da boca e soprava: Haaa, haaa.

— Estão querendo acabar com nossas vidas! — Seu sentimento, dito de súbito e com emoção, cravou no peito do estudante.

— É igualzinho como era nas minas. Não dá para continuar com essa vida, se não estivermos prontos para morrer. O gás já me botava medo, agora essas ondas também...

Ao entardecer, o aspecto do céu estava um pouco diferente. A maresia era tão fina e fugaz na superfície, a ponto de nem ser possível observá-la. Incontáveis ondas em formato triangular se erguiam num alvoroço, como as dobras num lenço feitas com as pontas dos dedos. Repentinamente, o vento soprou no mastro, provocando um assobio. A bainha da lona que protegia a bagagem batia ruidosamente contra o convés.

— Os coelhos estão prestes a pular! Os coelhos! — alguém berrou e correu a estibordo do convés. Por causa do vento forte, sua voz logo se dissipou no ar, soando como um grito sem sentido algum.

Na superfície do mar, as cristas das ondas triangulares picotadas levantavam uma espuma branca, como se houvessem inúmeros coelhos saltitando por uma pradaria. Aquele era o indício que estava para vir a “tempestade” do Kamchatka. De repente as correntes profundas ficaram cada vez mais velozes. O navio começou a tombar para os lados. O Kamchatka, que até há pouco era visto a estibordo, agora já estava a bombordo. Os pescadores e marinheiros que permaneciam trabalhando no navio começaram a ficar desorientados.

Em seguida, uma sirene soou sobre suas cabeças. De pé, todos fitaram o céu. Talvez por estarem bem abaixo da chaminé, viam-na chacoalhar feito uma banheira de tão grossa e projetada diagonalmente que estava. A sirene, que tocava do apito atado à chaminé, que, por sua vez, lembrava um chapéu alemão, ecoou um tanto quanto pateticamente no meio da tempestade furiosa. Os botes que haviam se afastado do navio para a pesca retornavam, atravessando a tempestade e guiando-se pelo som da sirene.

Na saída da escura sala das máquinas, os pescadores e marinheiros se aglomeravam alvoroçados. A cada chacoalhar do navio, um fraco feixe de luz penetrava de cima, num ângulo diagonal.

Inúmeros rostos dos trabalhadores agitados surgiam e desapareciam a cada instante.

— O que houve? — O minerador se juntou ao grupo.

— Vamos matar o desgraçado do Asakawa! — disseram com ódio na alma.

Acontecera que, bem cedo naquela manhã, o superintendente recebeu um aviso de “tempestade” de um navio XX-Marú, ancorado a aproximadamente umas dez milhas de distância do navio. A mensagem também dizia que, caso houvesse botes no mar, era preciso chamá-los urgentemente.

— Como vamos conseguir terminar o trabalho que viemos até o Kamchatka para fazer, se formos nos preocupar com cada uma dessas coisinhas? — Foi o que disse Asakawa, segundo o telegrafista.

O primeiro pescador que ouviu aquilo do telegrafista o xingou como se ele fosse o próprio Asakawa.

— O que ele pensa, afinal, que são vidas humanas?

— Vidas humanas?

— Sim, isso.

— Mas o Asakawa nunca pensou em vocês como sendo seres humanos.

Um pescador que iria dizer algo acabou gaguejando. Ele ficou completamente enrubescido e retornou para junto dos outros.

Todos tinham feições depressivas, mas, de repente foram tomados por uma fúria generalizada e ergueram-se do chão. Um operário, cujo pai saíra num dos botes, ouvia timidamente do lado de

fora do círculo formado pelos pescadores. O estai chiava sem parar. Ao ouvi-lo sobre suas cabeças, o coração dos pescadores quase parou.

Perto do entardecer, ouvia-se uma voz ruidosa vinda da passarela. Os homens que estavam em baixo subiam a escada de dois em dois degraus. Dois botes aproximavam-se. Estavam um ligado ao outro por uma corda atravessada.

Foi então que eles chegaram bem perto. Porém, as enormes ondas chacoalhavam violentamente o navio e os botes; ora arremessando-os para cima, ora para baixo; como se esses não passassem de duas extremidades de uma gangorra. Logo em seguida, uma imensa ondulação se ergueu entre os botes, fazendo-os rolar. Estavam a sua frente, diante de seus olhos e não conseguiam se aproximar mais. Era angustiante. Uma corda fora lançada do convés, mas não conseguia alcançá-los. O cabo dispersou alguns respingos inúteis e caiu na água; então, fora enrolado como se fosse uma cobra-do-mar. Esse movimento fora repetido inúmeras vezes. No navio, os homens gritavam juntos em uníssono. Porém, não se ouviam respostas. Os pescadores tinham em suas faces expressões imóveis, petrificadas como máscaras. Seus olhos também não se moviam. Mantinham-se estáticos até mesmo nos momentos em que algo passava diante deles. Aquela cena tenebrosa, a ponto de não conseguirem enxergá-la diante de seus olhos, dilacerava o peito dos pescadores.

Novamente, uma corda fora arremessada. Primeiro parecia ter a forma de uma mola, em seguida de uma enguia. Quando um pescador estava para esticar sua ponta, erguendo ambas as mãos para recolhê-la, ela chicoteou lateralmente em seu pescoço.

— Ah! — todos esperneavam.

De repente, o pescador tombou para o lado, do mesmo jeito que estava. E a agarrou! A corda esticou até seu limite, espremendo as gotas d'água e formando uma linha reta. Os pescadores que observavam no navio, sem se darem conta, sentiram-se aliviados.

Por causa do vento, o estai rangia incessantemente. Emitia um som ora agudo, ora distante. Até o escurecer, todos os botes conseguiram retornar, exceto dois. A cada vez que um pescador pisava no convés do navio, logo vinha a desmaiar. Como um dos botes acabou inundando, os pescadores que nele estavam arriaram a âncora e transferiram-se para outro bote para poder retornar. Nada se sabia do outro bote que desaparecera junto com os pescadores.

O superintendente estava furioso. Por diversas vezes, descia até os quartos dos pescadores e voltava a subir. Calados, todos o fitavam com um olhar odioso, de quem desejava queimá-lo vivo.

No dia seguinte, decidiu-se que o navio alteraria seu curso para poder procurar o bote e, também, apanhar caranguejos.

— Pouco importa se perdemos quatro, cinco ou seis cabeças de homens... fiquei com dó foi dos botes.

Logo pela manhã, a casa das máquinas estava a todo vapor. Os tremores produzidos ao se erguer as correntes faziam os pescadores, que tinham as costas apoiadas na sala das âncoras, saltitarem feito grãos-de-bico. As placas de ferro da lateral do navio estavam muito frouxas; a cada tremor, uma despencava. O Hakkō-Maru saiu a procura do primeiro bote, que estava ancorado a uma latitude norte de 51,5°. Detritos de gelo, como se fossem seres vivos, exibiam seus corpos entre as pequenas ondulações e flutuavam ligeiramente. Mas, esse inofensivo gelo, formou um imenso aglomerado até onde era possível enxergar. Ele soltava umas bolhas, e rapidamente rodeava o navio por todos os lados. O gelo levantava um vapor d'água

semelhante a fumo. E então, um “frio” atacou, como se fossem soprados por um ventilador. Imediatamente, todas as partes do navio começaram a ranger; e o chão do convés e os corrimãos se molharam, e acabaram cobertos pelo gelo.

O casco do navio cintilava devido aos cristais de gelo, como se o tivessem polvilhado com maquiagem. Apertando as mãos contra suas faces, os marinheiros e pescadores corriam pelo convés. O navio seguiu adiante, deixando um longo rastro para trás, como um caminho no meio do deserto.

Estava difícil encontrar os botes.

Por volta das nove da manhã, avistaram da ponte um bote flutuando à frente do navio. Assim que soube, o superintendente correu de alegria pelo convés:

— Encontramos o bote, porra!

Logo, reduziram os motores. Contudo, aquele não era o bote número um, pelo qual procuravam. Tratava-se de um mais novo, que tinha recebido o número trinta e seis. Estava atado a uma boia de ferro que, obviamente, pertencia ao navio XX-Marú. O tal navio provavelmente partira para algures e deixara aquele bote para demarcar o local de onde partiram.

Asakawa tamborilou as pontas dos dedos no casco do bote.

— Isso é uma maravilha! — disse sorridente.

— Tratem de puxá-lo!

Então, o bote número trinta e seis foi içado com uma roldana para a ponte do Hakkō-Marú. Quando o bote oscilava seu corpo no ar, gotas pingavam enormes no chão do convés. Com um ar orgulhoso

de quem parecia dizer “Fiz um bom trabalho!”, Asakawa dizia para si mesmo, enquanto olhava o bote sendo içado:

— Excelente! Excelente!

Os pescadores que estavam puxando a rede observavam.

— Mas que ladrão de merda! Queria que a corrente se partisse e arrancasse a cabeça desse desgraçado!

O superintendente passou perto, observando com desprezo os homens que estavam trabalhando, com um olhar que parecia querer arrancar-lhes algum segredo. Em seguida, chamou o carpinteiro com uma voz áspera e impaciente.

Então, o carpinteiro apareceu de uma escotilha que ficava do lado oposto.

— Que foi?

Desconsertado e enraivecido, o superintendente virou-se para o homem.

— “Que foi?” É pra você remover o número, imbecil! Pegue a plaina, anda logo!

O carpinteiro fez uma cara de desentendido.

— Venha logo, seu retardado!

Por de trás das largas costas do superintendente, veio o carpinteiro desmilinguido, atravessando o convés a passos cambaleantes, como os de um manco que se arrasta, e trazendo consigo uma plaina em suas mãos e um serrote atado a sua cintura. Com a plaina, removeu o três do número trinta e seis e este se transformou no “bote número seis”.

— Assim está bom, assim está bom. Ha, ha, ha, bem feito! — O superintendente contorceu sua boca num formato triangular, fez como que se espreguiçasse e soltou uma gargalhada.

Embora tivessem navegado ainda mais para o norte, não havia mais nenhum sinal de encontrar os botes. O navio que se mantivera estagnado enquanto o bote número trinta e seis era içado, agora suavemente fazia uma grande curva, voltando a sua posição de origem. O céu se abria como se tivessem acabado de limpá-lo. A cordilheira do Kamchatka brilhava, resplandecente, como os Alpes suíços vistos num cartão postal.

Os botes desaparecidos não retornaram. Os pescadores, para conseguirem despachar as bagagens daqueles que desapareceram, logo trataram de reunir seus pertences e procurar pelos endereços de suas famílias nos beliches vazios que se isolavam feito poças d'água. Não era uma tarefa fácil; ao fazê-la, os pescadores sentiam o desespero de alguém que está encarando a própria dor. No meio de seus pertences, encontravam-se cartas e pequenos embrulhos endereçados a mulheres que tinham seus sobrenomes. Já estavam preparados para quando o navio correio viesse. Dentre a bagagem de um dos desaparecidos, surgiu uma carta escrita a lápis lambido e na qual se misturavam o *hiragana* e o *katakana*⁵⁶. Aquela carta foi passando pelas mãos calejadas dos pescadores. Vagarosamente – porém, com avidez – liam a carta como se estivessem catando feijões; e ao fazê-lo, passavam-na ao próximo sacudindo a cabeça como se tivessem observado algo desagradável. Tratava-se, pois, de uma carta de uma criança.

Um dos homens terminara de ler a carta, assoou o nariz com um ronco e disse numa voz seca:

⁵⁶ Sistema japonês de escrita silábica.

— É tudo culpa do Asakawa. Se descobrirmos que ele morreu, vamos ter uma guerra aqui!

Era um homem de corpo robusto, que tinha feito diversos trabalhos pelo interior de Hokkaidō.

— Eu quebro aquele puto no mano a mano, — disse, num tom mais baixo, um jovem pescador que tinha os ombros musculosos.

— Ah, essa carta é terrível. Me faz ter lembranças.

— Não é mesmo? — disse o primeiro. — Se bobearmos, seremos os próximos a sofrer na mão desse puto. Esse é um problema da gente também.

Naquele momento, um homem que estava sentado num canto com um de seus joelhos levantado escutava o que todos falavam e assentia maneando a cabeça.

— Podem deixar comigo. Quando chegar a hora, vou acabar rapidinho com o desgraçado.

Todos ficaram quietos. Porém, ainda assim, aliviados.

Passados três dias após o Hakkō-Maru retornar a sua posição original, inesperadamente (!) o bote desaparecido retornou são e salvo.

Quando os homens retornaram da sala do capitão para o “pote de merda”, todos os cercaram ao mesmo tempo, como se fossem um redemoinho.

Em decorrência da “grande tempestade”, eles acabaram perdendo o controle da situação num piscar de olhos. Sentiram-se indefesos, como crianças agarradas pelo pescoço. O bote havia se afastado para bem longe dali, e, além disso, devido às condições do

vento, foram levados à direção contrária. Pensaram todos que iam morrer ali. Os pescadores foram treinados a “aceitarem facilmente” a possibilidade de morrer a qualquer instante.

Porém (!), aquele tipo de situação não acontecia com tanta frequência.

Na manhã seguinte após se perderem, o bote estava cheio d’água até a metade, e, naquele estado, foram arremessados para a costa do Kamchatka.

Então, o grupo foi resgatado por russos da redondeza.

Tratava-se de uma família russa composta por quatro membros. Mortos de sede e estonteados, os pescadores ficaram a admirar aquela “família”, composta por uma mulher e crianças. Além do mais, lá só havia pessoas gentis, que lhes prestaram diversos favores sem nada pedirem em troca. No início, contudo, eles estranharam o fato dos russos falarem uma língua incompreensível e de serem estrangeiros com cor do cabelo e olhos diferentes.

— Ué?! Eles não são seres humanos como a gente? — disseram, porém, logo passaram a compreender que estavam errados.

Quando souberam do naufrágio, várias pessoas do vilarejo se reuniram na casa. Aquele era um lugar bem afastado da zona de pesca do Japão.

Permaneceram naquele local por dois dias, recuperaram as energias e trataram de regressar.

— Não queria ter voltado pra cá! — quem gostaria de retornar para um inferno como aquele? Sua história, porém, não terminava ali. Havia uma “coisa interessante” que estavam escondendo.

Acontecera no mesmo dia em que retornavam. Estavam conversando em volta de uma lareira, enquanto se vestiam, quando cinco pessoas entraram: quatro russos acompanhados de um chinês. Um homem um pouco corcunda, que tinha o rosto grande e uma barba curta, ruiva e farta, de repente, começou a falar em voz alta, gesticulando as mãos. Imediatamente, o chefe do bote fez gestos para dizer que eles não entendiam russo. O russo disse uma frase, e o chinês, olhando para seus lábios, começou a falar em japonês. Era um japonês desordenado, que soava completamente confuso para aqueles que o ouvia. Dispersas, as palavras cambaleavam feito um bêbado.

— Vocês, certamente, têm dinheiro nenhum.

— É verdade.

— Vocês ser pobres.

— Sim, somos.

— Por isso, vocês ser proletários. Entendem?

— Sim.

Um russo começou a andar por ali, dando risadas. Às vezes, parava e os olhava.

— Os ricos fazem assim com vocês (fez um gesto de enforcamento). Os ricos vão crescendo mais e mais (imitou a barriga inchando). E vocês não tem jeito, vão ser pobres, entendem? — O país do Japão, ruim. Pessoas que trabalha fica assim (faz uma careta de uma pessoa doente), pessoas que não trabalha, fica assim (começou a caminhar com altivez).

Os jovens pescadores acharam graça naquilo.

— Isso mesmo! — disseram e se desataram a rir.

— Pessoas que trabalha, assim; pessoas que não trabalha, assim (repetiu os gestos de antes). Isso é ruim. Pessoas que trabalha assim (dessa vez, encheu o peito, demonstrando orgulho); pessoas que não trabalha, assim (imitou um mendigo velho). Assim é bom. Entende? País da Rússia, esse país, somente pessoas que trabalha. Só pessoas que trabalha, assim (fez um gesto de eminência). Em Rússia, não tem pessoa que não trabalha. Não tem pessoa desonesta. Não tem pessoa que enforca pessoa. Entende? Rússia é país nada terrível. O que diz todo mundo é apenas mentira.

Eles vagamente se questionaram se aquilo era o “perigo vermelho”. Porém, se aquilo era considerado como “vermelho”, eles estavam certos, então, que se trataria nada mais e nada menos que o “natural”. Aquela ideia, porém, cativava-os mais e mais.

— Entendemos! É claro que entendemos!

Dois ou três de seus companheiros russos começaram a falar ruidosamente. O chinês ficou escutando sua conversa. Então, catando as palavras uma a uma, como um gago, começou a falar em japonês.

— Tem pessoas que ganha dinheiro sem trabalhar. Os proletários, sempre assim (faz o gesto de enforcamento). Isso é ruim! Proletários, vocês, um, dois, três... cem, mil, cinquenta mil, cem mil, todos, todos, assim (fez um gesto, como crianças dando a mão), ficam forte. Isso é bom (bateu no braço). Não perde pra ninguém. Entende?

— Sim, sim!

— Pessoas que não trabalha, foge (fez uma postura de quem foge rapidamente). Isso é bom, de verdade. Pessoas que trabalha, proletários, fica altivo (demonstra, caminhando com proeminência).

Proletários são os mais altivos. Se não tem proletários, ninguém tem pão, todos morre. Entende?

— Sim, sim!

— O Japão não é país bom ainda. Pessoas que trabalha, assim (demonstrou corcovando as costas); pessoas que não trabalha, assim (pôs-se numa postura orgulhosa e fez como se golpeasse alguém). Isso é ruim para todos! Pessoas que trabalha, assim (fez uma expressão raivosa e extremamente ativa, fazendo um movimento de ataque. Então, fez como que derrubasse um oponente ao chão e o pisoteou). Pessoas que não trabalha, assim (movimento de fuga). Se só tem pessoas que trabalha, Japão seria país bom. Seria país de proletários! Entende?

— Sim, sim. Entendemos!

Os russos soltaram um grito esquisito, e deram passos como aqueles que se dão quando se dança.

— No Japão, as pessoas que trabalha, agir (gesto de brandir uma espada)! Felizes. Em Rússia, todos são contente. Banzai! Vocês, retorne para o navio. As pessoa que não trabalha no barco de vocês, assim (expressão orgulhosa). Vocês, proletários, agir (fez uma empunhadura, em seguida, deram-se as mãos, e, outra vez, simulou um ataque)! Tudo bem, vocês vencerão! Entendem?

— Entendemos! — Antes que percebessem, o jovem pescador, entusiasmado, apertou a mão do chinês de supetão.

— Faremos isso! Com certeza, faremos!

O chefe do bote pensou que aquilo se tratava de ideias “vermelhas” e que os induziriam a fazer coisas terríveis. Para ele, a

Rússia astutamente enganava o Japão com aquela conversa, com aquelas mãos que o jovem estava apertando.

Quando os russos terminaram, soltaram um grito qualquer, e apertaram a mão dos homens com todas as forças. Abraçaram os japoneses, e apertaram suas faces de barba áspera contra a deles. Desconcertados, e sem entenderem ao certo o que fazer, os japoneses recuaram suas cabeças num movimento enrijecido.

...

Ora e outra, os homens vigiavam a entrada do “pote de merda”, enquanto escutavam aquela história com cada vez mais entusiasmo. Agora eles contavam várias coisas acerca dos russos que os encontraram. Suas almas assimilaram toda aquela conversa, como uma folha de papel mata-borrão absorve a tinta.

— Ei, vamos parar por aqui.

Vendo quão entusiasmados estavam todos com aquela história, o chefe do bote deu umas palmadinhas no ombro de um jovem pescador, que falava com a alma ensandecida.

Quatro

Naquele momento, uma névoa caía. Os tubos de ventilação, as chaminés, os braços dos guinchos, os botes suspensos, o corrimão do convés: tudo que sempre compunha uma atmosfera mecânica e rígida, agora emitia contornos opacos e delicados, aparentando ter

uma familiaridade até outrora desconhecida. Um ar suave e tépido passava acariciando suas faces. Aquela era uma noite atípica.

Próximo à escotilha da popa, o mau cheiro das entranhas de caranguejo atingiam o nariz em cheio. No meio das redes empilhadas como montanhas, formavam-se duas sombras de alturas diferentes.

Um pescador cardíaco devido ao árduo trabalho, e de corpo amarelado e inchado, subira até o convés, pois um barulho espantoso vindo de seu peito lhe tirou o sono. Debruçado sobre parapeito, observava vagamente o mar, que, de tão denso, parecia uma goma derretida. No estado em que se encontrava sua saúde, o superintendente o mataria. Seria, contudo, por demais trágico morrer tão longe no Kamchatka, sem ao menos pisar em terra firme — pôs-se a conjecturar. Naquele instante, o pescador percebeu que havia alguém no meio das redes.

De vez em quando, ouvia-se o som de alguém pisar nas carapaças dos caranguejos.

Em seguida, ouviram-se vozes sussurrantes.

O pescador apenas se deu conta da situação, quando seus olhos se acostumaram com a escuridão. Um pescador dizia algo a um operário de quatorze ou quinze anos. Não entendeu o que o outro falava. De vez em quando, o operário, que estava de costas, maneava a cabeça num gesto negativo e, feito uma criança aborrecida, trocava de posição. Em resposta, o pescador fazia o mesmo. Aquilo continuou por um breve momento. Involuntariamente, ou assim lhe parecia, o pescador voltou a falar em alto tom.

Porém, logo passou sussurrar, falando com rapidez. E, de repente, envolveu o operário num abraço apertado. “Uma briga!”, pensou. Por um curto instante, apenas se ouvia uma respiração

entrecortada, de alguém que tinha a boca tapada pelo tecido da roupa. O rapaz ficou imobilizado. Foi naquele instante. No meio da névoa suave, as pernas do operário flutuavam como um par de velas. Ficara completamente despido da cintura para baixo. Então, da mesma forma que estava, o operário se agachou. Em seguida, o pescador montou-se sobre o rapaz como um sapo. Tudo aconteceu “diante de seus olhos”, no curto tempo em que já sentia sua garganta sendo bloqueada. O pescador que observava, instintivamente desviou o olhar. Sentiu-se eufórico, como se o tivessem entorpecido ou esmurrado.

Os pescadores eram afligidos pelo apetite sexual, que aos poucos, aflorava de dentro deles. Já havia quatro ou cinco meses que aqueles viris homens estavam afastados, de um modo antinatural, das “mulheres”. À noite, sempre surgiam histórias das mulheres que haviam comprado em Hakodate, ou então falavam grosserias sobre as partes íntimas femininas. Uma folha com imagens eróticas era passada de mãos em mãos diversas vezes, a ponto das fibras do papel começarem a se desfazer.

Alguém pôs-se a cantar:

Deite aqui,

Olhe pra mim,

Me chupe,

Me envolve com as pernas,

Me faça gozar,

Oh, como é duro ser puta!

Feito isso, logo todos aprenderam a canção como se ela fosse absorvida por esponjas marinhas. Qualquer coisa que faziam, logo

punham-se a cantar a tal música. E então, assim que a cantoria terminava, berravam enfurecidamente e com os olhos reluzentes: “Que merda!”

— Merda, estou fodido! Não consigo dormir de jeito nenhum! — disse um pescador com o corpo estirado, assim que os outros já haviam adormecido. — Porra, meu pau tá duro!

— O que vou fazer agora? — Dito isto, finalmente se levantou. Despido, segurava seu escroto e o membro ereto. A imagem de um pescador robusto fazendo aquilo causava uma sensação um tanto quanto miserável, deixando apreensivos aqueles que o olhavam. Perplexos, alguns estudantes espiavam de um canto.

Muitos ejaculavam durante o sono. Havia também aqueles que, quando estavam a sós, inevitavelmente punham-se a se masturbar. Cuecas e calções imundos eram jogados num canto dos beliches, formando uma bola que exalava um odor fétido e úmido. Às vezes, os estudantes pisavam-na sem querer, como se fosse merda no meio do mato.

E então, davam-se início às “visitas noturnas” nos aposentos dos operários. Trocavam *Bat* por caramelo, e depois que metiam dois ou três no bolso, saíam pela escotilha.

Quando o cozinheiro abria a dispensa abarrotada de barris de conserva, berrava, daquele interior sufocante e sombrio, um fedor de latrina, que aturdia como um tapa na cara.

— Fecha essa porra! Se entrar aqui de novo, vou te matar de tanta porrada, seu merda!

...

O radiotelegrafista escutava as transmissões trocadas entre outras embarcações, e as repassava uma a uma ao superintendente. Tendo conhecimento das conversas, soube que seu navio estaria perdendo para os outros. Ele começara a se desesperar. Foi então que sua indignação se tornou ainda mais intensa e se voltou contra os pescadores e operários que se encontravam no convés. Como de costume, os responsáveis pelos resultados ruins eram sempre “eles”. O superintendente e o chefe dos operários armaram um esquema para que os marinheiros competissem com os pescadores e operários durante o trabalho.

Enquanto faziam o trabalho de sempre de esmagar caranguejos, os pescadores e os operários, preocupados em não perder para os marinheiros (apesar de não haver nenhum benefício para si mesmos), sentiam vontade de gritar “Que merda!”. O superintendente “aplaudia” com felicidade. Hoje ganhamos, hoje perdemos. Não perderemos de jeito nenhum na próxima! Assim sucederam-se desordenadamente dias em que transpiravam sangue. Em uma única jornada, aumentavam a produção em cinquenta, sessenta por cento. Porém, depois que se passaram cinco ou seis dias, a quantidade de trabalho declinou água abaixo, como se ambos os lados estivessem desalmados. Por vezes, suas cabeças pendiam sem forças durante o trabalho. O superintendente os espancava sem nada dizer. — Ah! — de maneira fortuita, eles soltavam gritos que os surpreendiam até eles próprios. Trabalhavam juntos em silêncio, como se fossem rivais ou como se fossem pessoas que houvessem esquecido as palavras. Não tinham nem mesmo forças para se darem o “luxo” de dizer uma só palavra.

Dessa vez, então, o superintendente começou a entregar um “prêmio” ao grupo vencedor. A lenha, já carbonizada, voltou a queimar outra vez. —

Como são tolos — dizia o superintendente ao capitão, enquanto juntos tomavam cerveja na cabine de comando.

O capitão, como uma mulher gorda, tinha covinha nas costas da mão. Tamborilava habilmente a mesa com a ponta dourada de seu cachimbo, quando respondeu com um sorriso de desentendido no rosto. O capitão já não suportava mais ver o superintendente diante de seus olhos, que vinha constantemente lhe importunar. Imaginava o dia em que os marinheiros despertariam de repente, e jogariam o bastardo à força no mar do Kamchatka.

O superintendente anunciou com um cartaz que além do “prêmio”, daria uma “grelha” àquele que menos trabalhasse. Referia-se a uma barra de ferro incandescente que lhes aplicava sobre a pele. Eles sempre trabalhavam tentando escapar da tal “grelha”, que os perseguia incessantemente, como se esta fosse suas próprias sombras. A produtividade voltou a ascender.

O superintendente sabia mais do que os próprios trabalhadores, até onde iria o limite de seus corpos. Assim que o trabalho terminava, desabavam de lado, como tocos de madeira, no meio dos beliches e, “fortuitamente”, lamentava-se.

Um estudante lembrou-se de uma pintura do “inferno” que retratava exatamente o mesmo estado em que eles estavam ali. Ele vira essa pintura num sombrio pavilhão de um templo que visitara levado pela avó quando criança. Aquela figura fizera o pequenino conjecturar um animal semelhante a uma imensa serpente, que rastejava sorrateiramente sobre um lamaçal. Era exatamente como imaginava. Apesar do trabalho exaustivo, ninguém conseguia dormir. No meio da madrugada, ouvia-se do sombrio “pote de merda” um estranho ranger de dentes — como se alguém arranhasse com todas as forças a superfície de um vidro —, sonâmbulos falando e gritos bizarros que pareciam vir de pesadelos.

Quando não conseguiam dormir, diziam involuntariamente “Ah, que bom que ainda está vivo...”. Sussurravam em solilóquio, em resposta à carne de seus próprios corpos. — Que bom que ainda está vivo. — Diziam aquilo a seus próprios corpos!

Os estudantes eram os que mais sofriam.

— Se comparar isso aqui com as *Recordações da Casa dos Mortos* de Dostoiévski, vai perceber que aquela história não é lá grande coisa. — o estudante estava há dias sem defecar e só conseguia dormir apertando com todas as forças uma faixa ao entorno da cabeça.

— É claro que sim! — disse seu companheiro, enquanto bebia com a ponta da língua o uísque que trouxera de Hakodate, como se fosse um remédio.

— Isso aqui é uma baita de uma empreitada. Captar recursos naturais em territórios inexplorados é algo grandioso. Esses navios-fábrica de caranguejo até que melhoraram bastante nos dias de hoje. Antigamente não conseguiam observar as mudanças do tempo e das correntes. Na época em que começaram esse tipo de empreitada, não se tinha o conhecimento preciso da topografia, e havia tantos naufrágios que se perdia a conta. Os russos afundavam nossos navios, nos aprisionavam, nos assassinavam. Apesar do sofrimento, nós nos reerguemos, de novo e de novo. E é justamente por isso que hoje essa grande fonte de recursos nos pertence. Enfim, não há outra solução, senão essa.

Assim estava escrito nos livros de História, de modo que se presumia se tratar da verdade. Porém, aquele sentimento de raiva que impregnava o fundo de sua alma não havia se dissipado nem um pouco. Calado, coçou sua barriga, enrijecida como uma placa de compensado. Sentiu um leve formigamento na região do seu polegar,

como uma pequena corrente elétrica. Foi uma sensação desagradável. Levantou o dedo à altura dos olhos e o esfregou com a outra mão. Assim que todos terminaram de jantar, ajuntaram-se ao entorno de um aquecedor caindo aos pedaços, cheio de fissuras como as de um mapa, situado bem ao centro do “pote de merda”. Um vapor levantou-se-quando seus corpos unidos aqueceram-se levemente. Um vigoroso e fétido odor de caranguejo empestou o lugar, entrando silenciosamente em suas narinas.

— Não faço a menor ideia do que se passa. A única coisa que sei é que não quero ser morto.

— Nem eu!

Um sentimento melancólico desmoronou sobre eles, como numa avalanche. Já estavam a caminho da morte! Todos passaram a se enfurecer, sem que sua raiva tivesse um alvo determinado.

— Não vou de-deixar que me ma-matem, po-porra. Não ganhamos na-nada com isso me-mesmo! — começou a dizer em alto tom um pescador gago. Impaciente consigo mesmo, suas feições estavam tensas e erubescidas.

Por um breve período, todos se mantiveram em silêncio. Sentiram uma “súbita” e assustadora estocada em seus peitos.

— Não queria morrer no Kamchatka...

—

— O navio de suprimentos zarpou de Hakodate. Ouvi o moço do rádio dizer isso.

— Quero voltar pra casa.

— Como se fosse possível...

— Dizem que há quem fuja nesse tipo de navio.

— Sério mesmo? Seria ótimo.

— Ouvi dizer que tem alguns que fingem que vão sair para pescar e fogem para costa do Kamchatka. Lá eles fazem propaganda do comunismo junto com os *ruskys*.

—

— Pelo bem do império japonês, é? Belo nome eles deram a isso que nos submetem. — Um estudante desabotoara a camisa, deixando expostas cavidades que lembravam degraus de uma escada. Pôs-se a bocejar enquanto coçava seu peito com vigor. A sujeira em seu corpo estava seca, e descamava-se como uma fina mica.

— Pois é, enquanto isso os ricos da companhia enchem os bolsos.

Por debaixo de suas frouxas pálpebras, com camadas de degraus semelhantes a conchas de ostras, um pescador que já passara da meia-idade lançava vagamente um olhar débil e desnorteado sobre a lareira, sobre a qual soltou uma cuspidela. Ao cair em cima do aquecedor, a saliva começou a rodopiar incessantemente, formando um círculo perfeito. Emitiu um ruído deslizante, saltitou feito feijão e rapidamente se reduziu, liberando, antes de desaparecer, um resíduo mais fino que pó de carvão. Olhavam todos com indiferença para aquela cena.

— Isso que você diz bem pode ser verdade...

O encarregado dos botes aproximava a parte rubra de seu meio com solas de borracha em direção à lareira, quando disse:

— Ei, Ei, não vão fazer um motim agora, vão?!

—

— Vá te foder. Faremos como bem entendermos. — O gago projetou seus lábios como se fossem um polvo.

Exalou-se um cheiro desagradável de borracha queimada.

— Ei, coroa, cuidado com a borracha!

— Que? Ah, queimou!

As ondas pareciam ter ressurgido, e batiam suavemente no casco. O navio embalou-se como se lhe entoassem uma canção de ninar. Circundada pelos homens, o braseiro, alimentado por cinco velas que lembravam frutos de lanterna chinesa, mesclava e unia suas sombras a suas costas. Era uma noite silenciosa. Pelo bocal do braseiro emanava uma rubra chama, que refletia cintilante em suas canelas. Era uma noite esquisitamente tranquila, que lhe permitiu por um breve momento — nada mais além de um breve momento —, que refletissem sobre suas infortunadas vidas.

— Não tem cigarro?

— Não...

— Não mesmo?

— Já disse que não.

— Merda.

— Ei, passa o uísque pra cá!

O outro virou a garrafa retangular de cabeça para baixo e a sacudiu.

— Ei, não desperdiça!

— Ha ha ha ha ha ha.

— Mas em que buraco de merda vocês vieram parar; e aqui estamos; eu também... — dito isto, aquele pescador contou-lhes sua história, na qual trabalhara em uma fábrica em Shibaura. Para os trabalhadores de Hokkaidō, aquela “fábrica” lhes soava como um lugar inimaginavelmente “maravilhoso”.

— Se fizessem um por cento do que fazem com a gente aqui, organizaríamos uma greve, — disse.

Aquele comentário suscitou em todos a vontade de contar sobre diversos fatos de suas vidas antes de embarcar. Deu-se início, então, a um alvoroço. “Abertura de rodovias nacionais”, “obras de irrigação”, “construção de ferrovias”, “aterramento para construção de portos”, “escavação de minas”, “cultivo de terras virgens”, “carregamento de mercadorias”, “captura de arenque”, quase todos haviam desempenhado aqueles trabalhos.

Quando já não conseguiam mais lidar com a “insolência” dos trabalhadores da ilha principal do Japão, e quando o mercado estava completamente exaurido, atingindo seus limites, os capitalistas expandiam suas garras em direção a “Hokkaidō e Karafuto!”. Nesses lugares conseguiam “explorar” impiedosamente os trabalhadores, do mesmo jeito que faziam nas colônias da Coréia e de Taiwan. Os capitalistas escondiam bem fatos que ninguém ousava sequer mencionar. Os peões que trabalhavam em “abertura de rodovias nacionais” e “construção de ferrovias” eram massacrados até a morte em seus dormitórios, com menos cerimônia do que se faz ao matar piolhos. Quando não suportavam tamanha exploração, desertavam-se. Quando capturados, eram amarrados a uma estaca e jogados no pátio para morrer a coice de cavalos ou a mordidas de cães de luta. E ainda faziam aquilo de forma que todos presenciassem. O estalido seco de uma costela se quebrando dentro do peito fazia até mesmo

com que os mais “desalmados” peões fossem mantidos sob rédea curta. Se o torturado viesse a desfalecer, jogavam-lhe água, quantas vezes fossem necessárias, para que ficasse consciente. Por fim, como esse fossem um embrulho de pano, eram chacoalhados até a morte pelos cães de pescoços robustos. Mesmo depois de arremessados num canto da esplanada, abandonados ao relento, partes de seus corpos mexiam-se de maneira espasmódica. Sem nenhum alarde, aplicavam-lhes barras incandescentes às nádegas e espancavam-nos com vergalhões até não conseguirem mais se porem de pé; aqueles eram seus “quotidianos”. Volta e meia, durante suas refeições, escutavam gritos agudos aos fundos. Então, logo chegava a suas narinas o pestilento odor de carne humana queimada.

— Basta, basta. Assim não consigo comer mais nada, — disse um, arremessando seus *hashi*. Em seguida, entreolharam-se com feições sombrias.

Muitos morriam de beribéri porque eram obrigados a trabalhar à exaustão. Como nunca tinham um momento de “descanso”, mesmo depois de mortos, permaneciam ali, estirados por dias e dias. No meio da escuridão que pairava no exterior, avistavam-se apenas pares de pernas pálidas que se sobressaltavam pelas bordas das esteiras de palha desleixadamente arremessadas sobre os corpos. Os membros tinham um tom escurecido e amarelado, e estavam bizarramente encolhidos, assemelhando-se aos de uma criança.

— Suas caras estão empesteadas de moscas. Não é que quando passava do lado, as bichas voaram todas de uma só vez?! — disse um homem que retornava para o interior tapeando a própria testa.

Faziam-nos todos saírem para trabalhar de manhã, enquanto ainda era escuro. E então, eram obrigados a trabalhar com suas picaretas, cujas pontas cintilavam, emitindo uma luz azul fosforescente tão reluzente, que eram incapazes de enxergar o que

havia diante de seus narizes. Todos até invejavam os detentos que trabalhavam na construção de um presídio ali perto. Os coreanos, em especial, eram os que recebiam o pior tratamento; eram “pisoteados” não só por seus chefes ou inspetores, mas também por seus colegas japoneses.

Volta e meia, um policial que residia num povoado a uns vinte quilômetros dali, caminhava até o local a passos ligeiros, portando um bloquinho para fazer sua inspeção. Permanecia lá até tarde, e às vezes pernoitava no lugar. Contudo, em momento algum voltava o olhar aos trabalhadores. E então, retornava para casa com o rosto enrubescido, e enquanto caminhava, urinava no meio da rua a torto e a direito e para todas as direções — como se fosse um bombeiro manejando a mangueira —, ao mesmo tempo em que resmungava para si algo incompreensível.

Cada um dos dormentes das ferrovias de Hokkaidō correspondia, literalmente, a um azulado “cadáver” de um operário. Nas terraplanagens dos portos, os trabalhadores mortos por beribéri eram soterrados; usados como verdadeiros “sacrifícios humanos”, da mesma maneira como eram usados em vida. Esses trabalhadores de Hokkaidō eram chamados de “polvos”. Os polvos, para manterem-se vivos, comem os próprias tentáculos. Eram exatamente isto! Conseguia-se explorá-los “primitivamente” sem nenhum escrúpulo. E desse jeito vinham escavando “lucros” e mais “lucros”. E ainda por cima, sabiamente associavam àquilo ao desenvolvimento das riquezas “nacionais”, dando, de maneira bem-sucedida, uma lógica ao que faziam. Eram muito astuciosos. E assim, pelo bem da “nação”, os trabalhadores “morriam de fome” e eram “espancados à morte”.

— Foi um milagre eu ter saído vivo de lá. Ainda bem que consegui! Mas se sou morto nesse navio, vai dar no mesmo! Por quê?! — o pescador disse aquilo e se desatou numa assombrosa e

estridente gargalhada. Assim que terminou de rir, no entanto, fez uma expressão visivelmente sombria com o entorno de suas sobrancelhas, e virou-se para o outro lado.

O mesmo acontecia nas minas. Escavavam galerias em montanhas novas. Para investigarem que tipo de gás sairia de lá ou que tipo de adversidade poderia emergir, os capitalistas constantemente substituíam os “trabalhadores” com precisão de quem maneja uma agulha; compravam-nos a preço mais baratos que “cobaias” e os descartavam sem parcimônia – tal como fazia o General Nogi⁵⁷, considerado um deus da guerra. Mais descartáveis que lenços para assoar! Como *sashimis* de “atum”, os trabalhadores eram fatiados em pedaços e empilhados um sobre outro para reforçar as paredes das galerias subterrâneas. Afastados propositalmente dos grandes centros urbanos, ali, eram sempre submetidos a “atrocidades”. No meio das vagonetas carregadas, por vezes polegares e mindinhos eram encontrados dispersos e grudados ao carvão. Suas mulheres e crianças não podiam nem mesmo franzir as sobrancelhas diante de tal cena. Já “acostumados” com aquilo, inexpressivos, eles empurravam as vagonetas até a parada seguinte. Aquele carvão movimentava a gigantesca máquina que gerava “lucros” aos capitalistas.

Todos aqueles mineradores, como pessoas encarceradas por um duradouro período, tinham feições empalidecidas, amareladas, e constantemente desorientadas. A escassez de luz solar, o pó de carvão, a atmosfera repleta de gases venenosos, as condições anormais de temperatura e pressão tornavam seus corpos visivelmente arruinados.

— Quando se trabalha como minerador por sete ou oito anos, passa-se quatro ou cinco desses anos ininterruptamente na mais

⁵⁷ Inserir nota sobre o General Nogi.

profunda escuridão; quatro ou cinco anos sem sequer ao menos uma vez enxergar a luz do Sol!

No entanto, aquilo não chegava a preocupar os capitalistas, que tinham um imenso estoque de trabalhadores para substituição. E quando o inverno chegava, efetivamente os trabalhadores corriam para essas minas.

Havia também os "agricultores colonos", e em Hokkaidō havia os "agricultores imigrantes". Os miseráveis habitantes da ilha principal do Japão, que estavam prestes a serem despojados de suas plantações, eram incitados por películas que encorajavam a imigração. Os filmes, que continham apenas uma sequência de dizeres promissores - tais como "Desbravamento de Hokkaidō", "Fomento de imigração para solucionar o problema do crescimento populacional e da fome", até mesmo o infantil "Enriqueça com a imigração" —, faziam com que fossem abandonados em uma terra cujo solo era tão infértil, que se se cavasse uns quinze centímetros abaixo, encontrar-se-ia apenas argila. As terras férteis já haviam sido demarcadas com placas. Até a chegada da primavera, famílias inteiras eram soterradas pela neve, e, sem ter sequer batatas para se alimentar, pereciam de fome. Essa "realidade" se repetia inúmeras vezes. Eram descobertos quando a neve começava a derreter e quando seus "vizinhos", que viviam a alguns quilômetros dali se aproximavam. Do interior de suas bocas, saíam-lhes restos de palha parcialmente engolidos.

Quando, excepcionalmente, conseguiam sobreviver à fome, passavam até uma década lavrando aquela terra árida, e, assim que finalmente tornavam-na uma plantação razoável, descobriam que aquela propriedade passara a pertencer a "outra pessoa". Os capitalistas — agiotas, bancos, aristocratas, ricos — emprestavam-lhes (arremessavam-lhes) quantias absurdas de dinheiro, e quando as terras tornavam-se férteis como a farta penugem de um gato

preto, tomavam-nas para si sem nenhum impedimento. Imitando tais práticas, outros indivíduos astuciosos vinham a Hokkaidō, determinados a enriquecerem facilmente. Os camponeses sentiam suas propriedades serem tomadas a dentadas vindas de todas as direções. E então, no fim das contas, eram feitos de "rendeiros", da mesma maneira como ocorria em suas terras natais. Apenas nesse momento é que se davam conta da real situação: "Que encrenca me meti!".

Pensando em fazer um pouco de dinheiro para então regressar a suas vilas de origem, atravessavam o Estreito de Tsugaru, e vinham parar na nevada Hokkaidō. No navio-fábrica de caranguejos, eram muitos os homens enxotados de suas próprias terras por "outras pessoas".

Os estivadores assemelhavam-se aos pescadores do navio-fábrica de caranguejos. Eram mantidos sob vigilância em alojamentos de Otaru, e, quando estavam sem trabalho, eram arrastados em navios para lugares remotos de Hokkaidō ou Karafuto.

Se seus pés escorregassem um só centímetro, eram atingidos por vigas quadrangulares que reverberavam um estalido semelhante ao que ocorre em um terremoto quando despençam, e ficavam mais achatados que os finos biscoitos de farinham que se produziam no Sul. Usavam uma roldana ruidosa para empilhar, nos navios, vigas que tinham a superfície molhada e escorregadia. Se, por um momento de distração, os homens eram atingidos pelo carregamento, suas cabeças eram esmagadas, e seus corpos, arremessados para o fundo do mar mais facilmente que um filhote de pulga.

Na ilha principal do Japão, os trabalhadores que "ainda não haviam sido mortos" mantinham-se calados até onde conseguissem, até se solidificarem em grupos, e se rebelarem contra os capitalistas.

Entretanto, nas "colônias" os trabalhadores eram mantidos totalmente "isolados" de tais circunstâncias.

Sofriam e sofriam, até não aguentarem mais. E quanto mais tentavam se reerguer, mais sofrimento se acumulava em suas costas, como uma bola de neve.

— O que vai ser de nós....?

— Só sei que seremos mortos.

— — Pareciam querer dizer algo, porém as palavras não saíram de suas bocas.

— Antes que nos ma-ma-matem, vamos matá-los nós! — disse o gago, em tom ríspido.

"Tobuum, tobuum", as ondas batiam de leve no casco do navio. No convés superior, o vapor que parecia escapar de algum tubo emitia um ruído suave, como uma chaleira de ferro que apita ao ferver da água.

Antes de dormir, os pescadores despiam-se de suas malhas e camisas de flanela, largas de tão sujas, como lulas secas abertas, e espalhavam-nas sobre o braseiro. Formavam um círculo, como se estivessem sentados ao redor de uma mesinha com aquecedor e assim que estivessem aquecidas, cada qual pegava suas roupas e removia a sujeira a palmadas. Piolhos e percevejos de cama caíam sobre o braseiro, produzindo pequenos estalidos e exalando um cheiro impregnante, semelhante àquele exalado quando uma pessoa é queimada. Os piolhos não conseguiam suportar o calor e saíam das costuras das camisas, movimentando freneticamente suas numerosas e minúsculas perninhas. Se os pinçassem com os dedos, sentia-se o estremecer de seus corpos roliços, enebados por gordura de pele.

Havia uns com uma cabeça bizarra, como a de um louva-deus; outros estavam visivelmente gordos.

— Ei, pega no outro lado.

Agarrou a outra ponta da ceroula, esticando-a, e retirou os piolhos.

Um pescador metia piolhos na boca e os estourava com os dentes da frente, ou os esmagava entre as unhas dos polegares, até estas ficarem completamente vermelhas. Assim como uma criança que logo trata de esfregar as mãos sujas nas roupas, o homem limpou as suas nas mangas do agasalho, e recomeçou seu trabalho. Mas ainda assim, ninguém conseguia dormir. Durante a noite inteira, eram infernizados por piolhos, pulgas, percevejos de cama que saíam de toda parte. Fizessem o que fizessem, não conseguiam exterminá-los. Caso levantassem-se de seus asfixiantes e úmidos beliches, dezenas e dezenas de pulgas subiam em suas canelas. Questionavam-se, afinal, se alguma parte de seu corpo teria apodrecido. Tinham a estranha sensação de serem "cadáveres" em decomposição, empesteados por larvas e moscas varejeiras.

A princípio, era-lhes permitido tomar um banho quente de imersão dia sim, dia não. Não podiam evitar a pestilência de seus imundos corpos. No entanto, decorrida uma semana, a frequência do banho passou a ser uma vez a cada três dias; e depois de aproximadamente um mês, uma vez por semana. Até que, finalmente, reduziu-se a apenas duas vezes no mês. Diziam-lhes que se tratava de um racionamento de água. Mas, o capitão e o superintendente banhavam-se todos os dias. E eles não racionavam nem um pouquinho (!). Como, por dias seguidos, seus corpos mantinham-se sujos pelo caldo que escorria dos caranguejos, não havia "jeito" de impedir que as pulgas e percevejos de cama se multiplicassem.

Ao desatar suas ceroulas, espalhava-se no chão um farelo negro. Um círculo vermelho formava-se em suas barrigas, depois que vestiam a ceroula de volta. A coceira ali era insuportável.

Quando dormiam, ouvia-se de toda parte o som de corpos se coçando desesperadamente. Tinham a sensação de que pequenos brotos de samambaia rastejavam por seus membros inferiores e depois os perfuravam. Nessas horas, os pescadores contorciam-se e mudavam de posição. Porém voltavam a sentir o mesmo. Aquilo se passava até o amanhecer. Suas peles tornaram-se ásperas, como se tivessem sarna.

— Esses piolhos vão nos matar!

— É, seria perfeito...

Desataram-se à gargalhada involuntariamente.

Cinco

Dois ou três pescadores correram desesperadamente pelo convés.

Quando chegaram numa curva, desequilibraram-se e agarraram-se no corrimão. O carpinteiro, que estava fazendo um reparo no salão do convés, espichou o pescoço para observar os homens correndo. A exposição ao vento gelado fizera-lhe lacrimejar, e, a princípio, não conseguia enxergar nada. Virou-se para o lado, e assuou com força seu “nariz de tromba”. O muco, carregado pelo vento, descreveu uma linha sinuosa no ar.

As roldanas a bombordo da popa rangiam. Não havia motivo para que funcionassem, pois os pescadores já haviam saído a trabalho. Algo suspendia-se no guindaste e sacolejava. Um cabo dependurado descrevia uma circunferência suave paralela àquele objeto.

— O que seria aquilo? — o carpinteiro, surpreendido, deu-se conta do fato naquele momento.

Como se estivesse afobado, virou-se e novamente assoou seu "nariz de tromba". O vento novamente levou o catarro, mas dessa vez ficou grudado nas calças. O ranho era ralo como água.

— Já estão fazendo aquilo de novo, — o carpinteiro enxugou as lágrimas com sua manga e semicerrou os olhos.

Do local onde se encontrava, conseguia distinguir com clareza o vulto negro de um operário dependurado, atado ao braço do guindaste suspenso. Seu corpo contrastava com a cor do mar, que lembrava o prateado após uma chuva torrencial. A ponta do guincho fora elevada até aos céus. E então, deixaram-no suspenso naquela altura por algum tempo, como se fosse um pedaço de trapo maltratado. Desceram-no depois de vinte longos minutos. Seu corpo contorcia-se e debatia-se, e suas pernas movimentavam-se como as patas de uma mosca apanhada na tenha de aranha.

Por fim, desaparecera nas sombras do salão frontal. Ocasionalmente, apenas o cabo esticado mexia-se num movimento pendular, como um balanço.

Parecia que as lágrimas haviam entrado no nariz do carpinteiro, de onde incessantemente escorria muco. Mais uma vez, assoou seu "nariz de tromba". Então, pegou o martelo que estava dependurado no bolso lateral e voltou ao trabalho.

Subitamente, o carpinteiro aguçou os ouvidos e olhou ao redor. O cabo sacolejava como se alguém o puxasse de baixo, e então um esquisito e abafado estalido soou daquela direção.

O operário suspenso pelo guincho tinha a coloração do rosto alterada. De seus lábios completamente enrijecidos, como os de um defunto, saía espuma. No momento em que o carpinteiro desceu para o convés inferior, o chefe dos operários urinava no mar. Tinha metido em uma das axilas um pedaço de tora e estava com o ombro erguido, numa postura desconfortável. Olhando de relance para o toco, o carpinteiro se perguntava se não fora com aquilo que havia espancado o homem. A cada vez que era soprado pelo vento, o mijo atingia a lateral do convés em rajadas, e desaparecia no ar.

Devido ao árduo trabalho ao qual eram submetidos dia após dia, incessantemente, tornava-se cada vez mais difícil aos pescadores levantarem-se cedo. O superintendente caminhava batendo uma lata de petróleo vazia junto aos ouvidos daqueles que ainda estavam dormindo. Batia a lata freneticamente até que abrissem os olhos e se levantassem. Os que tinham beribéri semi-erguiam a cabeça e diziam algo. O superintendente, porém, fingia não os ouvir e continuava a bater a lata vazia. Não era possível escutar suas vozes, apenas se via o abrir e fechar de suas bocas, como se fossem peixes dourados respirando para fora da lâmina d'água.

— O que foi, agora? Vou ter que levantá-los na porrada? — Disse, quando achou que já havia batucado o suficiente.

— Não importa o quão ruim é o trabalho, vocês estão trabalhando para a nação; igual como se estivessem em guerra. Trabalhem preparados para morrer, seus imbecis!

Todos os doentes foram retirados de suas cobertas e enxotados para o convés. Os que sofriam de beribéri tropeçavam na escada com

as pontas dos pés, um após o outro. Para subir as escadas agarravam-se ao corrimão, e, com os corpos inclinados, levantavam a própria perna com a mão. A cada degrau, seus corações saltitavam pulsantes, como se, de maneira bizarra, desferissem pontapés em seus peitos.

O superintendente e o chefe dos operários tratavam-nos com impaciência, como se fossem bastardos. Removiam os que trabalhavam no enlatamento de carne, e os faziam trabalhar no convés, quebrando as piças. Logo que começavam o serviço, eram transferidos para a sessão de embrulhos de papel. Cautelosos para não escorregar no meio da gélida e tenebrosa fábrica, suas pernas tornavam-se insensíveis como próteses, e as juntas de seus joelhos pareciam que os levariam ao chão de tanta fraqueza; a qualquer momento cederiam como uma dobradiça que se rompe.

Um estudante batia suavemente em sua testa com o dorso da mão, suja de caranguejo esmagado. Um instante depois, caiu para trás, tombando de lado. Naquele momento, uma pilha de latas vazias fez um estrondo violento, e desmoronou em cima do estudante. Como o navio estava inclinado, as latas rolaram por de baixo dos maquinários e por entre as bagagens; reluzentes, caíam num movimento circular. Espantados, os colegas dos estudantes preparavam-se para carregá-lo até a escotilha, quando se depararam com o superintendente que descia à fábrica assobiando.

— Quem disse que poderia parar de trabalhar? Quem!? — falou um deles assim que se deu conta da situação. Em seguida, tossiu, como se de supetão, alguém houvesse desferido uma topada com o ombro em sua direção.

— Quem?? Seus imbecis, ousem dizer isso mais uma vez! — o superintendente sacou a pistola que levava no bolso, e a manuseou como se fosse um brinquedo. Depois, sacolejou o corpo como se

estivesse espreguiçando, e de repente passou a gargalhar em alto tom, contorcendo sua boca num formato triangular.

— Tragam água!

Pegou um balde d'água e, de súbito, o despejou de uma vez só no rosto do estudante, que estava estirado no chão, feito um dormente de trilho.

— Assim está bem melhor. Parem de olhar o que não é da sua conta e voltem ao trabalho!

Na manhã seguinte, os operários desceram à fábrica. Lá avistaram aquele estudante do dia anterior, amarrado a um tubo metálico de um torno. Seu pescoço pendia sem forças sobre o peito, como uma galinha estrangulada. Na extremidade de sua espinha dorsal, uma das juntas saltava aos olhos. Haviám-lhe pendurado um papelão no peito, como se fosse um babador de criança. Nele, estava escrito os seguintes dizeres com uma caligrafia que certamente era do superintendente:

"Esse é um traidor que se faz passar por doente. Está proibido desatá-lo da corda."

Tocaram-lhe na testa, e estava mais fria que ferro congelado. Conforme os operários adentravam, o murmurinho na fábrica aumentava. Até chegar ao ponto em que ninguém dizia mais nada. Assim que ouviram a voz do chefe descendo até o local, os operários, que se encontravam perto da máquina à qual estava amarrado o estudante, dividiram-se em dois grupos e regressaram cada qual a seus postos.

À medida que a pesca de caranguejo se tornava mais intensa, recebiam um tratamento cada vez mais cruel. Os dentes frontais quebravam-se lhes, passavam noites inteiras a vomitar "saliva com

sangue", desfaleciam no meio do turno de tanto trabalhar, escorriam-se- lhes sangue pelos olhos, e ficavam surdos com os bofetões que levavam sem alarde. Estavam tão exaustos, que passaram a cambalear, como se todos houvessem tomado um porre de saquê.

— Finalmente — diziam para si assim que se aproximava o término da jornada, e, com uma sensação repentina de alívio, ficavam momentaneamente aturdidos.

No momento em que estavam prestes a encerrar o trabalho, o supervisor caminhava berrando:

— Hoje todos trabalham até às nove!

— Seus merdas. A única hora que vocês se mexem rápido é quando digo que está terminando o expediente.

Eles se levantaram vagarosamente, como em uma cena filmada em câmera lenta. Àquele estágio suas energias já haviam se esgotado.

— Escutem aqui. É impossível voltar a esse lugar outras vezes. Além disso, não é sempre que conseguiremos pescar caranguejos. Pouco importa se a jornada é de dez ou treze horas; se pararem de trabalhar por um instante sequer, tudo vai por água abaixo.... A natureza desse trabalho é diferente. Entenderam? Em compensação, quando não houver caranguejos para se pescar, vou permitir que vagabundeiem o quanto quiserem. — disse o superintendente, ao descer até o "pote de merda".

— Só ruskis param de trabalhar quando o expediente acaba; não importa a quantidade de peixe que se amontoem debaixo de seus narizes, eles não abrem mão nem sequer de um minuto a mais. E é por isso, justamente por essa atitude, que a Rússia se tornou o país de merda que é. Os homens japoneses jamais devem imitá-los!

— O que ele tá dizendo? Esse puto tá mentindo! — pensou um dos homens, ignorando o que ouvia. No entanto, a maioria que escutava os dizeres do superintendente acreditava que os japoneses eram, de fato, extraordinários. Acreditavam que o sofrimento brutal ao qual eram submetidos diariamente era, de certa forma, algo "heróico"; aquele pensamento trazia-lhes, ao menos, algum conforto.

Quando estavam trabalhando no convés, avistavam o contratorpedeiro que cruzava a linha do horizonte rumo ao sul. Era possível enxergar a bandeira do Japão tremulando na popa. Com os olhos cheios d'água de tanta emoção, os pescadores acenaram com o chapéu na mão.

— Aquele navio — pensaram — é nosso único amigo.

— Que merda, é só olhar pra ele que começo a chorar.

O homem seguiu o navio com os olhos, até o mesmo ficar pequenino e desaparecer em meio à fumaça.

Esgotados como trapos, regressaram a seus aposentos. "Merda!", berravam aquilo para si, parecendo que todos haviam chegado a um consenso. No meio da escuridão, suas vozes pareciam mugidos de vacas repletos de cólera. Apesar de não entenderem bem a quem sua raiva se dirigia, aqueles duzentos homens que viviam dia após dia em um "pote de merda" comunicavam-se entre si em linguajar agressivo. De maneira imperceptível, sua forma de pensar, falar e agir caminhavam cada vez mais num mesmo rumo (aquilo acontecia, porém, com a lentidão de uma lesma que rasteja pelo solo). Nesse fluxo comum, de certo havia também aqueles que não arredavam o pé, bem como alguns pescadores de meia-idade que seguiam em outra direção. Porém, aquilo aconteceu sem que se dessem conta e, dentro de algum tempo, começaram a compreender que haviam se distanciado bastante dos outros.

Era manhã.

— Não aguento mais! — subindo vagarosamente a rampa, disse o homem minerador.

No dia anterior, trabalhara quase até dez da noite. Seu corpo tremia feito uma máquina avariada. Enquanto subia a rampa, caiu no sono repentinamente.

— Ei! — alguém berrou em suas costas, e então passou a mover os braços e as pernas involuntariamente. Em seguida, pisou em falso e tropeçou. Permaneceu prostrado ao chão de barriga para baixo na mesma posição que caíra.

Antes de dar início ao trabalho, todos desciam à fábrica e se reuniam num canto. Todos tinham expressões parecidas com a de bonecos de barro.

— Desisto desse trabalho. Não aguento mais! — disse o minerador.

Calados, apenas seus semblantes se moviam.

— Vão te marcar com a grelha... — alguém disse, instante depois.

— Não tô fugindo do trabalho. É que não consigo mais continuar — o minerador arregaçou as mangas até a altura do antebraço, e como se estivesse fitando algo a sua frente, semicerrou os olhos.

— Não vai demorar muito. Como disse, não tô fugindo do trabalho.

— Se é assim, está bem.

—

Naquele dia o superintendente percorria toda a fábrica, como um galo de briga que exhibe sua crista.

— Como é? Como é?! — berrava em todas as direções.

Como não era apenas um ou outro que trabalhava com lentidão, mas praticamente todos, nada podia fazer, senão caminhar irritado de um lado para o outro. Era a primeira vez que os pescadores e marinheiros viam o superintendente naquele estado. Ouvia-se, no convés superior, o burburinho de incontáveis caranguejos que escapavam da rede. O trabalho acumulava-se cada vez mais, como uma tubulação que se entope aos poucos. O porrete do superintendente já de nada servia!

Quando terminavam o trabalho, regressavam sucessivamente ao "pote de merda", enxugando seus pescoços com toalhas encardidas. Entreolharam-se, e desataram-se à gargalhada involuntariamente. Sem entender bem o porquê, pateticamente, não conseguiam evitar.

Aquilo se transferiu aos marinheiros também. Pescadores e marinheiros, que eram obrigados a trabalhar medindo forças uns com os outros, aperceberam-se que, aos trancos e barrancos, estavam sendo feitos de idiotas, e começaram a "boicotar" o trabalho vez ou outra.

— Ontem trabalhou por demais, por isso diz que hoje vai boicotar.

Se antes de saírem para o trabalho alguém dizia algo desse tipo, todos ficavam com a mesma vontade. Embora falassem em "boicotar", o que faziam era apenas usar seus corpos de maneira mais confortável.

Todos eles, sem exceção, tinham seus corpos cada vez mais afetados. Quando a situação ficava crítica, "não tinha jeito" senão trabalhar. Trabalhassem ou não, ambos as opções levavam-nos a serem "assassinados" de qualquer forma. Isso era o que todos sentiam. Porém, já não conseguiam mais suportar.

...

— O navio cargueiro! O navio cargueiro! — a gritaria no convés superior era ouvida na parte inferior. No "pote de merda", todos saltaram a esmo de seus beliches, com os farrapos que vestiam.

Pescadores e marinheiros desejavam o navio cargueiro até mesmo mais que desejavam mulheres. Aquele era o único navio que não cheirava a sal; trazia consigo o odor de Hakodate. Cheirava àquela "terra" imóvel, a qual não pisavam há meses e há centenas de dias. Além disso, o navio cargueiro trazia cartas com várias datas, antigas e menos antigas, camisas, roupas de baixo, revistas, e muitas outras coisas.

Agarravam as encomendas com suas mãos ossudas e fedidas a caranguejo e voltavam afobados ao "pote de merda". Então, sentavam-se nos beliches com as pernas entrecruzadas, e, no meio delas, abriam seus pacotes. Deles, saía todo tipo de coisa. Cartas ditadas por suas mães, cujos próprios filhos haviam escrito aos garranchos; toalhas de mão; pasta de dente; palitos de dente; papel higiênico; roupas; e, entre um objeto e outro, ainda surgiam cartas de suas esposas achatadas pelo peso do embrulho. Tentavam todos sentir nos objetos o aroma de seus "lares", que vinha de diversos lugares em terra firme. Emanavam-se o cheiro de leite materno vindo de seus bebezinhos, e o aroma indistinguível do corpo de suas mulheres.

...

Minha xana está tão faminta,

Oh, como isso me mata!

Se eu tivesse um selo de três centavos,

A mandava embalada numa lata!

Alguém berrou vividamente aqueles versos, com a melodia da canção "Sutoton Bushi".⁵⁸

Os pescadores e marinheiros que nada haviam recebido, caminhavam de um lado para o outro, com as mãos metidas no bolso da calça, como uma vara.

— Parece que outro homem tomou seu lugar enquanto você está aqui! — Todos caçoavam deles.

Voltado para um canto escuro e alheio a todo aquele vozerio, um homem matutava enquanto contava com os dedos diversas vezes. Havia acabado de ler na carta que viera do navio cargueiro a notícia de que seu filho morrera. Havia se passados dois meses sem que o soubesse. A carta dizia que não houvera dinheiro suficiente para enviar a mensagem por telégrafo. O homem manteve-se taciturno por tanto tempo, a ponto de chamar atenção de seus companheiros.

Todavia, outro acabara de receber uma notícia completamente oposta. Sua carta trazia a foto de um bebê que parecia um filhote de polvo enrugado.

— É esse meu filho?! — disse num tom confuso e pôs-se a rir.

⁵⁸ Popular musica folclórica japonesa, composta por Soeda Satsuki em 1924.

— Esse é meu bebê! O que acha? — com sorriso no rosto, perguntava-lhes um a um, enquanto mostrava-lhes a foto.

Seus embrulhos traziam também artigos separados com muito zelo aos quais pouco se importavam; objetos pelos quais apenas suas mulheres eram capazes de preocupar. No momento em que os abriam, porém, seus corações palpitavam com vigor. E então eram arrebatados pela saudade de casa.

Veio embarcada no navio cargueiro uma equipe de projecionistas, despachada pela companhia. Havia programado uma sessão no navio, para a noite em que os enlatados prontos iriam ser carregados no cargueiro.

Cerca de três rapazes de aspecto parecido — todos de gravata borboleta, boinas chatas para o lado e calças largas —, trouxeram a bordo um pesado baú.

— Que fedô! Que fedô! — diziam enquanto despiam-se de seus paletós. Em seguida, assobiando, fixaram a tela, tiraram medidas e posicionaram o equipamento. Os pescadores logo perceberam que aqueles homens não eram "do mar", que eram diferentes deles e aquilo os fascinava. Contentes, tripulantes e pescadores ajudaram os homens em seu trabalho.

O que parecia ter mais idade, um homem de aspecto vulgar que usava óculos de armação grossa e dourada, encontrava-se um pouco afastado dali enxugando o suor do pescoço.

— Senhor narrador⁵⁹, se ficar parado aí, as pulgas vão subir nas suas pernas.

— Ai! — ao ouvir aquilo o homem pôs-se a saltar como se houvesse pisado em uma chapa de ferro incandescente.

⁵⁹ Narrador de cinema mudo.

Os pescadores que observavam a cena desataram-se à gargalhada.

— Mas que lugar terrível é esse?! — disse o homem com uma voz rouca e um tom repreensível.

Aquele certamente havia de ser o narrador.

— Você provavelmente não sabe, mas tem ideia de quanto essa companhia embolsa vindo até aqui? Uma quantia enorme! Cinco milhões de ienes em seis meses, dez milhões em um ano. Falando assim, pode não parecer grande coisa, mas é muito. Além disso, nenhuma outra companhia no Japão paga exorbitantes vinte e dois e meio por cento de dividendos aos acionistas. Dizem que dentro de pouco tempo o presidente da companhia vai se tornar parlamentar. Quão conveniente! Com certeza se eles não fossem tão cruéis como são, não estariam lucrando tanto assim.

Anoitecera.

Para celebrar o feito de dez mil caixas produzidas, distribuíram-lhes saquê, licor, lula seca, legumes cozidos, *Bats* e caramelos.

— Vem com o papai aqui.

Os operários tornaram-se populares dentre os pescadores e tripulantes.

— Sente aqui que vou lhe mostrar.

— Cuidado com ele! Vem comigo.

A algazarra continuou por um bom bocado.

Subitamente, quatro ou cinco homens que estavam sentados na fileira da frente puxaram uma salva de palmas. Todos imitaram o gesto sem saberem ao certo porquê o faziam. O superintendente

colocou-se na frente da tela branca. Com o peito estufado e as mãos cruzadas em suas costas, começou a falar usando palavras atípicas de seu vocabulário, como "cavalheiros" e "os senhores", e a referir a si mesmo de maneira menos arrogante — além de usar os costumesiros "homens do Japão" e "interesse nacional". A maioria não o escutava. Suas têmporas e queixos moviam-se enquanto mastigavam a lula seca.

— Já chega! Já chega! — alguém gritou dos fundos.

— Senta logo no seu lugar, já temos um narrador!

— Fica melhor segurando uma vara de ferro! — desataram-se todos à gargalhada.

Em seguida, vaiaram aos assobios e bateram palmas freneticamente.

Incapaz de conter a algazarra naquela situação, o superintendente se enrubescou e murmurou algo antes de se recolher (ninguém conseguiu ouvir em meio a gritaria). Então, deu-se início à sessão.

O primeiro filme trazia cenas de locais. Miyagi, Matsushima, Enoshima, Quioto: as paisagens eram exibidas ao som do tec-tec do maquinário. De vez em quando o filme cortava-se. De repente duas ou três imagens se sobrepuseram, fundindo-se uma com a outra como numa vertigem. E então a tela se apagou, tornando-se branca subitamente.

Em seguida, passaram alguns filmes ocidentais e japoneses. Todos os filmes tinham arranhões e um "chuveiro" muito intenso, além de remendas em alguns lugares, o que fazia com que os movimentos das personagens parecessem espasmos. Mas tudo isso lhes era indiferente. Estavam todos extasiados. Quando aparecia uma

mulher estrangeira de corpo atraente, eles assobiavam e grunhiam como porcos. O narrador se irritava e em alguns momentos não conseguia explicar o que se passava na cena.

O filme ocidental era americano e tratava da "História do Desenvolvimento do Oeste". Mostravam-se os ataques dos índios, a recuperação das construções face à destruição da natureza, para o avanço progressivo das ferrovias. E, ao passo que os nós ferroviários eram concluídos, cidades eram erguidas da noite para o dia. Quanto mais as linhas de trem avançavam ao Oeste, mais cidades eram construídas naquela região. O filme contava os diversos infortúnios daquele lugar, mesclados a uma "estória de amor" entre um operário e a filha de um executivo — ora a trama era retratada em primeiro plano, ora em plano de fundo. O narrador ergueu a voz na última cena:

— Graças aos diversos sacrifícios desses jovens, foi possível expandir por incontáveis milhas a via-férrea, que percorre a planície como uma grande serpente, atravessa montanhas, e transforma as terras que outrora eram selvagens em riqueza nacional.

O filme se encerra com um abraço entre a filha do executivo e o operário, que magicamente se transformara num galã.

Em seguida, foi exibido um curta-metragem ocidental galhofeiro que fez com que todos rissem ruidosamente.

O filme japonês mostrava um homem pobre, que começou vendendo soja fermentada, depois se tornou jornalista, engraxate, e por fim, operário de uma fábrica, onde se tornou um funcionário exemplar e fez uma grande fortuna.

— De fato, se trabalhar com diligência não é a mãe do sucesso, o que será então?! — disse o narrador, apesar da fala não constar na legenda.

Os operários aplaudiram com ar de "seriedade". No entanto, dentre os pescadores e tripulantes, levantou-se um grito:

— Mentiroso! Se fosse assim eu já seria diretor da empresa!

Soltaram uma gargalhada estridente em seguida.

— Recebi ordens da companhia para dar ênfase especial nessa parte e repeti-la quantas vezes forem necessárias, — replicou o narrador.

Por fim, exibiram um filme que mostrava várias partes da fábrica e escritórios da companhia. Viam-se muitos funcionários trabalhando "diligentemente".

Ao término da exibição, todos beberam saquê em celebração à caixa número dez mil.

Como já estavam desacostumados com a bebida, e esgotados do trabalho, acabaram se embriagando com facilidade. Sob a lúgubre luz das lâmpadas, formaram-se nuvens de fumo de tabaco. A atmosfera ficou abafada e exalava-se um odor pestilento. Descamisaram-se, ataram faixas ao redor da cabeça e sentaram-se ao chão com as pernas bem espaçadas. Suas calças estavam arregaçadas até a altura de seus traseiros. Cada um berrava alguma coisa. Vez ou outra surgia alguma briga.

A algazarra continuou até depois da meia-noite.

Um pescador de Hakodate que sofria de beribéri e há muito tempo estava encamado, tivera seu travesseiro erguido para que ele pudesse assistir à bagunça. Um companheiro conterrâneo seu estava encostado na pilastra ao lado, retirando de maneira ressonante restos de lula seca de seus dentes com um palito de fósforo.

Já havia se passado um bom bocado quando um pescador desceu ao "pote de merda" como se fosse ele próprio um saco de batata. Sua mão direita e suas roupas estavam completamente ensanguentadas.

— Uma faca, uma faca! Alguém me traz uma faca! — berrou enquanto rastejava pelo chão imundo.

— Aonde se meteu o puto do Asakawa? Não está aqui? Vou matar aquele desgraçado.

Tratava-se de um pescador que o superintendente havia espancado. Com os olhos enfurecidos, o homem agarrou o atiçador do braseiro e saiu do aposento. Ninguém tentou detê-lo.

— Vejam só! — disse um companheiro pescador de Hakodate olhando em sua direção.

— E depois dizem que nós pescadores somos burros como toras. A coisa vai ficar interessante!

No dia seguinte, descobriram que haviam quebrado o vidro da janela do superintendente e destruído todos os objetos que estavam em sua mesa. Apenas o superintendente, que por sua sorte encontrava-se em outro lugar, não foi "estraçalhado".

Seis

O tempo estava levemente nebuloso. Chovia desde o dia anterior e agora começava a desanuviar. A chuva, que tinha a mesma cor do céu chuvoso, caía no mar de cor idêntica, formando harmoniosas ondas circulares na superfície da água.

No início da tarde, o contratorpedeiro se aproximou. Os pescadores, operários e tripulantes, que tinham as mãos livres, agarraram-se ao parapeito para admirar o navio. Todos falavam acerca do contratorpedeiro, que era uma grande curiosidade para aqueles homens.

Um pequeno bote fora arriado do contratorpedeiro, e veio em direção ao navio, trazendo alguns militares. Aos pés da rampa que fora debruçada diagonalmente ao casco do navio, esperavam o capitão, o representante da fábrica, o superintendente e o chefe dos operários. Quando o bote se aproximou da lateral do navio, o capitão e o comandante dos militares gesticulavam saudações com os braços. O superintendente franziu a sobrancelha e o canto da boca, quando olhou de relance os homens que estavam acima. Em seguida, disse sacudindo a mão:

— Estão olhando o que? Mexam-se, mexam-se!

— Não seja insolente, seu puto! — em fila, e empurrando um as costas do outro, os homens começaram a descer em direção à fábrica.

No deque, ainda pairava um odor de peixe podre.

— Como fede! — disse o jovem capitão de bigode bem tratado, enquanto esboçava uma expressão de repugnância.

O superintendente, que viera dos fundos, apressadamente colocou-se perante o capitão, disse algo e curvou-se em reverência copiosamente.

De longe, os homens observavam o saltitar das adagas ornamentadas que batiam no traseiro dos soldados enquanto estes caminhavam. Discutiam acaloradamente qual deles teria mais importância. No fim das contas, o debate tornou-se quase uma briga.

— Vejam só como o Asakawa é ridículo, — disse um dos homens, imitando as reverências do superintendente. Desataram todos à gargalhada.

Naquele dia, como o superintendente e o chefe estavam ausentes, puderam trabalhar com tranquilidade. Cantavam e conversavam em voz alta por detrás das máquinas.

— Como seria bom se pudéssemos trabalhar sempre assim.

Findo o trabalho, todos subiram ao convés superior. Ao passarem em frente ao salão, escutaram vozes de pessoas bêbadas, que berravam sem reservas.

O criado havia acabado de sair de lá. O interior do salão estava repleto de fumo de tabaco.

O rapaz tinha o rosto enrubescido e cheio de gotículas de suor. Com ambas as mãos, carregava muitas garrafas de cerveja vazias. Com o queixo, apontou para o bolso da calça e disse:

— Meu rosto, por favor.

Um pescador retirou um lenço e secou seu rosto. Enquanto o fazia, observava o interior do salão.

— O que estão fazendo? — indagou.

— Está terrível lá dentro. Estão se embebedando a torto e a direito, e falando o que gostam de fazer com *aquilo* das mulheres. Já me fizeram ir e vir correndo umas cem vezes. Quando vem o pessoal do Ministério da Agricultura, ficam tão bêbados que quase tropeçam da rampa.

— O que vieram fazer aqui, afinal?

O criado esboçou uma expressão de que não sabia, e correu apressadamente em direção à cozinha.

Os pescadores comiam um arroz chinês esmigalhado que mal se podia agarrar com os pauzinhos, e tomavam uma sopa de missô demasiadamente salgada com coisas boiando que pareciam pedaços de papel.

— Ele levou pro salão umas comidas ocidentais que nunca vi nem comi.

— Que comam merda!

Na parede próxima à mesa, havia colado um cartaz escrito a garranchos e com transcrição fonética dos caracteres chineses:

- Os que reclamam da comida nunca se tornarão bem-sucedidos.
- Cada grão de arroz é importante. É a fonte de suor e sangue.
- É preciso suportar as privações e as adversidades.

Numa parte branca no rodapé da folha, haviam desenhado uma pichação obscena, dessas que se veem em banheiros públicos.

Quando terminaram a refeição, juntaram-se ao redor do braseiro antes de se deitarem. Começaram a falar sobre o contratorpedeiro e sobre militares. Dentre aqueles pescadores, havia muitos oriundos de Akita, Aomori e Iwate. Não sabiam ao certo o porquê, mas ficavam empolgados ao falar dos soldados. Muitos deles haviam servido no exército. A vida de soldado repleta de atrocidades havia se tornado diversas lembranças, das quais rememoravam com nostalgia.

Quando estavam prestes a dormir, ouviram gritos vindo do salão, que reverberaram pelo assoalho do deque e pelo casco do navio.

— Ainda não acabaram, — disse alguém depois de arregalar os olhos. — Já não amanhecera?

Ouvia-se o *toc-toc* dos sapatos (possivelmente do criado), que ia e vinha pelo convés. O certo é que a algazarra continuou até o amanhecer.

Aparentemente, os militares haviam regressado ao contratorpedeiro, e deixaram para trás a rampa arriada. Cinco ou seis dos degraus estavam cobertos por restos de vômito: uma gosma marrom que continha, dentre outras coisas, grãos de arroz e carne de caranguejo. O vômito exalava um fedor asfixiante de álcool rançoso, que fazia seus pulmões arderem em cheio.

Como uma garça cinza com as asas recolhidas, o contratorpedeiro flutuava balançando seu corpo de maneira quase imperceptível. Todo seu casco parecia implorar por um "descanso". O fumo que saía de sua chaminé, mais fina que a de um cigarro, dissipava-se no céu sem vento, como um uma lã de tricotar.

Passara-se do meio-dia e o superintendente e o chefe dos operários ainda não haviam acordado.

— Fanfarrões de merda! — resmungou um dos homens enquanto trabalhava.

Num canto da cozinha, uma quantidade considerável de latas de caranguejo com conteúdo visivelmente desperdiçado em seu interior e garrafas de cerveja vazias estava grosseiramente amontoadas ao chão. Na manhã seguinte, até mesmo o criado, que havia carregado aquelas latas e garrafas, se espantara com a quantidade de comensais e bebidas consumidas.

Diferentemente dos tripulantes e pescadores, o criado conhecia bem — devido à natureza de seu trabalho — a vida desavergonhada

que levavam o capitão, o superintendente e o representante da fábrica. Sabia, da mesma forma, o quão seus estilos de vida contrastavam com os dos miseráveis pescadores (aos quais o superintendente se referia como "suínos" quando estava bêbado). Para ser justo, podia afirmar que os de cima arquitetavam, com insolência e pachorra, planos malignos em nome do lucro, dos quais pescadores e tripulantes eram presas fáceis e ignorantes. — Impossível suportar isso.

Pensava diversas vezes que melhor seria se não soubesse de nada. Questionava a si mesmo quais daqueles planos seriam bem-sucedidos e quais fracassariam com o curso natural das coisas.

Aproximava-se das duas horas. O capitão, o superintendente e os outros tinham as roupas completamente amarrotadas, pareciam que as haviam dobrado grotescamente. Fazendo dois tripulantes carregarem latas de caranguejo, saíram em um barco motorizado em direção ao contratorpedeiro. Pescadores e operários que removiam as carnes das cascas de caranguejos no convés observavam-nos, sem parar de trabalhar, como se estivessem contemplando a comitiva de uma noiva em direção ao altar.

— O que estão fazendo? Não dá pra saber!

— Dão menos valor às latas que nós produzimos que dão a papel higiênico.

— Mas vejam só... — entreviu um homem que já havia passado da meia-idade e ao qual faltavam três dedos na mão esquerda — eles vieram até aqui somente para nos proteger. Não há do que reclamar. Não é mesmo?

Ao entardecer daquele dia, antes que dessem conta, o contratorpedeiro começou a esfumaçar pelas chaminés. Azafamados, os marinheiros caminhavam pelo deque de um lado para o outro. E

então, uns trinta minutos depois, o navio começou a mover-se. Ouvia-se o som da bandeira da popa a tremular ao vento.

— *Banzai!* — do navio-fábrica, gritou o capitão.

Depois do jantar, o criado desceu até o "pote de merda". Todos conversavam ao redor do braseiro. Alguns dos homens catavam pulgas de suas camisas, sob a lânguida luz de uma lâmpada elétrica. Ao atravessarem a luz da lâmpada, uma enorme sombra projetava-se diagonalmente no casco do navio — este, que, apesar de ter recebido uma demão de tinta, estava repleto de fuligem.

— Vocês não fazem ideia da conversa que escutei entre os militares, o capitão e o superintendente: ao que tudo parece, em breve iremos nos infiltrar em território russo para pescar. Por isso que o contratorpedeiro está o tempo todo encostado na gente. Está nos dando cobertura. Parece que eles vão fazer muito disso aqui (juntou a ponta do indicador com a do mindinho, formando a imagem de uma moeda).

— Segundo o que todos dizem, toda essa região do Kamchatka e Karafuto, de onde se jorra rios de dinheiro, irá um dia se tornar território japonês. Dizem que não é apenas a China e a Manchúria que são importantes para o Japão, mas toda essa área aqui. Além disso, parece que a companhia se juntou com a Mitsubishi e outras empresas, e já estão mexendo os pauzinhos no meio político. E, se dessa vez o presidente da companhia conseguir ser eleito para o congresso, as coisas vão ficar ainda mais fáceis.

— Como eu bem dissera, enviaram o contratorpedeiro para escoltar nosso navio-fábrica. Mas, obviamente, essa não é sua única finalidade. Estão aqui para tomar medidas apuradas e fazer diversas pesquisas meteorológicas nos arredores desses mares, de Karafuto até Chishima. Esse sim é o objetivo principal deles, e devem alcançá-

lo de maneira meticulosa, caso *aquilo* aconteça. Presumo que seja segredo, mas parece que já estão transportando canhões e diesel para a ilha que fica à extremidade de Chishima.

— O que mais me surpreendeu quando ouvi pela primeira vez, foi que todas as guerras das quais o Japão participou — se for buscando os motivos mais ocultos — na realidade foram ordens de dois ou três homens ricos (ou então, de multimilionários), baseadas em justificativas cunhadas por eles próprios. Esses putos estão dispostos a fazer o que for possível para tomar para si qualquer território capaz de gerar lucro. É um perigo!

Sete

O ruído áspero da roldana ecoava: estavam arriando um bote. Devido ao curto tamanho do braço da roldana, logo abaixo, cerca de quatro pescadores empurravam o bote para fora do deque, até que o mesmo fosse abaixado até a água. Situações de perigo aconteciam com frequência. As roldanas daquele decrepito navio eram tão capengas quanto os joelhos dos enfermos de beribéri. Por causa da má condição de uma engrenagem, o cabo de um dos lados corria aos solavancos. Às vezes, os botes ficavam completamente dependurados, como se fossem arenques defumados. Nessas horas, os pescadores abaixo eram pegos desprevenidos, e, não raro, acabavam se ferindo. Foi exatamente o que aconteceu naquela manhã.

— Ei, cuidado! — alguém gritou.

Um pescador levou uma pancada bem acima de sua cabeça e teve o pescoço afundado para dentro do tronco como uma estaca.

Seus colegas carregaram-no até a sala do médico de bordo. Os colegas que claramente demonstravam seu desgosto pelo superintendente, trataram logo de pedir um atestado ao médico de bordo, pois, certamente o desgraçado do Asakawa, que era uma víbora vestida em pele humana, se omitiria da responsabilidade pelo acidente. Naquele momento, precisavam do atestado para que pudessem se queixar, e sabiam que o médico tinha certa compaixão aos pescadores e operários.

— Nesse navio, tem mais enfermos por causa de espancamentos e maus-tratos, do que tem por causa de acidente de trabalho! — se espantava.

O médico dizia que era preciso escrever tudo em um diário para ser posteriormente usado como evidência. E atendia, de maneira solícita, pescadores e operários achacados por doenças ou por ferimentos.

— Gostaríamos que o senhor nos desse um atestado... — um dos homens prontificou-se a falar.

Ao escutá-lo, o médico parecia surpreendido.

— Um atestado, né? Então...

— Se ao menos o senhor pudesse escrever o que se passou... —disse ansiosamente.

— Nesse navio está proibido escrever esse tipo de coisa. Parece que esta é uma determinação arbitrária. Por que pode causar problemas afrente, entende?

— Tch! — impaciente, o pescador gago deixou escapar um estalido com a língua.

— Certo dia, veio um pescador que ficou surdo depois de ser espancado pelo Asakawa. Passei-lhe inocentemente um atestado, e depois nem queiram saber o que aconteceu. Isso se torna evidência permanente, disse-me Assakawa...

Os homens abandonaram a enfermaria, convencidos de que até mesmo o médico de bordo deixara de ser um aliado e já não era mais um "deles".

Milagrosamente, o pescador conseguiu escapar da morte. O homem, contudo, ia ao chão diversas vezes durante o dia e permanecia prostrado num canto escuro, sofrendo de dor. Por dias e mais dias tiveram que suportar seus gemidos.

Quando o pescador começava a se curar e os seus lamentos já não perturbavam a ninguém, um outro, que já há um tempo estava acamado em consequência da beribéri, veio a falecer. Tinha vinte e sete anos. Viera junto com outros dez homens, através de uma agência situada em Tóquio, no bairro de Nippori. Com a justificativa de que atrapalharia o trabalho do dia seguinte, o superintendente permitiu que apenas os enfermos impossibilitados de trabalhar participassem da "vigília noturna".

Quando despiram o defunto para fazer a lavagem do corpo, um fedor insuportável invadiu-lhes o pulmão. Estranhos piolhos brancos de forma achatada correram aos montes desesperadamente. Seu corpo estava completamente coberto por uma sujidade em forma de escama, prostrado exatamente como um tronco de pinheiro. As costelas sobressaíam-lhe do peito. Quando a beribéri estava em seu estágio avançado, perdera a capacidade de andar sozinho, e por isso urinava e fazia todas suas necessidades no lugar onde permanecera

deitado. Era um fedor terrível. A cueca e a camisa que vestia assumiram um tom vermelho-escuro. Quando os homens as pegaram com as pontas dos dedos, pareciam que iam se desfazer em pedacinhos, como se as tivessem mergulhado em ácido sulfúrico. A concavidade de seu umbigo estava tão repleta de poeira e sujidades, que já não se podia mais distingui-lo com clareza. Fezes completamente ressecadas colaram-se ao entorno de seu ânus, como se fosse argila.

— Não quero morrer no Kamchatka! — parece que essas foram suas últimas palavras. Não se sabia, porém, se, no momento que partira, realmente havia alguém a seu lado a acompanhá-lo. Ninguém gostaria de morrer no Kamchatka. Os pescadores pensavam no que ele teria sentido naquele momento. Alguns deles soluçaram em voz alta.

— Pobre homem! — disse o cozinheiro, quando vieram até ele buscar água quente para lavar o defunto.

— Pode levar bastante. O corpo dele está deveras sujo.

Quando estavam carregando a água quente, depararam-se com o superintendente.

— Aonde estão levando isso?

— Vamos usar para lavar o corpo.

— Não gastem mais que o necessário! — fez como se fosse dizer algo mais, mas passou direto.

Ao retornar, um dos pescadores disse a seus colegas:

— Nunca antes senti tanta vontade de despejar um balde de água quente na cabeça daquele desgraçado!

Enfurecido, seu corpo todo estremecia.

O superintendente ia e vinha persistentemente para bisbilhotar os pescadores. Resolveram que juntos iriam velar o corpo durante toda a noite, mesmo que fosse necessário faltar o trabalho no dia seguinte, ou então cochilar durante o expediente. Estava decidido.

Por volta das oito da noite, finalmente conseguiram terminar os preparativos, acenderam velas e incensos, e sentaram-se diante do corpo. O superintendente não aparecera. O capitão e o médico de bordo permaneceram por cerca de uma hora. Um pescador recitava, com hesitação, versos de um sutra, enquanto tentava recordá-los.

— Está bem assim, — disseram seus companheiros. — O que importa é a intenção.

Durante um sutra e outro, pairava um silêncio profundo. Às vezes, alguém fungava o nariz. Conforme o fim da cerimônia aproximava-se, o número de pessoas a chorar aumentava.

Ao término das orações, um a um os presentes ofereceram incensos. Então, sentaram-se de maneira mais confortável, e dividiram-se em grupos. Falavam sobre os colegas que morreram, e sobre os que ainda permaneciam vivos — cientes, contudo, do risco que suas vidas corriam. Quando o capitão e o médico de bordo se retiraram, o pescador gago afastou-se da mesa onde estava o corpo rodeado de velas e incensos.

— Não sei os sutras.

Não posso confortar a alma do Yamada recitando sutras. Mas, sabe, eu venho pensando bastante. Pensando o quão o Yamada lutou para não morrer. Não, na verdade, o quão ele lutou para não ser morto. Bem sabemos que ele fora assassinado.

Os que o escutavam mantiveram-se calados, como se alguém os tivesse repreendido.

— Afinal, quem o matou? Não preciso nem dizer, pois já sabemos quem foi!

Não consigo confortar a alma do Yamada com sutras. Mas nós conseguimos fazê-lo, vingando-nos de quem o matou. Acredito que neste momento, todos nós devemos prometer isso à alma do Yamada.

— É isso mesmo! — os tripulantes foram os primeiros a responder.

O fétido odor de caranguejo, o vapor que desprendia de seus corpos e o fumo dos incensos pairavam no interior do "pote de merda", como se fosse uma espécie de perfume. Quando deram nove horas, os operários começaram a sair.

Exaustos, uns adormeceram como saco de pedras, e não conseguiam se levantar a custo nenhum. Instantes depois, um ou dois pescadores também caíram no sono. As ondas começaram a levantar. Ao balançar do navio, a chama da vela ora ficava fraca, a ponto de apagar-se, ora voltava a queimar. O pano de algodão branco que cobria o rosto do defunto mexia-se, e parecia que ia cair. Eis que o pano desliou e veio ao chão. Ficaram a olhar o corpo, e sentiram uma estranheza de causar arrepios. O barulho das ondas ressonava pelo casco.

Passado das oito horas da manhã seguinte, o superintendente ordenou que quatro homens, dentre eles tripulantes e pescadores, parassem de trabalhar e descessem as escadas. Os pescadores da noite anterior recitaram mais um sutra, e então, o grupo que acabara de descer colocou o cadáver num saco de linho, com a ajuda de outros quatro homens adoecidos. Havia muitos sacos de linho novos,

mas ainda assim o superintendente insistiu que era desperdício atirá-los ao mar. O estoque de incenso já havia acabado.

— Pobre coitado. Decerto não queria morrer dessa forma.

Enquanto juntava-lhe os braços, tão rígidos que mal se dobravam, deixou cair algumas lágrimas sobre o saco de fibra.

— Já chega, já chega. Se começar a chorar agora...

— Será que não há um jeito de levá-lo de volta até Hakodate?

— Vejam só sua expressão: parece dizer que se recusa a entrar nas águas geladas do Kamchatka? É um disparate ser arremessado assim ao mar.

— Mar pode ser tudo igual, mas esse aqui é o Kamchatka. Depois de setembro, quando chega o inverno, a água congela e não há mais nenhum navio por aqui. Estamos na extremidade norte do norte!

— Hm, hm. — choravam.

— E, além disso, somos apenas seis ou sete a colocá-lo no saco, quando no navio há uns quatrocentos homens!

— Estamos todos fadados à desgraça, mesmo depois de mortos...

Eles pediram pelo menos meio dia de folga, mas a pesca de caranguejo no dia anterior fora tão grande, que não lhes foi permitido parar o trabalho.

— Não confundam assuntos pessoais com o trabalho, — disse-lhes o superintendente. — Já acabaram com isso? — perguntou colocando o rosto na abertura no teto do "pote de merda".

— Sim — sem alternativa, os homens responderam-lhe.

— Então tragam-no logo.

— Mas antes o capitão gostaria de ler umas palavras de condolências.

— O *capitão? Condolências?* — retrucou em tom sarcástico. — Imbecil! Não temos tempo para essas frescuras.

De fato, não tinham tempo para aquilo. Montanhas de caranguejo acumulavam-se no convés. O farfalhar de suas patas ressonava pelo assoalho.

Por fim, carregaram o cadáver, que parecia um salmão ou uma truta envolvida num embrulho de palha, até a popa do navio, e puseram-no numa lancha que lá se encontrava atada.

— Prontos?

— Aaaagora!

A lancha rapidamente começou a se mover, saltitando na superfície da água. Na popa, a água remexia-se, e levantava bolhas.

— Tchau...

— Tchau.

— Adeus.

— Está sozinho agora, mas resista! — alguém sussurrou.

— Contamos com vocês — disseram aos homens embarcados na lancha.

— Certo. Pode deixar.

A lancha afastou-se, partindo para o mar aberto.

— Tchau...!

— Finalmente se foi.

— Deve estar se remoendo dentro daquele saco. Tenho quase certeza.

Os pescadores retornaram da pesca. Então, contaram aos outros sobre a maneira insolente com que o superintendente lidara com o cadáver. Ao escutarem a história, estremeceram — não por raiva, mas por imaginar que aquele corpo despejado nas profundezas escuras do mar do Kamchatka poderia ser o seu. Taciturnos, desceram a rampa em sucessão.

— Nós entendemos, nós entendemos — resmungavam, enquanto despiam-se de seus casacos encharcados de água salgada.

Oito

Nada se notava em suas expressões. De maneira sorrateira, os homens esmoreciam. Por mais que o superintendente vociferasse com todas as forças e os estapeasse quando passava por perto deles, mantinham-se taciturnos e "obedientes". E isso se repetia dia sim dia não. A princípio, sentiam-se atemorizados, mas depois de um tempo passaram a "boicotar" o trabalho. Desde o funeral no mar, era evidente que trabalhavam com menos entusiasmo e num ritmo cada vez mais desacelerado.

Apesar de serem os que mais sentiam na pele o sofrimento do trabalho, os pescadores mais velhos que já haviam passado da meia-idade enxergavam o "boicote" com reprovação. Contudo, ao perceberem que os temores que carregavam no peito (!) não

chegavam a se concretizar, e que, ao contrário do que imaginavam, o "boicote" vinha dando resultados; passaram a se mobilizar como sugeriram os jovens pescadores.

Os chefes dos botes encontravam-se num dilema cruel. Tinham total responsabilidade sobre os botes e faziam intermédio entre os pescadores comuns e o superintendente — este que, por sua vez, reclamava-lhes o resultado da pesca. Essa era a pior parte. No fim das contas, não lhes restaram alternativas: um terço deles aliaram-se aos pescadores, e os outros dois terços formaram uma pequena "filial" ligada ao superintendente — tão pequena, quanto um pontinho.

— Como isso é cansativo! Não é como na fábrica, onde o trabalho é determinado de maneira precisa. Estamos lidando com seres vivos. Caranguejos não são como gente. Não dão as caras com hora marcada. Não há o que se fazer a respeito disso, — disse um homem, parecendo um fonógrafo que reproduzia voz do superintendente.

Certa noite no "pote de merda", de maneira inesperada, uma conversa se espalhou para todos os cantos. Um chefe de bote havia feito um comentário arrogante. Na realidade, não era sua intenção soar daquela forma, mas acabara por ofender um pescador "comum". Este, por sua vez, estava um pouco embriagado.

— Como é que é? — levantou a voz abruptamente. — Repete o que disse, seu merda. É melhor você não ficar cheio de si. Vai ser moleza jogá-lo no mar com quatro ou cinco de nós quando sairmos para pescar. Será o seu fim! Estou falando do Kamchakta. Nunca vão descobrir como você morreu!

Até então, ninguém havia falado daquela forma. Deixara escapar suas palavras a berros roucos e estridentes. Todos calaram-

se naquele momento. Imediatamente, as conversas paralelas interromperam-se.

Contudo, aquelas palavras não foram ditas por um mero excesso de fúria. De maneira completamente inesperada, aquilo despertou uma enorme força nos pescadores, que até então, só conheciam a "submissão". A princípio os pescadores, possuídos por essa energia, divagavam como se estivessem aturdidos. Não tinham ciência de que aquela força surgira de si mesmos.

— Será que seríamos capazes de fazer isso? — indagavam-se. De certo, o eram.

Quando se aperceberam disso, a ideia pareceu-lhes surpreendentemente interessante e seus corações foram preenchidos por um sentimento de rebeldia. O fato de serem oprimidos até aquele momento, obrigados a fazer um trabalho que ultrapassava os limites da crueldade, acabou se tornando uma grande motivação. Não havia superintendente, nem merda nenhuma que os impedisse! Estavam todos contentes. Como se houvessem-lhes apontado a luz de uma lanterna, esse sentimento que agora os envolvia fez com que enxergassem com clareza a vida de verme que levavam.

— Não seja fanfarrão, seu merda! — aquelas palavras tornaram-se um mote dentre os homens. Diziam-nas a qualquer momento, mesmo quando o assunto era outro e apesar de não haver nenhum "fanfarrão de merda" dentre os pescadores.

Mais de uma vez aconteceram situações como aquela. Aos poucos mais e mais pescadores "compreendiam" o que se passava. À medida que experiências como aquelas se acumulavam, três ou quatro pescadores passaram a se destacar. A verdade é que esses homens não foram escolhidos por ninguém. Quando algum incidente ocorria, ou quando necessitavam tomar alguma atitude, a opinião

desses três ou quatro coincidiam com a opinião de todos, e assim moviam-se na mesma direção. O grupo era composto por dois ex-estudantes, pelo pescador gago e por um homem que dizia "não seja fanfarrão".

O estudante passava as madrugadas lambendo a ponta do lápis e escrevendo algo numa folha de papel. Esse era seu plano:

Plano (quadro dos responsáveis)

A: os dois estudantes, o pescador gago, o não-seja-fanfarrão;

B: um operário, dois dos botes, um tripulante e um foguista;

C: um representante por cada lugar de origem, dois por cada bote, outros tripulantes e foguistas.

$$\begin{array}{c} A \rightarrow B \rightarrow C \rightarrow \lceil \text{Todos os} \rceil \\ \leftarrow \leftarrow \leftarrow \leftarrow \lfloor \text{outros} \rfloor \end{array}$$

— O que acham? — perguntou o estudante.

— Conseguimos transformar, com eficácia e mais rapidamente que a luz, qualquer ocorrido em um "problema de todos", seja ele concernente ao grupo A, B ou C, — disse com orgulho. E assim, aprovaram seu plano com unanimidade. Na realidade, porém, as coisas não foram tão simples assim.

— Aqueles que não querem ser mortos, que se junte a nós! — exclamou o ex-estudante. Aquela era sua frase de efeito costumeira.

Usou como exemplo a fábula das flechas partidas de Mōri Motonari⁶⁰, e uma imagem de "cabo-de-guerra" que encontrara num cartaz do Ministério do Interior.

— Com quatro ou cinco dos nossos, atirar um chefe de bote ao mar vai ser mais fácil que tirar doce de uma criança. Animem-se!

— Um contra um é besteira. É perigoso. Mas eles, contando com o capitão e com quantos outros mais, não chegam nem a dez. Em contrapartida, nós somos quase quatrocentos. Se quatrocentos homens se unirem, a vitória será nossa. São quatrocentos contra dez! Se eles quiserem lutar sumô com a gente, que tentem!

E acabou por acrescentar:

— Aqueles que não querem ser mortos, que se junte a nós!

Todos concordavam com as palavras do ex-estudante e do gago, pois, até o mais "tonto" ou "bêbado" compreendia que a vida a qual eram submetidos era praticamente a de pessoas condenadas à morte (de fato, viram colegas seus sendo assassinados diante de seus olhos); percebiam, além do mais, que o "boicote" que faziam ora aqui ora acolá sob a pressão da necessidade começava a mostrar resultados.

Por conta de uma grande tempestade que ocorrera na semana anterior, o barco a motor acabou tendo sua hélice danificada. O chefe dos operários partiu para terra firme, junto de quatro ou cinco

⁶⁰ Trata-se de uma famosa fábula japonesa. Durante o século XVI, o proeminente *daimyō* [senhor de terras] Mōri Motonari tinha três filhos, aos quais encorajava para que trabalhassem unidos. Em certa ocasião, ele entregou a cada um de seus filhos uma flecha, e pediu para que os três quebrassem-nas. Depois que assim fizeram, Motonari uniu três flechas e pediu para desta vez seus filhos partissem-nas ao mesmo tempo. Quando foram incapazes de fazê-lo, Motonari explicou-lhes que uma flecha sozinha podia ser facilmente partida, mas três flechas unidas não. (UCHIDA, Mahito. Towards the end of declination in Japan? Monetary policy under Abenomics and the role of the central bank. *OFCE*. Paris, nº135, p. 244, abril de 2014)

pescadores, para fazer o reparo do barco. Quando retornaram da missão, um jovem pescador trouxe às escondidas vários panfletos e brochuras de "propaganda vermelha", impressos em caracteres japoneses.

— Os japoneses estão fazendo muito disso aqui. — disse.

Os papéis falavam sobre os salários dos trabalhadores, as horas de trabalho, os lucros exorbitantes das companhias e as greves. Aqueles assuntos deixaram-nos todos intrigados, por esse motivo liam os panfletos uns aos outros e questionavam-se sobre seu conteúdo. Havia, contudo, aqueles que se sentiam revoltados com os dizeres, incrédulos de que os "japoneses" seriam capazes de cometer coisas tão terríveis.

— Acredito que seja verdade, mas... — havia também aqueles que, carregando a brochura e o folheto na mão, dirigiam-se ao ex-estudante para indagá-lo.

— É verdade, porém um pouco grandioso.

— Se não fizermos isso, nunca conseguiremos dar um jeito no Asakawa, — disse rindo.

— Além do mais, esses putos nos trataram de maneira muito pior. É óbvio o que temos que fazer! — os pescadores que diziam ser aquilo um absurdo, começavam a demonstrar cada vez mais curiosidade pelo "movimento vermelho".

Quando o nevoeiro aumentava, soavam incessantemente a corneta a vapor para convocar os botes de volta ao navio, tal como faziam quando havia tempestades. Por até duas horas seguidas, o som da corneta, que parecia o mugido de uma vaca, ecoava em meio ao nevoeiro denso como água. Ainda assim, havia botes que não conseguiam retornar a salvo. A verdade é que, para escapar do

trabalho cruel, alguns perdiam o rumo deliberadamente, deixando-se arrastar pelas correntes rumo ao Kamchatka. Aquilo se passava com frequência e em segredo. Depois que adentraram em águas russas para pescar, conseguiram com relativa facilidade traçar as rotas das correntezas que os levavam à terra firme. Dentre aqueles que o faziam, sempre havia alguém que lhes perguntava se desejavam converterem-se em "vermelhos".

As companhias atentavam-se para os mínimos detalhes ao contratar os pescadores. Nos locais de recrutamento, contavam com a ajuda dos chefes dos vilarejos e dos delegados para que lhes fossem despachados os "jovens exemplares". Escolhiam os submissos, que não tinham interesse pelos sindicatos ou coisa do tipo. Faziam-no com "astúcia" para que tudo lhes fosse conveniente!

Mas até então o "trabalho" no navio-fábrica havia produzido um efeito completamente oposto: aqueles trabalhadores haviam-se agrupado e estavam prestes a se organizar. Até mesmo para os capitalistas, com toda sua "astúcia", era difícil imaginar o rumo que as coisas estavam tomando. Por ironia do destino, faziam um favor àqueles peões desorganizados e aos "bêbados" sem salvação: ensinavam-lhes a se agrupar.

Nove

O superintendente começou a entrar em pânico.

Comparado com a quantidade de caranguejo pescada ao término das temporadas anteriores, o montante daquele ano fora drasticamente reduzido. Ao perguntar da situação dos outros navios, soube que haviam obtido melhor sucesso que no ano anterior.

Estavam atrás por duas mil caixas. Diante daquele fato, o superintendente pensou que já não podia mais fazer papel de "Buda".

Decidiu, então, mudar a rota do navio. Ordenou que o operador do telégrafo interceptasse as transmissões de outros navios, para que pudessem apanhar suas redes às escondidas. Deslocaram-se umas vinte milhas ao sul, até içarem a primeira rede. Esta estava abarrotada de caranguejos, e por entre os nós de sua malha, suspendiam-se milhares de patas. Decerto pertencia ao navio XX.

— Bom trabalho! — de maneira atípica, disse o superintendente ao radiotelegrafista, dando-lhe palmadinhas nos ombros.

Às vezes as lanchas eram flagradas a roubar as redes, e fugiam às pressas de volta ao navio. Conforme passaram a içar as redes de outros navios, a quantidade de trabalho aumentara de maneira significativa.

Aquele que for pego a negligenciar o trabalho, pelo mínimo que seja, será marcado com ferro em brasa.

O grupo que negligenciar vai ser mandado ao Kamchatka para treinar.

Como punição, terá o salário suspenso e será encaminhado à polícia assim que retornar à Hakodate.

Aquele que demonstrar qualquer sinal de oposição ao superintendente será sumariamente fuzilado.

Ass.

Superintendente Asakawa

E

Chefe dos Operários

Um grande cartaz com esses dizeres fora colado na entrada da fábrica.

O superintendente sempre trazia consigo uma pistola carregada. Com intuito de "demonstrar força", disparava para o alto sem qualquer aviso, acima da cabeça dos trabalhadores, ou então atirava em gaivotas ou em alguma parte do navio. Olhava para os pescadores apavorados, e passava a esboçar um largo sorriso. Todos carregavam consigo um sinistro sentimento de que podiam ser assassinados "de verdade" a qualquer momento.

Da mesma forma, o superintendente mobilizou tripulantes e foguistas, fazendo deles gato e sapato. O capitão, por sua vez, nada

disse sobre aquilo. Seu posto tornou-se meramente "figurativo", o que já era mais que necessário para a companhia. Aquilo ficara demonstrado quando, em um episódio recente, fora forçado a mudar o rumo do navio para pescar em outras águas territoriais. O capitão, sendo ele ainda um oficial, relutou em acatar a ordem que recebera, insistindo que não podia transgredir a lei.

— Apenas faça como eu mandar! — Não estou lhe pedindo um favor! — assim, o superintendente e seus homens fizeram com que o navio desse meia volta rumo às águas estrangeiras. No entanto, foram descobertos por um patrulheiro russo, que os perseguiu. Quando interrogado pelos russos, o superintendente ficou aturdido, e "covardemente" retirou-se.

— Estou certo de que o capitão é quem deve responder aos senhores.... — disse forçadamente. Não à toa que a figura do capitão era absolutamente necessária. Servia apenas para isso.

Depois daquele incidente, o capitão pensou diversas vezes em retornar o navio para Hakodate. Mas havia uma força que o impedia de fazê-lo: a força dos capitalistas.

— Todo esse navio aqui pertence à companhia! Entende? — disse-lhe o superintendente, que em seguida, contorceu a boca em um formato triangular, como se fosse bocejar, e sem nenhum pudor desatou-se a uma gargalhada estridente: — Mua ha ha ha ha.

De volta ao "pote de merda", o pescador gago deitou-se de barriga para cima transtornado. Estava desapontado, pois nada podia fazer. Os outros sentiam pena dele e do estudante, mas estavam tão exauridos de suas energias que mal podiam dizer-lhes algo. O esquema que o estudante escrevera tornara-se tão inútil quanto um resto de papel. Mas ainda assim, o jovem mantinha-se um tanto otimista.

— Quando algo acontecer, iremos nos erguer, — disse. — Mas da próxima vez, não podemos deixar a oportunidade nos escapar.

— Será que ainda podemos nos erguer? — disse o não-seja-fanfarrão.

— Como não poderíamos, tonto? Somos muito mais em número. Não há o que temer. Quanto mais esses putos nos fizerem atrocidades, mais descontentes e insatisfeitos nos tornaremos; e ainda que estejamos recuados nesse momento, esses sentimentos estão se acumulando em nossos peitos, e eles sozinhos são mais fortes que pólvora. Estou certo disso.

— Seria bom se estivéssemos preparados, — disse o não-seja-fanfarrão, passando um olhar em toda sua volta no interior do "pote de merda". — O que temos são esses trastes aqui. Nenhum desses estão... — acrescentou em tom ranzinza.

— Se ficarmos reclamando, será nosso fim!

Veja, você é o único disposto aqui. Se tentar provocar um novo incidente, vai colocar nossas vidas em risco.

O estudante esboçou uma expressão sombria. — É verdade... — disse.

À noite, o superintendente descera ao "pote de merda" três vezes trazendo consigo um subordinado. Sempre que via três ou quatro homens se agrupando, ele vociferava. Mas ainda assim não o era suficiente: infiltrou um de seus capangas no meio dos homens e fez com que dormisse junto deles.

À exceção de seu aspecto invisível, as "correntes" às quais estavam presos eram exatamente como correntes reais. Quando

andavam, sentiam seus pés tão pesados que pareciam arrastar uma corrente de uma polegada de espessura.

— Estou certo de que vou ser morto.

— Sim, mas você só vai ter perceber na hora que estiver prestes a ser morto.

— Imbecil! — gritou de um canto o pescador de Shibaura.

— "Na hora que estiver prestes a ser morto"? E quando seria isso, idiota? Já não estão nos matando aos poucos? Eles são bons no que fazem. Agora ele sempre anda com pistola pronta para disparar, mas ele jamais iria cometer tamanha estupidez. Isso é um apenas "truque", entende? Se nos mata, quem vão sair perdendo são eles próprios. Seu objetivo —seu real objetivo — é nos fazer trabalhar ao máximo, nos estrangular como faz uma figueira, espremendo a gente até o fim, para fazer rios de dinheiro. Estão nos fazendo isso dia após dia. O que acham desse absurdo? Estão matando nossos corpos, exatamente como fazem as larvas que devoram as folhas da amoreira.

— Sim, concordo.

— Foda-se se você concorda, — disse um, apagando a ponta do cigarro na espessa palma da mão.

— Me esperem só! Agora esse merda vai se ver comigo!

Como tinham ido muito para o sul, apenas conseguiam pescar caranguejos fêmeas, que tinham o corpo pequeno. Decidiram, então, partir para outra localidade mais ao norte. Os homens foram forçados a trabalhar além do expediente, e (depois de muito tempo!) o serviço terminou um pouco mais cedo.

Todos haviam descido ao "pote de merda".

— Você não está nada bem — disse o de Shibaura

— Veja só minhas pernas. Estão tão bambas que já não consigo descer as escadas.

— Sinto muito por você. E ainda assim você tenta trabalhar com todas suas forças.

— Quem, eu? Não tenho mais jeito?

O que veio de Shibaura pôs-se a rir.

— Mesmo quando estão te matando, você diz "não tenho mas jeito".

—

— Se continuar desse assim, não vai durar mais quatro ou cinco dias.

Esboçando uma expressão de desagrado, o outro bateu-lhe palma e contraiu as pálpebras e uma de suas bochechas que estava amarelada e inchada. Então, dirigiu-se em silêncio ao seu beliche, sentou-se com as pernas suspensas, e passou a aplicar golpes com a lateral da mão nas juntas dos joelhos.

Abaixo dele, Shibaura continuava a falar, gesticulando com as mãos. O gago sacolejava seu corpo, maneando a cabeça em sinal de concordância.

— ... Concorda? Vamos supor que esse navio só existe porque um rico deu dinheiro para ele ser construído. Se não existissem tripulantes e foguistas, isso aqui se moveria? No fundo do mar tá cheio de caranguejo. Supomos que, depois de muitos preparativos, um rico liberou a grana para nos trazer até aqui. Se não trabalhássemos, esse mesmo rico não embolsaria um só caranguejo

sequer. Entendem? Quanto dinheiro ganhamos para vir trabalhar aqui durante todo esse verão? Em contrapartida, com esse navio os ricos tem um ganho líquido de quatrocentos a quinhentos mil ienes. Pois então, de onde vocês acham que sai esse dinheiro? Nada surge do nada. Me entendem? Ele vem do nosso esforço! Por isso, não façam essas caras apáticas de quem parece estar morrendo. Ergam seus peitos. A verdade é que, no fundo, no fundo, são eles quem sentem medo de nós. Não tenham medo!

Se não houvesse tripulantes e foguistas, esse navio não saía do lugar. E se os operários parassem de trabalhar, os ricos não colocariam nenhuma moedinha no bolso. Até mesmo o dinheiro usado para comprar, equipar e restaurar o navio fora obtido com o sangue de outros trabalhadores — dinheiro que eles espremem de nós. Os ricos e nós somos pais e filhos...

O superintendente adentrou no aposento. De maneira confusa, todos começaram a se dispersar.

Dez

O ar estava gélido e translúcido, como um vidro sem nenhum grão de pó. Às duas da madrugada, o céu já começava a clarear. As cordilheiras do Kamchatka, que emitiam um brilho púrpuro e dourado, sobre-erguiam-se uns dez centímetros à altura do mar, e estendiam-se ao longo do horizonte em direção ao sul. Naquela manhã com feições de madrugada, ondinhas levantavam-se umas atrás das outras, refletindo o frio brilho do Sol em suas superfícies. Elas desalinham-se e quebravam-se; mesclavam-se umas às outras, e voltavam a se quebrar. Cada vez que aquele movimento se repetia, uma luz cintilava. Ouvia-se o grasnar de gaivotas, embora não se

pudesse avistá-las. Fazia um frio revigorante. Às vezes, as gordurosas lonas que cobriam as cargas tremulavam ao sabor do vento. Sem aviso, o vento soprava.

Um pescador, que tinha as mãos cobertas pelas mangas do agasalho, semelhante a um espantalho, subiu as escadas, e pôs a cabeça para fora da escotilha. De supetão, gritou:

— Ei, os coelhos estão pulando! Vem aí uma grande tempestade! — Ondas em formato triangular erguiam-se.

Acostumados com o mar do Kamchakta, os pescadores logo entenderam do que aquilo se tratava.

— Está perigoso. Melhor não trabalharmos por hoje.

Uma hora depois, grupos de sete ou oito homens formaram-se aqui e acolá, abaixo das roldanas usadas para descer os botes. Dependurados, todos os botes balançavam no ar. Com os ombros colados uns nos outros, os homens olhavam para o mar e discutiam entre si.

Logo depois:

— Desisto! Desisto!

— Que eles comam merda!

Parecia que todos esperavam que alguém dissesse aquilo primeiro.

Empurrando os ombros dos outros, um pescador abriu caminho e disse:

— Ei, puxem de volta!

— Sim.

— Sim, isso mesmo!

— Mas... — disse hesitante um dos homens, lançando um olhar franzido para a roldana ao alto.

— Se quiser morrer, então que vá sozinho! — vociferou um homem que deu uma trombada no ombro do outro de supetão e estava prestes a sair.

Todos começaram a se retirar em grupo.

— Será que isso é realmente uma boa ideia? — alguém sussurrou. Dois homens que davam passos hesitantes ficaram para trás.

Abaixo da roldana vizinha, os pescadores permaneceram parados.

Quando viram seus colegas do bote número dois caminhando ao encontro deles, perceberam o que estava se passando. Quatro ou cinco homens ergueram as vozes e agitaram as mãos.

— Paramos, paramos!

— Isso mesmo, paramos!

Assim que os dois grupos se juntaram, todos se exaltaram. Paralisados e sem saber o que fazer, dois ou três homens que ficaram para trás observavam-nos com a expressão franzida. Então o grupo juntou-se aos pescadores do bote número cinco. Os outros que os olhavam, começaram a caminhar junto deles, resmungando algo em suas costas.

O pescador gago virou-se e gritou:

— Sejam firmes!

Como uma bola de neve, o grupo de pescadores tornou-se cada vez maior. O estudante e o gago corriam incessantemente de um lado para o outro. Ora estavam na frente do grupo, ora na retaguarda.

— Não se separem, está bem? Isso é o mais importante. Assim está bom. Ótimo!

Alguns tripulantes que faziam o reparo dos cabos, sentados ao redor da chaminé, ergueram suas cabeças e gritaram:

— O que está acontecendo aqui, hein?

Todos brandiram os braços na direção deles, e soltaram-lhes gritos. Para os tripulantes que os observavam do alto, pareciam-lhes um bosque a agitar-se.

— Certo! Então, nós também paramos de trabalhar!

Começaram a recolher os cabos.

— Era isso que esperávamos!

Os pescadores compreenderam, e mais uma vez gritaram.

— Primeiro, vamos voltar ao "porte de merda". Façamos assim. Aquele puto é um desalmado. Mesmo sabendo que uma grande tempestade está chegando, manda os botes ao mar. Seria um verdadeiro massacre!

— Não vamos deixar que aquele puto nos mate!

— Dessa vez, aprendemos a lição!

Regressaram quase todos ao "pote de merda". Dentre eles, havia aqueles que desceram, pois "não tinham outra escolha".

Assustado com a barulheira dos homens que entravam, um doente que dormia na escuridão levantou o dorso da cama, rígido como uma tábua. Quando lhe contaram porque haviam descido, seus olhos rapidamente encheram-se de lágrimas, e por diversas vezes, maneou a cabeça em concordância.

O pescador mudo e o estudante desceram à sala das máquinas por uma escada de quebra-costas que parecia ser feita de madeira. Como tinham pressa e não estavam acostumados com aquele tipo de escada, por diversas vezes seus pés escorregavam e ficavam pendurados perigosamente. O calor intenso da caldeira ardia no meio da sala, e para piorar estava escuro. Seus corpos logo se ensoparam em suor. Passaram por um gradeado que ficava acima da fornalha, e então novamente desceram mais um piso. Abaixo deles, ouviam gritos que ecoavam fortemente. Pela primeira vez sentiam o horror de descer àquele local: um poço milhares de palmos abaixo da terra semelhante ao inferno.

— O trabalho aqui também é de matar.

— Pois é. Já pensou se eles também são mandados ao coconvés para que-quebrar ca-caranguejo? Seria um problema e tanto...

— Tá tudo bem! Os foguistas são dos nossos!

— Sim, tu-tudo bem!

A escada dependurava-se na barriga da caldeira.

— Tá quente pra caralho! Isso aqui é um defumador de carne humana!

— Não é brincadeira! E olha que agora o fogo tá apagado, imagina quando estiver aceso!

— Hm, é mesmo.

— Quando atravessamos o Índico, trabalham em turnos de meia hora, e dizem que ainda assim ficam esgotados. Certa vez, o chefe das máquinas reclamou sem pensar e foi espancado com uma pá sem dó nem piedade. Para completar, queimaram-no na caldeira! Eu faria o mesmo!

— Pois é...

Em frente à fornalha, fuligem de carvão era expelida, e uma espessa cinza levantava-se como se alguém estivesse atirando água ao fogo. Perto dali, alguns foguistas descamisados fumavam e conversavam entre si, sentados ao chão abraçando os joelhos. No meio da penumbra, seus vultos assemelhavam-se, com exatidão, a gorilas agachados. Através da semicerrada portinhola do depósito de carvão, entrevia-se, de maneira esquisita, seu interior frio e escuro.

— Ei! — chamou o gago.

— Quem é? — perguntaram, olhando para cima. Suas vozes ecoaram umas três vezes: "Quem é?... Quem é?... Quem é?...".

Os dois começaram a descer a seu encontro.

— Perderam o caminho, foi? — Gritou um dos homens, ao perceber quem os visitava.

— Estamos em greve!

— Como é? Estão em *breve*?

— Não é nada disso. Greve! Estamos em greve!

— Sério?!

— Mesmo? O que acham então de deitarmos fogo na caldeira e voltarmos pra Hakodate? Seria interessante.

"Ótimo", pensou o gago.

— Isso! Assim que estivermos todos unidos, vamos dar cabo destes putos.

— Vocês vão conseguir!

— Sem essa de "vocês"! "Nós" vamos conseguir! — acrescentou o estudante.

— Sim, sim, tem razão! Vamos conseguir! — o foguista coçava sua cabeça, esbranquiçada pela fuligem do carvão.

Riram-se todos.

— Precisamos que vocês se organizem.

— Certo. Podem contar conosco. Há tempos queríamos dar uma sova nesses canalhas mesmo.

A parte dos foguistas estava resolvida.

Os operários foram todos trazidos para junto dos pescadores. Passada cerca de uma hora, os foguistas e tripulantes também se uniram ao grupo. Estavam todos reunidos no convés. O gago, o estudante, o Shibaura e o não-seja-fanfarrão haviam elaborado uma "lista de demandas". Decidiram apresentá-la diante de todos.

O superintendente e os outros, ao perceberem que os trabalhadores começavam a se enfurecer, simplesmente desapareceram.

— Que estranho!

— Estranho mesmo.

— As pistolas que eles carregam agora não servem de merda alguma!

O pescador gago pôs-se num lugar mais alto que os demais. Todos aplaudiram-no.

— Chegou a hora, companheiros! Há muito, muito tempo esperávamos por isso. Mesmo enquanto eles nos matavam aos

poucos, esperávamos. "Agora vocês vão ver!", pensávamos. Porém nossa hora finalmente chegou.

Companheiros, a primeira coisa a ser feita é unirmos nossas forças. Haja o que houver, jamais devemos trair uns aos outros. Se estivermos firmes quanto a isso, conseguiremos esmagá-los, mais facilmente do que se esmagam insetos. Dito isto, qual seria a segunda coisa a ser feita? A segunda etapa, companheiros, também consiste em unirmos nossas forças. Para que não haja um sequer retardatário. Para que não haja um sequer traidor, um sequer vira-casaca. Vocês devem saber que basta apenas um traidor para pôr a vida de trezentos homens em risco. Se houver apenas um traidor.... ("entendemos, entendemos", "pode deixar", "não se preocupe, deixe conosco")....

É incerto se nossas negociações irão derrotá-los, ou se conseguiremos cumprir totalmente esse dever. Tudo depende da força da nossa união, companheiros.

Em seguida, o representante dos foguistas e o dos tripulantes colocaram-se de pé. Usando um vocabulário com o qual não estava habituado, o representante dos foguistas enrolava-se com as próprias palavras. A cada tropeço com as palavras, enrubescia-se, e, de maneira inquieta, puxava a manga do macacão e metia as mãos nos buracos do traje esfarrapado. Quando os homens perceberam aquilo, bateram com os pés no chão do deque e gargalharam-se.

— ... Desisto. Mas, companheiros, devemos dar uma boa sova nesses putos! — disse e desceu do palanque.

Todos ofereceram-lhe, de maneira deliberada, uma grande salva de palmas.

— Bastava ele dizer essa última parte — gracejou alguém aos fundos. Então todos gargalharam em uníssono.

As pernas do foguista mal conseguiam o sustentar, e ele suava mais do que quando trabalhava com sua enorme pá em pleno verão.

— O que foi que eu disse? — perguntou a um companheiro, depois de descer do palanque.

— Você foi bem, muito bem! — disse sorridente o estudante, dando-lhe palmadinhas no ombro.

— A culpa é sua! Podia ter mandado outro para falar, tinha que ser justo eu...?

— Companheiros, esperávamos que este dia chegasse, — disse um operário de uns quinze anos que havia subido ao palanque.

— Todos sabem o quanto nossos amigos foram atormentados e massacrados neste navio-fábrica. À noite, debaixo de cobertores finos, choramos com saudades de nossas famílias. Perguntem aos operários aqui reunidos. Não há uma noite sequer sem que alguém se ponha a chorar. Assim como não há um só sequer sem feridas no corpo. Se assim continuar por mais uns três dias, certamente mais dos nossos morrerão. Se nossas famílias tivessem um pouco mais de dinheiro, a esta idade, estaríamos na escola, brincando como crianças, ao invés de estarmos aqui tão longe... (a voz do menino titubeou; ele passou a gaguejar e manteve-se quieto como se alguém o tivesse reprimido). Mas agora não importa. Está tudo bem. Com a ajuda dos adultos, nós conseguiremos nos vingar desses putos odiosos...

Sua fala gerou uma salva de palmas semelhante a uma tempestade. Um pescador de meia idade aplaudia efusivamente, e enxugava o canto do olho com a ponta de seus dedos grossos.

O estudante e o gago coletaram a assinatura dos homens num papel que continha um juramento e nome de todos escritos. Foi acordado que dois estudantes, o gago, o não-seja-fanfarrão, Shibaura, três foguistas e três tripulantes levariam a "lista de

reivindicações" e o "juramento" até a cabine do capitão, e que, no momento da entrega, fariam um motim. Já não era mais como em terra firme, onde cada um vinha de um canto diferente. Além disso, tinham embasamentos suficientes para suas reivindicações, o que os fizeram progredir com facilidade. Tamanha foi a facilidade, que mal conseguiam acreditar.

— Que estranho! Porque aquele demônio não mostra a cara?

— Achava que ficaria tão desesperado, a ponto de atirar na gente com aquela pistola pomposa.

Ao sinal do gago, os trezentos homens clamaram em uníssono por três vezes:

— Viva a greve!

— O desgraçado do superintendente deve estar tremendo só de ouvir nossa voz! — disse o estudante com um sorriso. Foi então, que invadiram a cabine do capitão.

O superintendente segurava a pistola com uma das mãos, e apontava-a para os representantes da greve.

O capitão, o chefe dos operários, o representante da fábrica e os outros, que pareciam discutir algo até aquele momento, encararam-nos com a expressão de quem havia acabado de entender o que se passava. O superintendente estava calmo.

— Já esperava que fizessem isso— disse-lhes, e soltou uma risada desdenhosa.

Os trezentos homens que se amontoavam do lado de fora, começaram a gritar e a bater os pés no chão.

— Barulhentos de merda! — murmurou o superintendente.

O representante, que não aparentava dar atenção àquilo tudo, escutou a balburdia do início ao fim; deu, por mera formalidade, uma olhadela na "lista de reivindicações" e no "juramento" assinado pelos trezentos homens; e disse pausadamente, com desinteresse:

— Não vão se arrepender?

— Imbecil! — exclamou o gago, que estava prestes a desferir um soco no nariz do superintendente.

— Ah, é? Está bem. Não vão se arrepender. — afirmou o superintendente, e logo mudou o tom:

— Então, escutem bem. Até amanhã de manhã vou lhes dar uma boa resposta...

Porém, antes que conseguisse terminar de falar, Shibaura derrubou a pistola de sua mão, e soltou-lhe um murro no rosto com seu punho. Estupefato, o superintendente levou as mãos ao rosto. Foi quando o gago pegou um tamborete com formato de cogumelo, e passou-lhe uma rasteira nas pernas. Seu corpo foi arremessado sobre a mesa, e então tombou ao chão de maneira patética. A mesa ficou de pernas para o ar.

— Uma boa resposta, é? Não zombe conosco, seu merda! Nossas vidas estão em jogo aqui.

Shibaura moveu seus largos ombros de maneira abrupta. Os tripulantes, foguistas e estudantes separaram-nos. A janela da cabine do capitão quebrou-se provocando um enorme estrondo. Naquele momento, os berros que vinham do exterior tornaram-se mais altos e distinguíveis: "Matem-nos!", "Espanquem-nos até a morte!", "Uma sova! Deem-lhes uma sova!" Sem que deixassem serem percebidos, o capitão, o chefe dos operários e o representante da fábrica agruparam-se num canto da sala, como varas rígidas. Seus semblantes estavam completamente pálidos.

Os pescadores, tripulantes e foguistas arrombaram a porta e invadiram o aposento como uma avalanche.

Depois do meio-dia, o mar transformara-se numa grande tempestade. Então, quando o entardecer se aproximava, acalmou-se paulatinamente.

Pensavam, até então, que nunca conseguiriam realizar a façanha de surrar o superintendente. No entanto, agora estavam a concretizá-la com as próprias mãos! Nem mesmo a pistola que tanto os aterrorizava foi capaz de detê-los. Estavam todos eufóricos. Os representantes reuniram-se e discutiram sobre as diversas medidas que tomariam a partir dali. "Se não nos derem a tal da "boa resposta", vamos dar-lhes uma lição", pensavam.

Já estava prestes a anoitecer. Um pescador que vigiava a entrada da escotilha avistou o contratorpedeiro se aproximar. Em pânico, debandou-se para o interior do "pote de merda".

— Estamos feitos! — um estudante saltou como uma mola. Num piscar de olhos, a cor de seu semblante alterou-se.

— Não tome conclusões precipitadas, — disse o gago, rindo-se.

— Se explicarmos com detalhes aos oficiais sobre nossa situação, nossa posição e reivindicações, irão nos apoiar e então sairemos bem-sucedidos da greve. É uma questão de bom senso.

— É verdade — disseram os outros em acordo.

— Trata-se de um navio de guerra do nosso Império. Hão de estar do nosso lado, que somos do povo, não é mesmo?

— Não, não... — disse o estudante, sacodindo a mão. Seus lábios tremiam tanto, que parecia ter sido afetado por um forte choque. As palavras saíam de sua boca aos tropeços.

— Do lado do povo? ...Não, não....

— Idiota! Existe algum motivo para que um navio do Império não esteja do lado do povo?!

— O contratorpedeiro chegou! O contratorpedeiro chegou! — A exaltação dos homens sobrepôs-se às palavras do estudante.

Ao som de muitos passos, todos se deslocaram do "pote de merda" em direção ao convés. Então, de repente suas vozes uniram-se em um grito:

— Viva a Marinha do Império!

Junto à rampa, estavam o capitão e o superintendente com os olhos vendados e as mãos atadas. A seu lado encontravam-se o gago, Shibaura, o não-seja-fanfarrão, o estudante, um marinheiro e um foguista. Devido à escuridão, não conseguiam enxergar com clareza, mas sabiam que três lanchas partiram do contratorpedeiro em sua direção. As lanchas aproximaram-se pelas laterais. Estavam abarrotadas de marinheiros, levando, cada uma, cerca de dezesseis homens. Todos se puseram a subir a rampa de uma vez.

Ah! Estavam com as baionetas caladas! E as fitas que prendem o capacete, apertadas ao queixo! "Estamos feitos!", gritou em seu interior o gago.

Da outra lancha, também desceram uns dezesseis homens. Como era de se esperar, os marinheiros da lancha seguinte também traziam baionetas caladas às pontas de seus rifles, e as fitas apertadas ao queixo! Assim como numa invasão pirata, os militares

subiram no navio ao mesmo tempo e cercaram os pescadores, tripulantes e foguistas.

— Ferrou! Merda, pegaram a gente! — gritaram, pela primeira vez, Shibaura e os representantes dos tripulantes e foguistas.

— Bem feito! — disse o superintendente.

Compreendiam agora a atitude estranha do superintendente, desde o início da greve. Porém, já era tarde.

Não foi lhes permitido falar. Sob acusações de serem "insolentes", "infiéis", "traidores que imitam os ruskis", os nove representantes foram escoltados até o contratorpedeiro, sob a mira das baionetas. De maneira absorta, os homens olhavam a cena, sem nada entender. Tudo ocorreu num piscar de olhos. Não lhes foi permitido pronunciar um *ai* sequer. Foi mais patético que observar uma folha de jornal sendo queimada até seu fim.

Com facilidade colocaram as coisas em seus "devidos lugares".

— Ninguém está do nosso lado, além de nós mesmos. Agora compreendo.

— E quanto àquela grande história, que o navio do Império iria apoiar o povo? São uns paus-mandados dos ricos, isso sim. Bem que estranhei! Que comam merda!

Por via das dúvidas, os marinheiros permaneceram a bordo por três dias. Nesse período, todas as noites os oficiais de alta patente reuniam-se com a turma do superintendente para encher a cara.

— Então é assim que as coisas funcionam....

Apesar se serem meros pescadores, naquele exato momento, compreendiam na carne quais eram seus "inimigos", e quão próximos eram uns dos outros (o que lhes era uma grande surpresa!).

Todo ano, ao fim da temporada de pesca, era costume preparar caixas "especiais" de enlatados de caranguejo. Porém, sempre as fabricavam de maneira "desleixada", sem a menor higiene sequer. Quando chegava essa época, os pescadores achavam que o superintendente cometeria atrocidades. Desta vez, contudo, as coisas se passaram de maneira diferente.

— Damos, literalmente, nossa carne e sangue para fazer essas latas. Não tenho dúvidas que estão uma delícia. Tomara que lhes deem dor de barriga!

Fabricavam-nas todos com esse sentimento.

— Coloque uma pedrinha! Quem se importa?

— Ninguém está do nosso lado, além de nós mesmos.

Dessa vez, aquelas palavras penetraram nos mais profundos recônditos de suas almas.

— Esperem só para ver!

No entanto, por mais que repetissem essas ameaças, perguntavam-se o que poderiam fazer daqui para frente. Depois que a greve foi completamente aniquilada, o trabalho tornara-se ainda mais severo.

— Seus putos, agora percebem a merda que fizeram?

À rudeza costumeira com a qual eram tratados, somava-se agora o sentimento de vingança do superintendente. Dessa vez, ele extrapolava todos os limites. O trabalho estava atingindo um nível insuportável.

— Estávamos enganados. Não devíamos ter escolhido nove representantes daquele jeito. Estamos falando de nove vidas. O que fizemos, na verdade, foi informá-los nosso ponto vital. Devíamos ter

agido todos juntos, como se fossemos um só. Se assim fizéssemos, o superintendente não teria contatado o contratorpedeiro. Jamais conseguiria entregar-nos todos de uma vez aos marinheiros. Porque assim não haveria ninguém para trabalhar.

— Tem razão.

— Pois é. Se continuarmos a trabalhar desse jeito, agora é que nos matarão de verdade. Devemos todos juntos boicotar o serviço, sem que ninguém tenha que se sacrificar. Façamos como da outra vez. Não era isso que o gago dizia? Acima de tudo, devemos unir nossas forças. Agora estamos cientes do que poderíamos ter conquistado se tivéssemos unido nossas forças.

— E ainda que chamem o contratorpedeiro, se dessa vez todos juntarmos as forças, não conseguirão entregar um de nós sequer! Pelo contrário, estaremos a salvo.

— Sim, talvez esteja certo. Pensando bem, se assim acontecer, o superintendente vai ser o primeiro a se desesperar diante da companhia. Buscar substitutos em Hakodate levaria tempo demais, e com isso a produção diminuiria, sem sombras de dúvidas... Se agirmos de maneira correta, sairemos dessa melhor do que esperamos.

— Excelente! E o mais incrível é que ninguém está com medo. Estão cagando para a gente!

— Na verdade, pouco nos importa se sairemos vitoriosos. Dessa vez é questão de vida ou morte.

— Isso! Vamos lá, mais uma vez!

E assim eles ergueram-se... mais uma vez!

Apêndice

Acrescentam-se alguns fatos que se passaram em seguida:

1. A segunda greve geral teve sucesso absoluto. Desconcertado, o superintendente fugira desesperadamente para sala do telégrafo, mas ficou empacado junto da porta, sem saber o que fazer.

2. Ao regressarem a Hakodate, no fim da temporada de pesca, o Hakkōmaru não era o único navio em que houvera boicotes e greve. Encontrou-se "propaganda vermelha" em mais dois ou três navios.

3. Por permitirem que o escândalo das greves ocorresse em plena temporada de pesca, causando forte impacto no montante da produção, o superintendente, o chefe dos operários e os outros fieis cães da companhia foram "impiedosamente" demitidos, sem sequer lhes pagarem um tostão (de forma mais cruel do que faziam com pescadores!). O mais engraçado de tudo, foi ver o superintendente esperneando: "Vão se arrepender! Esses merdas me enganaram até agora!".

4. Por fim, os pescadores e os jovens operários carregaram as ideias de "organização" e "luta", que haviam vivenciado pela primeira vez, às portas de delegacias e a diversos postos de trabalho.

Essa obra é uma página na história da invasão capitalista às colônias.

30 de março de 1929

4.1. Notas da tradução

Para tradução de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro* foi utilizada como obra de referência a versão publicada pela editora Shinchō Bunko, primeiramente em 1953 e revisada em 1963⁶¹.

Tendo em vista alcançar maior fidelidade ao texto original, ao se fazer a tradução de *O Navio-Fábrica Caranguejeiro*, orientamo-nos no sentido a atender ao princípio Henri Meschonnic em que se deve “traduzir o marcado pelo marcado, e o não marcado pelo não marcado” (apud Britto 2012, p.67). Isto é, manter simples o que era simples no original e recriar a complexidade onde a mesma é encontrada no texto de Takiji.

Para tanto, buscou-se uma tradução mais objetiva nas passagens onde não há marcação e manteve-se, quando possível, o estranhamento encontrado nas passagens evidentemente marcadas – como a oralidade que caracterizam o linguajar dos personagens, desvios de padrão, o japonês truncado do personagem chinês, a gagueira etc.

Nesse mesmo sentido, a tradução foi realizada atentando-se para que os diálogos, assim como no texto original, sejam dotados de “verossimilhança” (Britto, 2012). Ou seja, foi feito um esforço desta parte para que tradução das falas dos personagens encontradas no decorrer da obra mantenha proximidade com a fala de pessoas reais. Para este objetivo, nas ocasiões em que ocorre desvio de padrão da língua japonesa, optou-se pelo uso de desvios próprios do português brasileiro falado, como a supressão do “r” final do infinitivo e outras reduções por síncope como “tô” por “estou”, “cê” por “você”, “pra” por “para”, etc.

⁶¹ KOBAYASHI. *Kanikōsen, Tōseikatsusha (O Navio-Fábrica Caranguejeiro e Vida de um Partidário)*. 25. ed. Tóquio: Shinchō Bunko, 1963.

Acrescenta-se ainda que, para a realização desse trabalho será levado em consideração o conceito de *visada ética da tradução*, cunhado por Antonie Berman (apud Oustinoff, p. 133). Segundo esse teórico, a tradução tem como função intermediar culturas e promover mestiçagem cultural. Desta maneira, ao invés de uma abordagem “etnocêntrica da tradução”, que tem como objetivo domesticar o texto estrangeiro a tal ponto que o leitor ache que este foi escrito em sua própria língua, o tradutor deve adotar um posicionamento em relação a seu fazer tradutório, cuja finalidade seja “fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro” (ibidem, p. 133). Em outras palavras, a tradução deve ser feita de tal maneira que elementos da língua e cultura estrangeiras sejam preservados com a função de promover a heterogeneidade cultural e o não estranhamento entre os povos. Tendo em vista esse aporte teórico, essa tradução se realizou buscando-se trazer aspectos típicos da narrativa japonesa, como o emprego de onomatopeias com sentido adverbial:

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWEN-STRUYK, Heather. **Why a Boom in Proletarian Literature in Japan? The Kobayashi Takiji Memorial and The Factory Ship**. Disponível em < <http://apjjf.org/-Heather-Bowen-Struyk/3180/article.html>> . Acesso em 02 de maio de 2015.

BRITTO, Paulo. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BURCH, Noel. **To the distant observer: form and meaning in the Japanese cinema**. Califórnia: University of California Press, 1979, p. 282.

CARUS, Paul. **The Ainus**. Disponível em <<http://opensiuc.lib.siu.edu/ocj/vol1905/iss3/5/>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

CIPRIS, Zeljko. **To Hell With Capitalism: Snapshots from the Crab Cannery Ship**, Disponível em < <http://apjjf.org/2015/13/17/Zeljko-Cipris/4315.html>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

DE CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno. **Romance proletário em Rachel de Queiroz ou Vendo o lado de fora pelo lado de dentro**. Disponível em < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19026>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

DE OLIVEIRA, Ângela Meireles. **O longo resplendor: a revista Claridad argentina desde a internacionalização dos grupos Clarté à militância antifascista na década de 1930.** Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312915383_ARQUIVO_Olongoresplendor_final.anais.pdf>. Acessado em 02 de maio de 2016.

DUUS, Peter; SCHEINER, Irwin. **Socialism, Liberalism, and Marxism, 1901-1931** in *The Cambridge History of Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

FIELD, Norma. **Commercial Appetite and Human Need: The Accidental and Fated Revival of Kobayashi Takiji's Cannery Ship.** Disponível em <<http://apjjf.org/-Norma-Field/3058/article.html>>. Acessado em 02 de maio de 2015.

FIGUEIRA, Ricardo. **A migração e o trabalho escravo por dívida no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 2005. Disponível em <<<http://www.gptec.cfch.ufrj.br/pdfs/migracao2005.pdf>>>

HAYASHI, Sharon. **Neoliberalism and Global Cinema: Capital, Culture, and Marxist Critique.** Nova Iorque: Routledge, 2011. p. 180.

HIDETAKA, Tezuka. **Kobayashi Takiji.** Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, 1963. p.38. O conto jamais foi publicado.

HIRANO, Ken. **Hirano Ken Sakka Ron Shū** (Coletânea de Teses Sobre Autores por Hirano Ken). Tóquio: Shinchōsha, p.488, 1971.

HOWELL, David L. **Proto-industrial origins of Japanese capitalism**. Disponível em <http://scholar.harvard.edu/files/dhowell/files/proto-industrial_origins_of_japanese_capitalism.pdf?m=1357588861>. Acessado em 02 de maio de 2015.

HUFFMAN, James L. **Modern Japan: an encyclopedia of history, culture, and nationalism**. Routledge, p. 139, 2013.

HUNTER, Janet. **The emergence of modern Japan: an introductory history since 1853**. Londres: Routledge, 1989. p. 272.

KANIKŌSEN. Direção: SABU, Tóquio: IMJ Entertainment Corp, 109 min. Color, Formato 35 mm

KANIKŌSEN. Direção: Yamamura Sō. Tóquio: Gendai Productions, 112 min. Preto e branco, Formato: 35 mm

KANO, FUJIO; **WARD, MAURICE. SOCIALISM IS A MISSION: MAX BICKERTON'S INVOLVEMENT WITH THE JAPANESE COMMUNIST PARTY AND TRANSLATION OF JAPANESE PROLETARIAN LITERATURE IN THE 1930S**. Disponível em <http://www.nzasia.org.nz/journal/jas_dec2014_kano_ward.pdf>. Acessado em 02 de maio de 2016.

KARLSSON, Mats et al. **Kurahara Korehito's road to proletarian realism**. Disponível em <<http://shinku.nichibun.ac.jp/jpub/pdf/jr/JN2008.pdf>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

KATO, Sguichi. **A History of Japanese Literature**. Trad. Don Sanderson. Tóquio: Kodansha, 1983.

KEENE, Donald. **Japanese Literature and Politics in the 1930s.**
Journal of Japanese Studies, Vol2, n. 2, pp. 225-248, 1976.

_____. *Proletarian Literature of the 1920s in Dawn to the West*. New York: Columbia University Press, 1984.

KOBAYASHI, Takiji. *Kobayashi Takiji Zenshū* (Antologia de Kobayashi Takiji). Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, 1963.

_____, Takiji. **Kobayashi Takiji Zenshū** (Coletânea de Kobayashi Takiji). Vol. 15. Tóquio: Shin Nihon Shuppansha 1972, p. 175-201.

_____, Takiji. **The Crab Cannery Ship, and Other Novels of Struggle**. Traduzido por Cripis Zeljko. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2013.

_____. *Kanikōsen*. Tóquio: Iwanami Shoten, 2013.

_____. *Kobayashi Takiji: 21 seiki ni dô yomu ka*. Tóquio: Iwanami Shoten, 2009.

_____. *Kanikōsen, Tōseikatsusha* (O Navio-Fábrica Caranguejeiro e Vida de um Partidário). 25. ed. Tóquio: Shinchō Bunko, 1963.

KOMORI, Yōichi. In: KOBAYASHI, Takiji. **The Crab Cannery Ship, and Other Novels of Struggle**. Trad. Cipris Zeljko. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2013. Introduction, p.4.

KURAHARA, Korehito. **Kurahara Korehito hyōronshū** (Coletânea de Críticas de Kurahara Korehito). Tóquio: Shin Nihon Shuppansha, vol. 1. 1968. p. 277.

KURATA, Minoru. Kanikōsen oyobi gyōfu zatsufu gyakutai jiken. (Casos de maus-tratos de operários e pescadores em navios-fábricas de caranguejo). **Shōgaku Tōkyū** (Investigação Comercial). Otaru: Universidade Comercial de Otaru, 2002. v. 53, n. 1, p. 1-3.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da Tradução: do sentido à significância**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LARGE, Stephen S. **Nishio Suehiro and the Japanese Social Democratic Movement, 1920–1940**. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/pdf/2053841.pdf>> . Acessado em 02 de maio de 2016.

LARGE, Stephen. **Oligarchy, Democracy, and Fascism in A Companion to Japanese History**. Ed. William Tsutsui. West Sussex: Blackwell Publishing, 2009.

LIPPIT, Noriko. **The Dispute over Socialist Realism in Japan**. Michigan: Asian Studies Center, 1992.

MCCLAIN, James L. **Japan, a modern history**. Nova Iorque: WW Norton & Company, 2002. p 390.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do Traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Michaelis: Dicionário Prático Japonês-Português, Ed. Melhoramentos e Aliança Cultural Brasil-Japão, Coord. Katsunori Wakisaka, São Paulo, 2003.

MOTOFUJI, Frank. In: TAKIJI, Kobayashi. **The Factory Ship and The Absentee Landlord**. Trad. Frank Motofuji. Seattle: University of Washington Press, 1973. Introduction, p.7-43, 1973.

OUSTINOFF, Michael. **Tradução: História, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola, 2011.

PAICHADZE, Svetlana; SEATON, Philip A. (Ed.). **Voices from the Shifting Russo-Japanese Border: Karafuto/Sakhalin**. Londres: Routledge, 2015. p. 57

RYANG, Sonia. **The great Kanto earthquake and the massacre of Koreans in 1923: Notes on Japan's modern national sovereignty**. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/48527/pdf>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

SHIGA, Naoya. **Kawa Bunko**. Tóquio: Zauhō Konkōtai, 1946. p.122.

TAKAOKA, Yoshikazu. **Introduction to Contemporary Japanese Literature**. Tóquio: The Society

TOGAWA, Shinsuke. **Kindai nihon bungaku an'nai**. Tóquio: Iwanami Shoten, 2008. P.321-324

UCHIDA, Mahito. Towards the end of declation in Japan? Monetary policy under Abenomics and the role of the central bank. *OFCE*. Paris, nº135, p. 244, abril de 2014.

VAIGLIELMO, Valdo. **An Aspect of the Japanese Novel in Poetics of the Elements in the Human Condition: The Sea: From Elemental Stirrings to Symbolic Inspiration, Language, and Life-Significance in Literary and Theory**. Ed. Analecta Husserliana. Londres: Springer, 1985.

WALD, David J.; SOMERVILLE, Paul G. **Variable-slip rupture model of the great 1923 Kanto, Japan, earthquake: Geodetic and body-waveform analysis.** Disponível em <<http://www.bssaonline.org/content/85/1/159.full.pdf+html>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

MAPAS:

Figura 5: Mapa da Região de Hokkaidō e Tohōku⁶²

⁶² Fonte: Google Maps. <<https://www.google.com.br/maps/@42.7700013,141.9497902,7z>>. Acessado em 02 de maio de 2016.

Figura 6: Mapa do Mar de Okhotsk⁶³

⁶³ Fonte: Google Maps. < <https://www.google.com.br/maps/@51.1023849,149.4472248,5z>>. Acessado em 02 de maio de 2016.